



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO**

CLAUDIANA BOMFIM DE ALMEIDA SANTOS

**OCORRÊNCIAS VIOLENTAS NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE
SANTANA - BA**

Feira de Santana-BA
2020

CLAUDIANA BOMFIM DE ALMEIDA SANTOS

**OCORRÊNCIAS VIOLENTAS NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE
SANTANA - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade estadual de Feira de Santana – BA, na área de concentração em Epidemiologia e linha de pesquisa em Saúde de Grupos Populacionais Específicos - Juventude, orientada pela Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa.

Feira de Santana-BA
2020

CLAUDIANA BOMFIM DE ALMEIDA SANTOS

**OCORRÊNCIAS VIOLENTAS NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS
ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE
SANTANA - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana BA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva.

Aprovada em 17 de Junho de 2020

Banca Examinadora

Maria Conceição Oliveira Costa - Orientadora

Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Djanilson Barbosa dos Santos – Titular

Doutor pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Deisy Vital dos Santos – Titular

Doutora pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Jamilly de Oliveira Musse – Suplente

Doutora pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Vanessa Ribeiro Simon Calvacanti – Suplente

Doutora em pela Universidade de Leon, Espanha.
Professora da Universidade Católica de Salvador (UCSal).

*As memórias de minha avó, que
mesmo sem saber ler, foi uma
grande entusiasta e incentivadora
da minha educação formal.
Aos meus pais, pelos sábios
ensinamentos e por terem
abdicado de tantos sonhos para
que os meus(nossos) fossem
concretizados.*

Dedico

AGRADECIMENTOS

Todos especiais...

A Deus, minha fonte inesgotável de luz, amor e paz, agraciada pela tua misericórdia divina, pelo dom da vida, e por me proporcionar a capacidade de seguir em frente, sem desanimar, pois, sempre esteve comigo, me dando força e coragem para vencer os obstáculos.

*Aos meus pais, que não pouparam esforços para que a minha trajetória acadêmica fosse viabilizada. A minha mãe pelo exemplo de bondade e honestidade, por ensinar a valorizar as coisas mesmo que pequenas sejam, por compreender a minha ausência e por nunca ter me deixado desanimar com suas palavras de sabedoria e fé. Ao meu pai pela alegria transmitida, pela vibrante torcida. A vocês, toda a minha gratidão. Amo muito vocês!
Voinha Antônia, que lá de cima continua a me guiar e a me fazer sentir capaz de enfrentar às lutas diárias.*

*Meu irmão Claudinho pelo companheirismo, amizade verdadeira e pelas vibrações positivas com seu alto astral sem igual. Obrigada por me fazer enxergar a vida com mais leveza. Aos irmãos que a vida me presenteou, Ed e Tami, grata pela parceria e lealdade de sempre. Que venham mais muitas décadas de amizade sincera.
A todos os familiares pela torcida, em especial a minha Jel, pela admiração recíproca e por tantas alegrias.*

A orientadora sensacional, Professora Doutora Maria Conceição, exemplo de força, fé, perseverança e superação, grata por toda dedicação, paciência, ensinamentos, disponibilidade e as inúmeras orientações, sem as quais não seria possível a efetivação deste trabalho. Sou sua fã!

*A professora Magali, por toda paciência, colaboração e pela tranquilidade e positividade transmitida. Obrigada por me fazer acreditar que tudo daria certo.
A família NNEPA, pessoas de muita energia e luz, que contribuem para uma caminhada mais leve e serena, por meio de sorrisos, abraços e preciosas contribuições. Vocês são sensacionais.*

A minha turma do mestrado, em especial a Lai, Wal e Jean, obrigada pelas constantes trocas de conhecimento e pelas palavras de conforto.

A minha segunda casa, a UFRB, por viabilizar a concretização desse sonho.

*As Secretarias de Educação pela liberação das escolas para campo de coleta.
Aos estudantes por terem participado da pesquisa, apesar de todo constrangimento e desconforto que a temática possa ter gerado.*

Aos funcionários do PPGSC, Goreth, Jorge e Regina pelo suporte, apoio e atenção.

Aos professores do PPGSC e convidados, que tenho enorme admiração e respeito pelos ensinamentos e exigência solicitada durante essa trajetória.

Aos membros da banca Profa. Deisy e Prof. Djanilson pela disponibilidade e preciosas colaborações.

A todos, minha gratidão!

*A violência,
seja qual for a maneira como ela se manifesta,
é sempre uma derrota.*

SARTRE, Jean-Paul

SANTOS-ALMEIDA, Claudiana Bomfim de. Ocorrências violentas nas relações afetivo-sexuais de jovens estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana – BA. 166 f. il. 2020. Dissertação, Mestrado em Saúde Pública, Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

RESUMO

A violência por parceiros íntimos configura-se como um grave problema de saúde pública, podendo ocorrer entre casais heterossexuais ou do mesmo sexo, sem que necessariamente exista intimidade sexual. Estudiosos da área reconhecem a vulnerabilidade de jovens, uma vez que, diversas pesquisas têm demonstrado altas frequências de eventos violentos nas relações de intimidade. Esta investigação teve o intuito discorrer sobre a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais atuais ou recentes de estudantes, mais especificamente, os abusos psicológicos e físicos, sofridos e/ou perpetrados. Para isso, utilizou o banco de dados de um Projeto Interinstitucional apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, com uma amostra representativa e por conglomerados, totalizando 1.703 estudantes, de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 24 anos, matriculados na rede pública de ensino do município de Feira de Santana, Bahia. Para coleta dos dados utilizou o instrumento “*Parcours Amoureux des Jeunes (PAJ)*”, original do Canadá, adaptado e validado no contexto brasileiro, resultando na versão “Percurso Amoroso de Jovens”. A priori, o banco foi digitado no programa *EpiData Software* versão 3.0, em seguida os dados foram transferidos e processados no ambiente de programação computacional *R Development Core Team* versão 3.6.1, para proceder as análises estatísticas e de associações. De modo atender ao objetivo proposto, foram incluídos 924 adolescentes e adultos jovens que declararam relacionamento atual ou recente (nos últimos 12 meses). Os resultados foram apresentados no formato de dois artigos, a saber: 1 - Violência física nas relações afetivo-sexuais de jovens: Contribuições da Análise de Classes Latentes e 2 - Agressor de violência psicológica e física nas relações afetivo-sexuais de jovens. Este estudo pioneiro, possibilitou conhecer como a violência se manifesta nas relações amorosas entre casais jovens, podendo contribuir na elaboração de novos estudos e das políticas e programas de atenção à juventude, bem como dar visibilidade a este fenômeno dolente.

Descritores: Violência por Parceiro Íntimo. Adolescente. Adulto Jovem.

SANTOS-ALMEIDA, Claudiana Bomfim de. Violent occurrences in the affective-sexual relationships of young students from public schools in the municipality of Feira de Santana - BA. 166 f. il. 2020. Dissertation, Master in Public Health, Feira de Santana State University - Feira de Santana, 2020.

ABSTRACT

Intimate partner violence is a serious public health problem, which can occur between heterosexual or same-sex couples, without necessarily having sexual intimacy. Scholars in the field recognize the vulnerability of young people, since several studies have shown high frequencies of violent events in intimate relationships. This investigation had the intention to talk about the violence in the current or recent affective-sexual relationships of students, more specifically, the psychological and physical abuse, suffered and / or perpetrated. For that, it used the database of an Interinstitutional Project appreciated and approved by the Research Ethics Committee of the State University of Feira de Santana, “Youth health and violence: Interlocution between the health information network and the education system, to prevent family, loving and peer victimization”, with a representative sample and by clusters, totaling 1,703 students, of both sexes, aged 14 to 24 years old, enrolled in the public school system in the municipality of Feira de Santana, Bahia. For data collection, he used the instrument “Parcours Amoureux des Jeunes (PAJ)”, original from Canada, adapted and validated in the Brazilian context, resulting in the version “Youthful Path”. A priori, the bank was entered into the EpiData Software version 3.0 program, then the data were transferred and processed in the R Development Core Team version 3.6.1 computer programming environment, to carry out statistical and association analyzes. In order to meet the proposed objective, 924 adolescents and young adults who declared a current or recent relationship (in the last 12 months) were included. The results were presented in the format of two articles, namely: 1 - Physical violence in the affective-sexual relationships of young people: Contributions of the Latent Class Analysis and 2 - Aggressor of psychological and physical violence in the affective-sexual relationships of young people. This pioneering study made it possible to understand how violence manifests itself in love relationships between young couples, and can contribute to the development of new studies and youth care policies and programs, as well as to give visibility to this harmful phenomenon.

Descriptors: Intimate Partner Violence. Adolescent. Young Adult.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Figura 1: Esquema do processo para o cálculo amostral.....	65
Quadro 1: Variáveis, perguntas, categorização e recategorização para a síntese dos desfechos nos diferentes artigos.....	68
Quadro 2: Variáveis, pergunta de investigação, categorização e recategorização para investigação das exposições relacionadas aos desfechos.....	69

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1. Critério de Seleção dos Modelos de Classe Latente, para identificar grupos de vítimas e agressores de violência física recente, nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana BA, 2018.....84

Tabela 2. Probabilidade de respostas às questões referentes à condição de vítima de violência física recente, nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens, segundo análises das três classes latentes geradas pela biblioteca poLCA. Estudantes da rede pública de ensino, Feira de Santana (BA), 2018.....85

Tabela 3: Probabilidade de respostas às questões referentes à condição de agressor de violência física recente, nos relacionamentos afetivo-sexuais, segundo análise das duas classes latentes geradas pela biblioteca polca. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....85

Tabela 4. Perfil sociodemográfico de adolescentes e adultos jovens, segundo a vitimização por grupos da variável desfecho “nunca vitimizados; vitimizados moderado; vitimizados grave”, gerada pela biblioteca poLCA. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....86

Tabela 5. Direcionalidade da violência física nos últimos 12 meses (recente) nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....87

Tabela 6. Modelo I: Regressão logística binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho “vítima de violência física recente”, nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana (BA), 2018.....88

Tabela 7. Modelo II: Regressão logística binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho agressor de violência física recente nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....89

Artigo 2

Tabela 1: Violência psicológica e física perpetrada por adolescentes e adultos jovens nas relações afetivo-sexuais, segundo os sexos. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana BA, 2018.....107

Tabela 2: Perfil sociodemográfico de adolescentes e adultos jovens, segundo o tipo de perpetração cometida (psicológica e/ou física), Violência Psicológica e/ou Física, nas relações afetivo-sexuais. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....107

Tabela 3: Agressor de violência psicológica e/ou física recente, entre casais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....108

Tabela 4. Modelo I: Regressão Logística Binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho agressor de violência psicológica e/ou física recente nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.....109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACL	Análise de Classes Latentes
AIC	Critério de Informação <i>Akaike</i>
AIDS	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
ANPPS	Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde
APVP	Anos Potenciais de Vida Perdidos
BIC	Critério de Informação <i>Bayesiano</i>
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CID	Classificação Internacional de Doenças
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
DAB	Departamento de Atenção Básica
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
ÉVISSA	<i>Équipe Violence Sexuelle et Santé da Université du Québec a Montréal</i>
IC	Intervalo de Confiança
ICT	Índice de Validação de Conteúdo
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MS	Ministério da Saúde
NEDH	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos
NNEPA	Núcleo de Pesquisa em Saúde da Infância e Adolescência
NRE	Núcleo Regional de Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAJ	Percurso Amoroso de Jovens
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SISNAB	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
SPA	Substância Psicoativa
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSal	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UQAM	Universidade do Quebec Montreal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	19
2.1	GERAL	19
2.2	ESPECÍFICOS	19
3	REVISÃO DA LITERATURA	20
3.1	JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE	20
3.1.1	Conceituando à Juventude	20
3.1.2	Os principais problemas relacionados a Juventude na Contemporaneidade	23
3.1.3	Relações afetivo-sexuais de jovens	32
3.2	VIOLÊNCIA: UM FENÔMENO MULTICAUSAL	38
3.2.1	Abordagens explicativas da violência nas relações afetivo sexuais de jovens	38
3.2.2	Violência nas relações afetivo-sexuais de jovens	44
3.3	O AMBIENTE ESCOLAR COMO LÓCUS DE PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E OCORRÊNCIAS DE EVENTOS VIOLENTOS	52
4	MATERIAIS E MÉTODO	63
4.1	TIPO DE ESTUDO	63
4.2	LOCAL DE ESTUDO	64
4.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO	64
4.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	65
4.5	TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	67
4.6	VARÁVEIS DO ESTUDO	68
4.6.1	Variável desfecho (dependente)	68
4.6.2	Variável de exposição (independente)	69
4.7	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS	72
4.8	ASPECTOS ÉTICOS	73
5	RESULTADOS	75
5.1	ARTIGO 1: Violência física nas relações afetivo-sexuais de jovens: Contribuições da Análise de Classes Latentes	76
5.2	ARTIGO 2: Agressor de violência psicológica e física nas relações afetivo-sexuais de jovens	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
7	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA – INQUÉRITO PERCURSO AMOROSO DE JOVENS (PAJ)	143
	ANEXO 2: LIBERAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO	163

ANEXO 3: LIBERAÇÃO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO	164
ANEXO 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	165
ANEXO 5: PARECER CONSUBSTANCIADO	166

1 INTRODUÇÃO

A violência configura-se como um grave problema de saúde pública, de grande magnitude e transcendência, resultando em profundos danos sociais, econômicos e emocionais, sobretudo em virtude do impacto negativo sobre a saúde, qualidade de vida e nos Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP) (BRASIL, 2005a, 2010).

Definir violência não é uma tarefa fácil, porém muitos são os esforços para conceituar tal fenômeno considerado *complexo, polissêmico e controverso* (MINAYO, 2010a), conceitos têm sido propostos para se falar de práticas, hábitos e disciplinas, de tal maneira que o comportamento social poderia ser visto como violento (CARMAGO; ALVES; QUIRINO, 2005).

Desde 1970, a violência tem sido uma das principais causas de morbimortalidade, deixando de ser um problema exclusivo da área social e jurídica, para ser também incluída no setor saúde, devido a exigência de cuidados médico-hospitalares em virtude dos impactos negativos nas vítimas e seus familiares, levando-se em conta o princípio da intersetorialidade, presente pela concepção ampliada de saúde (MINAYO, 2004; BRITO et al., 2005).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), relata que no mundo todo, por causas violentas todo ano, registram mais de 1,3 milhão de mortes em consequência da violência, em todas as suas formas, o que corresponde a 2,5% da mortalidade global (WHO, 2014). Além desta, o Ministério da Saúde (MS) afirmou que a violência e acidentes (causas externas) juntos constituem a segunda causa de morte no quadro da mortalidade geral brasileira e a primeira entre jovens de 5 e 19 anos de idade (BRASIL, 2002).

Complementando, o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) revelou que, entre janeiro de 2005 a junho de 2015, ocorreram 160.429 óbitos de adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos por causas externas (DATASUS, 2017). Diante desse panorama dolente, a violência se apresenta como um dos mais importantes desafios para o século XXI, sendo que muitas de suas formas e tipologias têm sido relatadas na literatura, incluindo a violência no contexto das relações afetivo-sexuais de jovens (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

A violência por parceiro íntimo, pode ocorrer entre casais heterossexuais ou do mesmo sexo, e não requer intimidade sexual. As agressões físicas, sexuais e psicológicas se materializam de forma presencial ou através de meios eletrônicos, em espaços públicos e/ou privados, entre parceiros atuais ou em relacionamentos anteriores (NIOLON et al., 2017).

Estudo em contexto nacional, envolvendo 260 estudantes da rede pública de ensino de Recife -PE, na faixa etária de 12 a 18 anos, encontraram que 19,2% dos adolescentes já tinham sido agredidos(as) pelo(a) parceiro(a), sendo que a violência verbal foi a mais frequente (60,4%), seguida da física (28,3%) (BESERRA et al., 2015). Já uma pesquisa domiciliar norte-americana, com amostra representativa de adolescentes, com idades compreendidas entre 12 e 18 anos, evidenciaram que 69% da amostra relatou vitimização e 63% declararam ter sido agressores contra sua(seu) parceira(o) (TAYLOR; MUMFORD, 2014).

As díspares prevalências da violência nas relações íntimas encontradas pelos estudos supracitados, podem ocorrer devido as diferentes metodologias e conceituações utilizadas, e ao tipo ou tipos de violência avaliados (CHEN; FOSHEE; REYES, 2011). Contudo estudiosos convergem para o reconhecimento da vulnerabilidade de jovens, uma vez que, pesquisas têm demonstrado altas frequências de eventos violentos nas relações de intimidade (HÉBERT; BLAIS; LAVOIE, 2017; TAYLOR; MUMFORD, 2014; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; CARIDADE; MACHADO, 2013; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; FERNANDEZ-FUERTE; FUERTES, 2010).

Para Gomes (2011), no imaginário social, é habitual a concepção que as relações de intimidade de jovens (“ficar”, namoro) não se configuram em espaços para manifestações violentas, perpassando a ideia de que

embora não se sustente quando os adolescentes refletem sobre as suas experiências no relacionamento afetivo-sexual – pode servir para, no plano ideal, positivar o namoro como espaço do afeto e do prazer, aspectos que, comumente, não combinam com a violência. Assim, ainda que seja como uma atitude bem inicial da conversa sobre o namoro, deslocar a violência desse espaço é uma forma de os adolescentes valorizarem positivamente esse tipo de relacionamento (GOMES, 2011 p. 142).

Nos contextos escolares, espaços importantes de socialização de jovens, esse tipo de agravo tem sido amplamente documentado, desvinculando a imagem da escola como um espaço próprio e restrito a aquisição de conhecimentos, aprendizado, formação cidadã e de qualificação profissional, para ser reconhecida como um ambiente na qual impera o desrespeito, a violência, insegurança, vivência de conflitos e intrigas, repercutindo negativamente sob a saúde física e psíquica de quem sofre essas agressões (ROSSATO; ARCOVERDE, 2012), violando os princípios jurídicos da Constituição Magna de 1988, na qual é dever do Estado garantir acesso universal e igualdade de condições de acesso e permanência na escola, visando o pleno desenvolvimento da pessoa humana (BRASIL, 1988).

Cabe salientar que, os termos *relações de namoro* e *afetivo-sexuais* estão copiosamente relatados na literatura para reportar às relações de intimidade de casais jovens e nesta investigação serão utilizados como sinônimos.

Desse modo, a presente investigação terá como sujeitos, jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, uma vez que é nessa fase que surge o desejo intenso de estabelecer uma relação afetiva entre os pares, sendo que o “ficar” e o namoro assumem papel fundamental, permitindo a exploração de si próprio e do outro, através do companheirismo, experimentação sexual e resolução de conflitos (FÉLIX, 2012).

Com base no exposto, muitas são as razões que me aproximaram da temática, das quais começaram ainda na graduação ao participar do Projeto de Extensão sobre “Saúde da Criança e Adolescente” e ao realizar uma pesquisa de cunho qualitativo intitulado “Violência intrafamiliar contra crianças: Atuação das Agentes Comunitárias de Saúde na Estratégia de Saúde da Família (ESF) da zona urbana de Santo Antonio de Jesus – Bahia” como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Enfermagem, participação como ouvinte da disciplina de Mestrado *Saúde da Criança e Adolescente*, as discussões suscitadas no *Núcleo de Pesquisa em Saúde da Infância e Adolescência (NNEPA)*, na qual iniciei minha participação como colaboradora, além do meu interesse particular pelo tema, por considerar intrigante e complexo.

Dessa maneira, a proposta investigação visa responder ao seguinte questionamento: Dessa maneira, a proposta investigação visa responder ao seguinte questionamento: Quais as manifestações violentas (sofridas e/ou perpetradas) mais frequentes nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e jovens estudantes e como os fatores sociodemográficos, relacionais e os hábitos de vida podem estar relacionada ao fenômeno?

Assim, o presente estudo torna-se relevante por ser uma temática incluída na *Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde (ANPPS)* em seu capítulo *Violência, Acidentes e Trauma*, na qual sugere:

Avaliação de políticas, programas, projetos e demais intervenções relacionadas à prevenção da violência, acidentes e traumas, incluindo-se os do trabalho, violência familiar, suicídios, homicídios entre adolescentes e jovens, acidentes de trânsito, violência sexual, consumo de substâncias psicoativas, álcool e intoxicações (BRASIL, 2015a, p.13).

Ademais, a ANPPS sugere ainda a compreensão da magnitude, dinâmica e compreensão da problemática da violência por meio de estudos quantitativos de base populacional, assim como estudos qualitativos, com o intuito de estimar a incidência e prevalência do comportamento violento e vitimização, avaliar os efeitos da violência no processo de adoecimento dentre outros (BRASIL, 2015a).

Além disso, devido as altas prevalências e as repercussões negativas sobre a saúde dos envolvidos, a violência que ocorre no contexto das relações afetivo-sexuais de jovens, tem sido reconhecida nos últimos tempos como um problema social e de saúde pública (GONZÁLEZ, 2013), sendo necessária e de extrema importância pesquisas nessa área, por dois motivos principais: primeiro para melhorar as vivências afetivo-sexuais entre os jovens e segundo para prevenir a violência conjugal (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Desta forma, esta investigação buscará contribuir com propostas e ações voltadas para prevenção e intervenção, que possam subsidiar políticas públicas e mobilização social coniventes com a realidade local. Além de poder colaborar para a realização de novos estudos que busquem aprofundar na dimensão do problema em questão.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar os eventos violentos recentes (sofridos e/ou perpetrados) ocorridos nas relações afetivo-sexuais de estudantes, de ambos os sexos, nas faixas etárias de 14 a 24 anos, matriculados na rede Pública de Ensino do município de Feira de Santana, Bahia.

2.2 ESPECÍFICOS

Caracterizar os eventos violentos recentes (sofridos e/ou perpetrados) ocorridos nas relações afetivo-sexuais, segundo tipologia da violência (psicológica e/ou física);

Avaliar a direcionalidade da violência física recente (sofrida e/ou perpetrada) nas relações afetivo-sexuais de jovens;

Investigar as associações existentes entre as variáveis sociodemográficas, hábitos de vida e experiências abusivas pregressas com as agressões físicas e/ou psicológicas (perpetradas e/ou sofridas) nas relações afetivo-sexuais de jovens.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE

3.1.1 Conceituando à Juventude

Falar sobre juventude pode parecer um tema óbvio, visto que todos compartilham de uma noção social, convive com jovens e coleciona opiniões a respeito de suas características, problemas e virtudes. Entretanto nos últimos anos, o volume de pesquisas em torno da população juvenil tem aumentado de forma substancial, se consolidando enquanto campo teórico de grande interesse social e científico (MINAYO, 2011).

Para Savage (2009) as primeiras discussões da condição juvenil foram desenvolvidas pela área da Criminologia, evidenciando a juventude como uma etapa conturbada da vida, marcada pela rebeldia, pela capacidade de afrontar a ordem vigente, pela extrapolação dos limites e das tradições. Portanto, para esse estágio específico do desenvolvimento humano, adotaram-se medidas de proteção e foi aumentada a vigilância.

Para exemplificar, o antigo Código de Menores instituído em 12 de outubro de 1927, tratava apenas do menor de 18 anos em situação irregular, ou seja, quando fosse abandonado moral ou materialmente, vítima de crime, em desvio de conduta ou quando fosse autor de infração penal, na qual eram submetidos às medidas de assistência ou proteção. Essa restrição da criança e do adolescente como *menores* diferenciava-os daquelas que, por sua situação social, não tinham necessidade da intervenção do Estado em suas vidas (BEZERRA, 2006; SIERRA; MESQUITA, 2006).

Embora que o conhecimento acerca da condição juvenil decorra avançando, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011) ainda sublinha a grande dificuldade em definir, em termos precisos, o conceito de adolescência e juventude, por duas razões principais. Em primeiro lugar, surge pelo fato de que cada indivíduo experiencia estas fases da vida de maneira distinta, dependendo do seu nível de maturidade física, emocional e cognitiva. E o segundo fator, que impede uma clara definição, é a grande variação nas leis nacionais que definem os limites de idade mínima para a participação em atividades reservadas aos adultos, viabilizando que muitos adolescentes e jovens em todo o mundo estejam envolvidos com atividades militares, políticas, laborais e matrimoniais, com os quais são obrigados a assumir papéis que os privam de viverem sua condição juvenil.

Cabe salientar que, em muitos países a maioridade (idade legal em que um indivíduo é reconhecido como um adulto, devendo arcar com todas as responsabilidades inerentes sobre esse *status*) de 18 anos é aceita. Contudo, no Irã, esta acontece aos 9 anos para as garotas e aos

15 para os rapazes (UNICEF, 2011), ratificando a falta de uma definição padrão e amplamente amparada por todas as nações.

Apesar dos empecilhos supracitados, faz-se necessário definir em termos concisos a juventude, com o propósito de subsidiar o estabelecimento de políticas públicas condizentes as reais necessidades dos jovens. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS) circunscreve adolescência à segunda década de vida (de 10 a 19 anos) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos (ONU, 2004).

Para o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), adolescente é o indivíduo cuja faixa etária encontra-se entre 12 e 18 anos. Cabe destacar que o ECA, contrapõe-se a um passado de exclusão social, substituindo o malfadado princípio da situação irregular pela moderna doutrina da proteção integral, representando dessa maneira um avanço cultural da sociedade como um todo, reconhecendo as crianças e adolescentes como parte integrante da família e da sociedade, assegurando-lhes todos os direitos fundamentais do ser humano e o pleno exercício da cidadania (BRASIL, 1990; ROQUE; FERRIANI, 2002; BRASIL, 2006a; BEZERRA, 2006).

Com base no exposto, fica evidenciado um descompasso entre a fixação etária pela Legislação Brasileira vigente e a da OMS, que também é adotada pelos órgãos de defesa dos direitos juvenis. Embora não sejam unânimes quanto aos limites cronológicos, convergem no reconhecimento da vulnerabilidade desses jovens, especialmente à violência (BRASIL, 1990; UNICEF, 2011).

Diante do contexto, torna-se notório conceituar vulnerabilidade, a qual é entendida como à susceptibilidade individual ou familiar de desenvolver um distúrbio ou inadequação, diante de um ou mais indicadores de risco. A vulnerabilidade somente atua quando o risco está presente; sem o mesmo, a vulnerabilidade não tem ação (COWAN; COWAN; SCHULZ, 1996). Segundo Morais, Raffaelli e Koller (2012), o risco tende a individualizar e personificar as situações de adversidade vivida, relacionando-a a um comportamento, enquanto que vulnerabilidade social busca compreendê-la como resultado de um processo social que remete à condição de vida e aos suportes sociais.

Entretanto, a aceção do que representa a juventude pelo intermédio do recorte etário é, talvez, a maneira mais simples de tentar circunscrever sujeitos cujas experiências se caracterizam por serem diversas e desiguais (IBASE, 2006). Um aspecto importante a ser considerado é que, embora exista um processo psíquico, a vivência da juventude é também produto do momento histórico e do meio sociocultural que cada indivíduo vivencia, exteriorizando de maneira extremamente singular. Sendo que nas últimas décadas, a globalização e a ênfase pelo consumismo têm influenciado de forma preponderante na mudança

de valores e no comportamento das pessoas, principalmente dos jovens, com predominância do individualismo e das leis de mercado (BRASIL, 2006b).

Além dos aspectos culturais, ser jovem implica em um mister processo de vivência de ‘desconstrução’ e ‘reconstrução’ de sua identidade, o qual são conduzidos pelo desejo natural de saber sobre todas as coisas que a vida tem a oferecer, levando-os a uma permanente curiosidade e, às vezes, à experimentação de tudo o que se apresenta como novo, podendo se expor a situações de riscos, potencializando ainda mais a sua vulnerabilidade (BRASIL, 1999; 2013).

Diante disso, ressalta que a juventude será apenas uma palavra (BOURDIEU, 1983), caso não se busque compreendê-la como categoria em permanente construção social e histórica, incorporando a complexidade da vida - em suas dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas, econômicas -, de modo a organizar as múltiplas maneiras de vive-la (IBASE, 2006).

Lyra e colaboradores (2002), apoiados por historiadores e sociólogos, questionam assim como Bourdieu a visão reducionista sobre juventude, que ao ser considerada como uma fase inerente ao desenvolvimento humano, deve ser desprendida dos fatores orgânico e cronológico, sugerindo uma compreensão mais ampliada e pautada na experiência vivida pelo sujeito, em que se agregam valores étnicos/raciais, de gênero e de classe, ou seja, pessoas com idades variadas poderiam viver dilemas e questões próprias dessa fase da vida, sem que sejam enquadradas na faixa etária associada a este grupo.

Assim, o enquadramento etário dificultaria a identificação de pessoas com necessidades semelhantes de acesso a direitos, de exposição à riscos ou de morbidades específicas e que estariam de fora deste grupo, uma vez que além de impreciso, o conceito de adolescência e juventude está marcado pela tradição “*medicalista, psicologizante e controlista*” (CASTRO, 2009, p. 31).

Como consequência dessas transformações socioculturais, e pelos vários estereótipos criados pela sociedade e pela indústria midiática que, constantemente, associam a juventude à noção de crise, balbúrdia, irresponsabilidade, um problema social a ser resolvido (MEDRADO; LYRA, 1999), é que podem contribuir para que familiares, professores, profissionais de saúde e outros, que se relacionam com jovens, sintam-se inseguros e, até mesmo, resistentes, perdendo, assim, importantes possibilidades de estabelecer com eles um vínculo de confiança (BRASIL, 2006b).

Savage (2009) assinala que a sociedade, especialmente a ocidental, se preocupam com os jovens, basicamente, por três razões: em primeiro lugar, porque eles infringem as regras

vigentes; em segundo, porque para o bem ou para o mal, eles serão o futuro do mundo e em terceiro, porque eles refletem os valores da sociedade.

Contudo, apesar de difícil, torna-se imprescindível à sua compreensão, para fins de investigação epidemiológica, elaboração de legislação e implementação de políticas públicas eficazes que atendam as características individuais e que unifiquem os sentidos do que representa “juventude”.

3.1.2 Os principais problemas relacionados a Juventude na Contemporaneidade

Em 2014, adolescentes e jovens, contabilizavam 28% da população mundial. No Brasil, esse mesmo corte etário, representava quase um terço de sua população (ONU, 2014). Ainda que, o entendimento do que venha a ser jovem pressuponha ter energia, alegria e saúde, uma vez que, neste período da vida, os riscos da infância são deixados pra trás e os problemas relacionados com o envelhecimento parecem muito distantes para causar qualquer preocupação (BRASIL, 1999), é preciso ressaltar que, são esses mesmos jovens os que estão expostos às mais elevadas taxas de morbimortalidade por causas preveníveis e evitáveis (WAISELFISZ, 2014).

Dados disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) revelaram que, no período de 2006 a 2016, houveram 582.072 óbitos de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos, por causas externas (violência e acidentes), dado este que representa 69,9% de todos as mortes, para o mesmo período e faixa etária (DATASUS, 2019). Desvelando a violência como um dos mais importantes desafios para o século XXI, com profundos efeitos sociais, físicos, econômicos, emocionais, devido ao impacto que tem na saúde, na qualidade de vida dos indivíduos e nos Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP) (BRASIL, 2001a; 2010a).

Quanto ao perfil de mortalidade, a população jovem apresenta padrões distintos para ambos os sexos, normalmente, a masculina é superior a feminina em todo o percurso de vida, sendo que em um determinado recorte etário esse diferencial se acentua, devido aos óbitos por homicídios, suicídios, acidentes de trânsito, afogamentos e outros que incidem mais intensamente entre os homens (BRASIL, 2010b).

Corroborando com essa disparidade entre os sexos, o IBGE aponta que em 2017 a sobremortalidade masculina por causas externas de jovens de 20 a 24 anos foi 11,0 vezes, ou seja, um jovem do sexo masculino com 20 anos de idade demonstrou uma chance de 11 vezes mais de não completar 25 anos quando comparados ao sexo feminino (IBGE, 2019).

Além das diferenças entre mulheres e homens, a cor de pele parece desempenhar papel preponderante, uma vez que os dados mostram uma inversão nas taxas de homicídios, na qual o número de jovens brancos assassinados em 2002, foi de 6.596 e, em 2011, de 3.973, representando uma queda de 39,8%, já para a população juvenil negra os homicídios passaram de 11.321 para 13.405, ou seja, um acréscimo de 24,1%. Com esse diferencial de ritmos, a vitimização de jovens negros passa de 71,6% em 2002 para 237,4% em 2011, dado este superior a vitimização na população total, que nesse ano foi de 153,4% (WAISELFISZ, 2013).

Cabe destacar que, no ano de 2012, as maiores taxas de homicídios (por 100mil habitantes) foram registradas nas regiões Norte (37,3), seguida da Nordeste (38,9), com destaques para Alagoas (64,6) com a maior registrada em nível nacional e Bahia (41,9) e a região Centro-Oeste (38,2) (WAISELFISZ, 2014).

Para Waiselfisz (2014), devem ser mencionados três possíveis fatores para a compreensão dessa situação: o primeiro é relatado pela crescente privatização da segurança, garantida pela manutenção das desigualdades sociais, que em suma, as classes mais abastadas, a maioria brancos, têm gozo de dupla proteção – a pública e a privada, enquanto que nas áreas menos privilegiada, predominantemente negra, contam apenas com a mínima segurança que o Estado oferece.

O segundo está diretamente relacionado aos fatores anteriormente discutidos, em que os direitos fundamentais que deviam ser garantidos pelas autoridades, de forma equitativa, fazem parte de um jogo político eleitoral e de disputa partidária. Assim, as ações e os serviços de saúde, educação, segurança, saneamento e outros são implementados de forma extremamente desigual nas diversas áreas geográficas, priorizando os espaços segundo os holofotes midiáticos e a visibilidade política, sem ao menos levar em consideração o *status* social dos indivíduos (WAISELFISZ, 2014).

Por último, outro fator que concorre para agravar ainda mais esse fenômeno é a forte tendência a “naturalização” e aceitação social da violência que atua nos mais diferentes níveis e mecanismos, mas, fundamentalmente firma-se pela visão de que uma determinada dose de violência, que varia de acordo com o momento histórico, o grupo social e o local, é considerada como uma prática habitual, aceita e justificada como necessária, para manter a ordem social, inclusive por aquelas pessoas e instituições que têm a obrigação e responsabilidade de proteger a sociedade dos confrontos violentos (WAISELFISZ, 2014).

Considerando estes alarmantes indicadores relacionados à juventude, o Ministério da Saúde difunde a *Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências*, regulamentada pela portaria n.º 737 do gabinete Ministerial de 16 de maio de 2001,

determinando o tema em pauta como um grave problema de saúde pública, social e historicamente construído, além disso, define o conceito de “violência” distinguindo-se de “acidentes” e destaca a importância e necessidade de implementação de políticas e programas nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento social (BRASIL, 2001a).

Cabe ressaltar, que todos os tipos de violências, em maior ou menor grau, são passíveis de prevenção. Para tanto, se faz necessário, priorizar medidas inerentes à promoção da saúde e/a prevenção desses agravos, pois além de reduzir os custos com atendimento da vítima e seus familiares aumenta o impacto na abrangência da proteção a este grupo vulnerável (BRASIL, 2001a).

Por promoção da saúde entendemos como um conjunto de ações que buscam ampliar o modo de pensar em saúde, visando o espaço para além dos muros das unidades de saúde e do sistema de saúde. Dessa forma, pretende incidir sobre as condições de vida dos indivíduos, favorecendo a ampliação de escolhas saudáveis no território onde vivem e trabalham (BRASIL, 2006c).

Com vista na promoção da qualidade de vida e redução da vulnerabilidade aos agravos de saúde tais como a violência, a *Política Nacional de Promoção da Saúde* prioriza e incentiva a adoção de modos de viver não-violentos e o desenvolvimento de uma cultura de paz no país (BRASIL, 2006c). Nesse contexto, a prevenção na medida em que previne e controla os agravos na saúde, através da concepção de proteção e defesa dos que se acham em situações de risco ou vulneráveis a esse tipo de fenômeno, pode apreendê-la como estratégia de promoção da saúde (BRASIL, 2010).

A literatura tem apontado muitos fatores que contribuem para o crescimento da violência entre os jovens, que perpassam pelas desigualdades sociais e raciais, e que contribuem especialmente para o crescimento dos homicídios de jovens, tais como: o aumento do contrabando e da posse de armas de fogo, o consumo de drogas ilícitas, a dinâmica perversa do tráfico de drogas, com disputas por pontos de vendas, cobranças de dívidas e confrontos com a polícia, rixas/acertos de contas e organizações como o esquadrão da morte ou os assassinos de aluguel (LIMA et al., 2005; COSTA et al., 2017).

Para a opinião pública e para a mídia, os homicídios de jovens associados ao consumo e comercialização das drogas constituem a face mais assustadora e visível da violência urbana, sendo fortemente noticiados chacinas, execuções e confrontos entre traficantes. Dentre as diversas maneiras de associação dos crimes à questão das drogas, pode-se citar pelo menos duas, a saber: a primeira delas está relacionada com os efeitos das substâncias tóxicas no comportamento das pessoas. A segunda decorre do fato de tais substâncias serem

comercializadas ilegalmente, gerando violência entre traficantes, corrupção de representantes do sistema da justiça penal e ações criminosas de indivíduos usuários em busca de recursos para a manutenção do vício (BEATO FILHO et al., 2001).

Complementarmente, o estudo de Beato Filho e colaboradores (2001) em Belo Horizonte, constatou uma alta concentração socioespacial da distribuição dos homicídios, de modo que, das áreas estudadas, dez apresentavam altos níveis de risco de mortalidade, quase todas localizadas em favelas. No entanto, na época em que a investigação ocorreu existiam um total de 85 favelas, concluindo-se que as condições socioeconômicas não seriam a principal causa dos homicídios, mas sim o fato destes territórios serem assoladas pelo tráfico de drogas e pela violência a ele associado. Nestes contextos, muitos desses óbitos eram resultantes de uma rivalidade, pautada na formação de gangues, na delimitação de territórios e no uso de arma de fogo para resolução dos conflitos entre moradores de regiões próximas. Esses achados corroboram com a hipótese de que os homicídios são resultantes da violência sistêmica associado diretamente ao comércio de drogas.

Britto (2017) relata que o tráfico de drogas, apresenta-se como um fator a mais, impulsionando e potencializando a prática do homicídio não só no Brasil, mas nível mundial, sendo que a partir de meados da década de 1990, houve um aumento significativo de homicídios. Este resultado coincide com a entrada e a difusão das drogas, especialmente o *crack*, levando as autoridades a repensarem as políticas públicas e as estratégias de defesa social implementadas.

Muitas foram as iniciativas, nacionais e internacionais, na tentativa de combater o narcotráfico, sendo que no Brasil foi instituído o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD) por meio da Lei 11.343 sancionada em 23 de agosto de 2006. Para efeito legal, “consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União”, conforme parágrafo único do artigo primeiro (BRASIL, 2006d p. 1).

Embora sejam muitos os esforços para enfrentar a problemática, uma batalha é travada, de um lado a implementação de políticas rigorosas de repressão, do outro o aprimoramento do narcotráfico, o qual burla os sistemas de vigilância, chegando praticamente em todas as regiões do mundo. Associado as facilidades de acesso, as drogas continuam despertando o fascínio em um número expressivo de jovens, mesmo sendo amplamente divulgadas as consequências deletérias de seu consumo e comercialização (CECÍLIO, 2010).

Em uma pesquisa realizada em João pessoa, com 25 adolescentes em conflito com a lei, cujo objetivo foi analisar as representações sociais acerca do uso de drogas e a existência da relação com o ato infracional, verificou que 60% dos adolescentes entrevistados possuíam idade entre 15 e 16 anos, como ato infracional responsável pela internação, 44% foi decorrente de práticas de assalto, seguido de homicídio em 48% dos atos. O consumo de drogas foi relatada de forma negativa, sendo responsabilizada por trazer consequências relacionadas a problemas de saúde e a conflitos familiares, mesmo assim, não foi suficiente para evitar o uso ou experimentação, visto que 72% dos entrevistados fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga ilícita (ANDRADE, ALVES, BASSANI, 2018).

O aumento da experimentação de álcool e outras drogas entre jovens tem se tornado um sério problema, uma vez que, o uso/abuso dessas substâncias promovem um efeito liberador da inibição e do autocontrole, podendo levar os jovens a situações de vulnerabilidades, como: envolvimento em acidentes de trânsito, suicídios, comportamento sexual de risco e gravidez não planejada (BRASIL, 2005b; MALTA et al., 2011).

A OMS aponta o álcool como a substância psicoativa mais consumida, e também como a de primeira escolha entre os jovens. Como se sabe, a juventude, é um período de intensas mudanças, procura por novas descobertas, vivências e da incessante busca pela aprovação do grupo ao qual estão inseridos e, ainda por meio das indústrias midiáticas e pela própria curiosidade acabam por experimentar bebidas alcoólicas (MARTINS, QUADROS, 2013).

Cabe salientar que, mesmo com uma legislação vigente que proíba veementemente a venda de qualquer bebida alcoólica a menor de 18 anos (BRASIL, 1990), em muitas das vezes essa fiscalização acaba por não acontecer, sendo a comercialização facilitada, e amplamente associada a diversão, alegria, momentos de lazer, ou podendo significar para alguns como um modo de fugir dos problemas (MARTINS, QUADROS, 2013).

Além da escassez de fiscalização que possibilita a livre comercialização de bebidas alcoólicas, investigações apontam uma alta proporção de estudantes que narraram ter experimentado álcool pela primeira vez em âmbito doméstico, com iniciação precoce entre 12 e 13 anos, e ainda referiram o hábito de beber principalmente com amigos e familiares (ELICKER et al., 2015).

Para Andrade, Alves e Bassani (2018) a influência dos amigos desempenha papel preponderante para o consumo de substâncias psicoativas, que por sua vez, pode ser explicada pela pressão desempenhada pelos pares ou ainda pela necessidade de se sentir pertencente ao grupo, situações estas que antecedem a necessidade propriamente dita do uso dessas substâncias.

Malta e colaboradores (2011) ao executar um estudo transversal com amostra por conglomerados de 60.973 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, revelou que 71,4% da amostra já experimentaram bebida alcoólica alguma vez na vida. Fato curioso foi que, entre as garotas (73,1%) foi significativamente maior a experimentação quando comparados aos rapazes (69,5%).

Outro problema relevante que vem acometendo jovens e interfere diretamente no perfil de morbimortalidade são os comportamentos suicidas, compreendido como um processo complexo que pode variar desde a ideação suicida, exteriorizada através de meios verbais ou não verbais, o planejamento de suicídio, a tentativa de suicídio, e no pior dos casos, a sua concretização (WHO, 2012).

Os comportamentos suicidas entre os jovens brasileiros são analisados a partir dos casos registrados como lesões autoprovocadas intencionalmente, despertando grande interesse da comunidade científica pelos graves efeitos individuais e sociais (RIBEIRO, MOREIRA, 2018).

Segundo a OMS, a cada ano mais de 800 mil pessoas cometem suicídio, e para cada uma delas muitas tentativas são efetivadas (WHO, 2014). Dados mundiais, ratificam a gravidade da problemática, uma vez que, as tendências atuais estima que, até 2020, aproximadamente 1,53 milhões de pessoas cometerão suicídio, e dez a vinte vezes mais pessoas tentarão suicídio em todo o mundo, representando a média de uma morte a cada 20 segundos e uma tentativa a cada 1-2 segundos (BERTOLOTE; FLEISHMAN, 2002).

Em contexto global, a taxa de mortalidade por suicídio, no ano de 2012, foi de 16 para cada 100 mil habitantes, no Brasil nesse mesmo período foi de 5,3 (WHO, 2012; WAISELFISZ, 2014). Entre os anos de 2012 e 2016, ocorreram em média 11 mil suicídios na população geral e 3.043 suicídios entre adolescentes e jovens, colocando o suicídio como a quarta causa de óbitos nesses grupos etários (BRASIL, 2018).

Complementando esta realidade, verificou-se um aumento nas taxas de suicídio, de 7.726 em 2002 para 10.321 em 2012, representando um aumento de 33,6%, superando o crescimento da população do país que foi de 11,1%, para o mesmo intervalo temporal (WAISELFISZ, 2014). Um estudo realizado no estado do Pará revela dado alarmante, crescimento de 46,15% dos casos de suicídios em jovens, três vezes maior que o aumento nacional (BATISTA, ARAÚJO, FIGUEIREDO, 2016).

Desse modo, pode-se afirmar que os dados nacionais quando comparados com os demais países, permitem dimensionar o fenômeno e concluir que as taxas nacionais não se

encontram entre as mais elevadas, contudo percebe-se um crescimento substancial ao longo dos anos, especialmente entre os mais jovens (RIBEIRO, MOREIRA, 2018).

Ficher e Vansan (2008), ao realizar uma investigação entre 1988 e 2004, cujo intuito foi de analisar, comparativamente, a distribuição temporal de todos os casos de pacientes adolescentes, com idade entre 10 e 24 anos, atendidos no setor de urgências psiquiátricas de um grande hospital geral universitário, após tentativas de suicídio e uso/abuso de substâncias psicoativas, verificou que, do total de tentativas de suicídios, 75% foram cometidos pelo sexo feminino, sendo o envenenamento o método mais utilizado, preferencialmente por uso de medicamentos. Ademais, os resultados demonstraram uma correlação positiva entre as tentativas de suicídio e uso/abuso de substâncias psicoativas.

Ainda em relação aos riscos e vulnerabilidades enfrentadas pelas juventudes, a gestação na adolescência ainda desperta preocupação para a Saúde Pública (TABORDA et al., 2014), mesmo apesar de que a partir de 1970 tem sido documentado um declínio das taxas de natalidade, em decorrência do advento do contraceptivo oral e das lutas feministas, contudo nas últimas décadas, a incidência de gravidez entre jovens vem aumentando significativamente, em escala global (DADOORIAN, 2003).

A gestação na adolescência é uma grande preocupação para a Saúde Pública do país pelo fato de estar também associada à disseminação de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

Em um estudo com 1.015 jovens porto-alegrenses de nível socioeconômico baixo, com idades compreendidas entre 14 e 24 anos, de ambos os sexos, verificou que 12,9% dos participantes já estiveram gestantes ou engravidaram a sua parceira, sendo que destes 31,7% afirmaram não ter filhos, evidenciando altas taxas de abortos registrados, sendo relatado de forma espontânea em 21,8% e provocada em 10,9% dos casos (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2010).

Priotto e colaboradores (2018), na tentativa de determinar a iniciação sexual e as práticas contraceptivas de jovens na região de tríplice fronteira, - Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina) -, verificou que para as três cidades estudadas a iniciação sexual foi mais prevalente na faixa etária de 12 a 16 anos, dado este que corrobora com a OMS, que aponta os 15 anos como idade média de iniciação sexual dos adolescentes (WHO, 2010).

Um fator preocupante em relação a precoce iniciação sexual perpassa pela gravidez não planejada e/ou inoportuna e recai na disseminação das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), especialmente a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), se tornando uma preocupação constante nos serviços de saúde. No período de 2008 a 2017, foram registrados no

Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 41.616 casos de HIV/AIDS, no grupo etário de 15 a 24 anos. Isso representou 10,9% de todos os casos identificados, que foi de 381.744 (DATASUS, 2019).

Alguns fatores que contribuem para o aumento do risco de contaminação são elencados, como a presença de infecções genitais assintomáticas, a fragilidade do conhecimento sobre as IST's, existência de barreiras para o acesso aos serviços de saúde, adoção de práticas sexuais inseguras e a anatomia feminina receptora no ato sexual são fatores que também contribuem para o aumento do risco de contaminação (TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLOTTI, 2015).

Em se tratando da AIDS, pesquisas apontam que, apesar do bom conhecimento a respeito do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), os jovens possuem muitas dúvidas sobre questões básicas de como a prevenir, demonstrando uma grande disparidade, ao passo que estes demonstram altos níveis de preocupação em relação à doença e baixos níveis de mudanças de comportamentos que permitam a prevenção, repercutindo, mundialmente, nas altas incidências dessa infecção entre jovens (BRASIL, 2005b).

Em uma investigação cujo objetivo foi avaliar as condições de vida, saúde e sexualidade de adolescentes femininas de comunidades pobres do município do Rio de Janeiro e verificar a incidência e as diferenças de raça/cor na vulnerabilidade às IST, afirmou que 24,4% eram portadores de IST e 7,8% apresentavam histórico dessas infecções. Além disso, evidenciou que essas comunidades são mais povoadas pela população afrodescendente, podendo afirmar com convicção que a favela tem cor, justificada pelas raízes da discriminação que, com o passar dos anos, não foi de fato vencida e que impede a ascensão social desse estrato da população. Outro elemento que se soma, no caso das mulheres, são as menores chances no mercado de trabalho, promovendo assim a continuação do ciclo de vitimização social (TAQUETTE, 2011).

No que concerne a gravidez precoce, Taborda e outros (2014), elencaram as principais consequências para a vida desses jovens: impossibilidade de vivenciar a juventude em sua plenitude; desajustes e conflitos familiares; o adiamento ou comprometimento dos estudos; menor chance de qualificação profissional, com consequente redução de oportunidades de empregos e dependência financeira.

Outro fator que chama atenção, é a persistência da proporção de gravidezes em meninas com menos de 15 anos de idade, que além das dificuldades em gestar, condiciona a juventude a uma realidade dolorosa sem muitas expectativas de crescimento, mantendo o ciclo de vitimização e vulnerabilidade social. Em 2013, essa proporção foi de 1%, representando cerca de 30 mil nascimentos de bebês, cujas mães são crianças e adolescentes (BRASIL, 2015).

Nesse contexto relacionado a fecundidade, pesquisas apontam que o nível educacional dos jovens aparece como o mais importante determinante do seu comportamento sexual e reprodutivo. Ratificando a importância da escola, verificou-se que os jovens com cinco ou mais anos de escolaridade foram menos propensos a iniciarem precocemente a vida sexual; mais propensos a usarem algum método contraceptivos na primeira relação; e apresentam riscos mais baixos de engravidarem ou de engravidar, em comparação com adolescentes com até quatro anos de educação formal. Outro dado importante dessa investigação, foi que as adolescentes com cinco ou mais anos de escolaridade tem um risco de 58% menor de ter um filho quando comparadas com as de nível educacional menor que cinco anos (LEITE; RODRIGUES; FONSECA, 2004).

Diante desse panorama de vulnerabilidades, a Organização das Nações Unidas (ONU) orienta que os países invistam em medidas e políticas públicas, de modo que jovens alcancem seu pleno potencial e possam contribuir para o crescimento de seu país. Como ação, o Brasil adotou o lema “Jovens Somamos Mais” e a *hashtag* #investiremjuventude, na qual se pretende engajar os próprios jovens para que estes possam expressar suas necessidades e aspirações, compartilhando mensagens e imagens sobre os temas de seu interesse e ampliando sua participação no debate sobre as novas metas globais de desenvolvimento e potencializando a sua autonomia (ONU, 2014).

Ações como estas, se tornam imprescindíveis e necessárias, pois reafirmam que, os jovens são sujeitos de direitos, e para isso deve-se considerar sua condição própria de desenvolvimento, seu valor na continuidade do povo, bem como o reconhecimento da sua situação de vulnerabilidade (BRASIL, 2006a).

Salienta-se que, nas últimas décadas, têm sido observadas a ampliação das políticas públicas e estratégias de proteção e atenção a juventude, voltadas, precipuamente, para os problemas específicos desta população, com base na magnitude e repercussões a pequeno, médio e longo prazo (BRASIL, 2002).

Diante do reconhecimento da vulnerabilidade e com base nos objetivos da presente pesquisa, faz-se mandatório compreender como os jovens se relacionam intimamente, uma vez que a comunidade científica tem demonstrado mudanças no comportamento afetivo-sexuais de jovens. Esse conhecimento poderá contribuir para o delineamento de políticas de promoção e prevenção, de modo a reduzir os potenciais comportamentos de riscos e interferir de forma positiva no perfil de morbimortalidade juvenil.

3.1.3 Relações afetivo-sexuais de jovens

A Juventude é reconhecida e representada como um período de forte presença das chamadas “influências sociais”, no funcionamento psicológico e na construção identitária (JUSTO, 2005). É também nessa etapa que surge o desejo intenso de estabelecer uma relação afetiva entre os pares, sendo que as intimidades de casais jovens assumem papel fundamental, permitindo a exploração de si próprio e do outro, através do companheirismo, experimentação sexual e resolução de conflitos (FÉLIX, 2012).

Ao longo da história, tem sido observado que as formas de se relacionar na intimidade sempre foram peculiares às especificidades do tempo e das sociedades (RIBEIRO et al., 2011). Na Antiguidade, para os povos hebreus, gregos e romanos, o sexo era visto como algo bom e desejado pelos deuses, porém desvinculado do casamento. Os matrimônios eram arranjados pelos genitores, visando à procriação de herdeiros (SOCCI, 1983).

Com o advento do Cristianismo, o casamento e a família passaram a ser desvalorizados, sendo o ascetismo estimada, cuja virgindade e continência passa a ter um valor fundamental e a sexualidade é aceita apenas dentro da relação marital (VAINFAS, 1992). A partir da Reforma Protestante, no século XVI, a ideia de castidade, como desejo divino, é rejeitada e o sexo passa a ser amplamente aceito, apesar de o ‘prazer’ permanecer como pecado (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

Conforme relatado por Ribeiro e colaboradores (2011 p. 55), no fim do século XVII, surge o então:

‘amor romântico’, que tanto se diferencia como se apropria de elementos do amor paixão, este mais conectado à vinculação sexual. A liberdade, elemento presente nos dois tipos de amor, ganha outro sentido em relação ao ‘amor romântico’, uma vez que o ideal de um amor sublime passa a ter ascensão sobre o ardor sexual.

No final do século XVIII e no início do XIX, as mudanças socioculturais e no estilo de vida impulsionavam o culto do amor paixão, em cujas expressões a compatibilidade e a complementaridade entre homem e mulher passam a ser extremamente valorizadas (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

O século XX, trouxe à tona significativas mudanças, quanto à história das relações afetivo-sexuais. A Primeira Guerra Mundial, colaborou para a emergência de maior liberdade sexual, sobretudo por causa do medo da proximidade da morte, o que ensejou o desejo pelo prazer imediato e pela maior atuação feminina na esfera social e laboral. O advento da psicanálise culminou na discussão da sexualidade na infância, antes condenado, impuro, passando a ser considerado como prazer necessário e saudável para o seu desenvolvimento.

Com a evolução dos meios de comunicação tornou possível a circulação de ideias e valores de maneira mais rápida, inclusive no campo das relações íntimas (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

Conforme os avanços e retrocessos, nos dias atuais, a vida amorosa dos jovens é bastante diferente da vivida pelas gerações anteriores, considerando a diversidade padrões relacionais. Cabe destacar que, entre as formas de relacionamento, o “ficar” é, aparentemente, o mais trivial entre jovens, podendo ocorrer, tanto a partir de um desejo claro e explícito de um ou de ambos, assim como da vontade superficial, muitas vezes incentivada pelos pares, em situações específicas. Independentemente de sua duração, que é variável, o que é mais ou menos permanente é a característica da ausência de compromisso formal, da obrigação em manter contato com a outra pessoa, da transitoriedade, motivo pelo qual “ficar” com mais de uma pessoa, em apenas uma noite, por exemplo, não seria visto como uma transgressão social (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

O “ficar” surge a partir da década de 1980 e vem tornando-se cada vez mais prevalente entre os jovens. Por ser relativamente recente, ainda não foi completamente assimilado e compreendido pelas gerações mais antigas, comparado às outras relações mais tradicionais, como o namoro, noivado e casamento (CUNHA; FÉRES-CARNEIRO, 2009).

Essa nova modalidade de relacionamento se configura como um encontro de um dia ou uma noite, e tem como característica essencial a falta de compromisso entre os parceiros, que busca obter prazer, a partir do exercício da sedução. O grau de envolvimento pode ser uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual (CHAVES, 1994).

Em tempos hodiernos, o sexo tem se tornado um assunto discutido mais abertamente e as primeiras experiências, por vezes, ocorrem mais precocemente, seja no contexto de relacionamento amoroso, ou como curiosidade, forma de obter prazer, independente de um compromisso formal (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

Muitos são os motivos que levam os jovens a relacionarem-se dessa maneira, dentre os quais podem ser citados: a facilidade de se aproximar de alguém sem que haja compromisso, busca pelo prazer, a manutenção da liberdade individual ou até mesmo uma espécie de ponte para um futuro relacionamento. Assim, a prática do “ficar”, é permitida, para ambos os sexos, porém os sentimentos podem repercutir de maneira diferente, para uma parcela das moças essa pode ser vista como algo negativo, permeada pelo sentimento de ter sido "usada", de ser "mais uma". Entretanto, podem agir de maneira semelhante aos rapazes, “ficam” com várias pessoas em uma determinada ocasião, refletindo as transformações ocorridas no campo amoroso nas

últimas décadas, como a maior liberdade afetivo-sexual através de uma posição mais ativa na conquista amorosa (CHAVES, 2016).

Para Justo (2005), os jovens veem-se impelidos a instituir esse típico modo de relacionamento, caracterizado por relações abreviadas voltadas para a satisfação de necessidades e desejos imediatos, sem compromissos, como consequência de estarem inseridos em um mundo no qual todos correm, não havendo lugar para aproximação entre pessoas e criação de vínculos duradouros articulados para um projeto futuro, capaz de estabilizar relações, especialmente aquelas que circunscrevem pares e casais.

Usando uma expressão radical, pode-se inferir que os relacionamentos atuais são instantâneos, ou seja, possuem a exata duração da confluência de demandas efêmeras, já que, se renovam continuamente e se multiplicam (JUSTO, 2005). Mesmo com espaço para intimidade, mantém-se em relativo afastamento (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005).

O namoro parece não ser tão corriqueiro para os jovens – ocorrendo após uma fase em que se “fica”. Para Straus (2004), de modo geral, o namoro pode ser compreendido como uma relação diádica que envolve a interação social e realização de atividades em conjunto, com explícita ou implícita intenção de continuar o relacionamento, até que um dos parceiros decida finalizar ou que seja estabelecida uma relação de maior compromisso (por exemplo, coabitação, noivado ou casamento). As normas sociais para namoro diferem de acordo com muitas dimensões, incluindo as diferenças individuais, raciais/étnicas, socioeconômica, histórica e culturais.

De acordo com Michener, DeLamater e Myers (2005 *apud* OLIVEIRA, 2011), a evolução de uma relação passa por três etapas, a saber: a *auto-exposição*: onde a pessoa vai revelando informações pessoais ao companheiro. Esta exposição aumenta consoante ao tempo da relação e, simultaneamente, aumenta o nível de intimidade física e psicológica; a *confiança*: o parceiro demonstra ser honesto e benevolente e a pessoa acredita que este tem intenções positivas para com ela e que lhe é verdadeira; a *interdependência*: envolve troca de potenciais recompensas entre parceiros e vai-se estabilizando à medida que o relacionamento se desenvolve.

Para Toscano (2007), existem sete etapas que jovens do sexo feminino consideram existir nas relações de namoro. A primeira fase, *Group Meeting* (reunião de grupo), é onde normalmente acontece as interações entre grupos de pares do mesmo sexo e do sexo oposto, possibilitando a formação do futuro casal. *Talking and Exchanging* (Conversando e trocando), nessa fase inicia-se um processo de aproximação entre os indivíduos, na maioria das vezes

ocorre por ligações telefônicas, conversas em redes sociais. Durante esse contato fora do grupo, compartilham tempo e informações que, quando bem-sucedidas, o casal pode decidir avançar para a terceira etapa do relacionamento. *Couple-Group Dating* (namoro de casal), nessa fase o casal envolve-se em encontros mais formais com outros casais do grupo. Por sua vez, a quarta fase, *Dating Outside de Group* (namorando fora do grupo), o casal passa mais tempo a sós, experimentando uma maior aproximação emocional e física e mais informações são compartilhadas, em comparação com o estágio dois.

Na fase cinco, *re-entering the Group as a Couple* (reentrando no grupo como casal), ocorre a reintrodução do casal no círculo de amigos, formalmente e, apesar de manterem a sua relação independente, continuam a manter os seus relacionamentos com o grupo. As participantes descreveram isso como um momento de desconforto, à medida que tentavam alcançar o equilíbrio entre seus papéis como casal e dentro do grupo. A sexta fase, *breaking up (nos quebrando)* implica o término da relação de namoro. Segundo relatos das participantes, em um determinado lapso temporal, o casal diminui a partilha de informações e o tempo que passam juntos e o grupo está normalmente envolvido neste processo de separação. No estágio final, *reintroducing the Self into the Group* (reintroduzindo o eu no grupo), o casal volta a se apresentar ao grupo, porém como elementos separados e independentes, implicando em mudança nos papéis (TOSCANO, 2007).

Esses estágios específicos delimitados, foram confirmadas pelas jovens participantes, suas opiniões variavam, quanto à gravidade de cada estágio. Sendo relatadas que cada grupo ditava as normas e regras específicas, como por exemplo, às modalidades de relações íntimas e a exclusividade. Quanto ao tempo gasto em cada etapa, o nível de informação compartilhada e/ou o grau de intimidade experimentado durante cada estágio, dependiam da experiência de namoro anterior de ambos adolescentes, bem como da idade de desenvolvimento (TOSCANO, 2007).

Essas relações íntimas de jovens, tanto podem ser saudáveis, como marcada por conflitos. Para uma relação de namoro ser profícua, parecem existir fatores determinantes, como é o caso da existência de crenças, valores e interesses em comum, o investimento emocional, proximidade física e emocional, respeito, diálogo, honestidade, confiança, atração, diversão, entre outros. Por sua vez, numa relação conflituosa, um dos pares tendem a não aceitar algumas características de um dos membros do casal, como um(a) namorado(a) controlador(a), possessivo(a) ou ciumento(a), a dependência do outro, a infidelidade, o álcool, problemas familiares, dentre outros, parecem ser fatores influenciadores dos eventos violentos (ATAÍDE, 2015).

O fenômeno da violência entre jovens casais na intimidade faz parte de um contexto amplo de relações que são construídas culturalmente, onde os meios de comunicação e a mídia podem desempenhar importante fator de socialização que influencia nos comportamentos violentos e nas subjetividades dos jovens no mundo contemporâneo (CASSAB, BEFFA, 2017).

Para Almeida e outros (2008, p. 4), os eventos violentos podem ser compreendidos como “[...] um dado cultural e societário, com uma grande variação em suas formas de manifestação, em função do contexto sociocultural em que ocorre, e da diversidade e complexidade dos valores que assume, em cada um desses contextos particulares”.

As incidências da violência no namoro entre jovens variam, entretanto, a unanimidade dos estudos relata a existência desse fenômeno, de forma semelhante às relações adultas (HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017; BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013; CARIDADE; MACHADO, 2013; MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011; FERNANDEZ-FUERTES, FURTES, 2010; SABINA, STRAUS, 2008).

Antonio, Koller e Hokoda (2011), relatam que os pares podem desempenhar papel preponderante, uma vez que os amigos envolvidos em relacionamentos afetivo-sexuais violentos constitui fator de risco para a vitimização, ao passo que ter amigos com crenças pró-sociais atua como fator de proteção (FOSHEE et al., 2013).

Assim como vivenciado por adultos em suas relações íntimas violentas, nos relacionamentos de jovens, o ciclo da violência é experienciado, em geral, por etapas: a) *construção da tensão no relacionamento*: os incidentes menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, criando na vítima, uma sensação de perigo eminente. Quando a tensão atinge seu grau mais grave; b) *explosão da violência – descontrole e destruição*, marcada por agressões físicas, que tendem com o passar do tempo aumentar sua frequência e intensidade, e que será seguida pela terceira e última fase; c) *lua-de-mel – arrependimento do agressor*, findado o período da violência física, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira (o), implora perdão, compra presentes, promete que jamais voltará agir de forma violenta (BRASIL, 2005c).

A maior parte das dificuldades para conceituar esse tipo de violência vem do fato de ser um fenômeno de ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Os eventos violentos sempre passaram e passam pelo julgamento moral da sociedade (MINAYO, 2005). Cabe salientar que, esse tipo de violação, frequentemente, é insensível e invisível para suas próprias vítimas, sendo produzida e reproduzida pelas vias puramente simbólicas da

comunicação, do conhecimento ou do desconhecimento, ou ainda do sentimento (BOURDIEU, 1999).

A juventude representa uma etapa crítica para o desenvolvimento pessoal e social, que pode ser efetivamente sensibilizada e preparada pelos adultos antecessores, que dentre tantos ensinamentos, podem participar na formação dos jovens para a cultura da paz, podendo contribuir de forma impactante na prevenção de comportamentos violentos, nos seus relacionamentos interpessoais (pares, parceiros e familiares), considerando premissas sociais básicas e legítimas, pautadas nos direitos humanos - respeito recíproco e cidadania plena e igualitária para todos os cidadãos.

Com base em tudo que foi elucidado, será destacado no próximo capítulo os eventos violentos nas relações de intimidade de jovens.

3.2 VIOLÊNCIA: UM FENÔMENO MULTICAUSAL

3.2.1 Abordagens explicativas da violência nas relações afetivo sexuais de jovens

No Brasil, especialmente nas duas últimas décadas, sempre que se fala de jovens surge o tema da violência, pelo fato desses grupos serem os mais vulneráveis e propensos a se envolverem em situações de risco, com possíveis violações de seus direitos, comprometendo sua saúde física, mental e emocional (SOUZA; JORGE, 2006).

Minayo (2004) traz uma reflexão de que a violência não é objeto próprio da saúde, porém, se torna devido à sua exigência de cuidados médico-hospitalares em decorrência do impacto negativo que reflete na qualidade de vida, levando-se em conta o princípio da intersetorialidade, presente pela concepção ampliada de saúde.

Para Chauí (1985) violência é conceituada não somente como violação ou transgressão de normas, regras e leis, mas sob duas outras vertentes:

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985, p. 35).

Nas últimas décadas, a visibilidade da violência, trouxe à luz um dos mais importantes desafios para a saúde pública do século XXI. Sendo que muitas de suas formas e tipologias têm sido relatadas na literatura, incluindo a violência no contexto das relações afetivo-sexuais de jovens (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; BESERRA et al., 2016).

Contudo para compreender a violência nas relações afetivo-sexuais de jovens, faz-se necessário explorar previamente a conceituação da violência e suas características, que de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) é definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002 p.5).

Nessa perspectiva, a OMS classifica a violência em três grandes categorias: praticada contra si mesmo (auto-provocada), por indivíduos ou grupos (interpessoal) ou por organizações maiores (coletiva) perpetrada por estados, grupos armados, terroristas e milícias. Partindo dessa classificação os eventos violentos nas relações de namoro se enquadram como uma violência do tipo interpessoal e entre parceiros íntimos (KRUG et al., 2002).

Podendo expressar-se de diversas maneiras e em contextos variados a violência no namoro está associada à ocorrência de atos abusivos numa relação de proximidade e intimidade,

por meio do poder e dominação, com o intuito de magoar e/ou controlar, seja pelo uso da violência psicológica, verbal ou relacional, ou até mesmo por atos físicos e sexualmente violentos (APAV, 2011).

Entretanto, apesar de sua grande relevância social, a violência nos relacionamentos íntimos de jovens é um tema ainda hodierno na literatura científica, uma vez que esta questão permaneceu marginalizada nos discursos sociais e educativos merecendo menor atenção por parte da comunidade científica (MATOS et al., 2006; MINAYO; ASSIS, NJAINE, 2011). Em contexto nacional, ainda são pontuais os estudos sobre violência no namoro e seus fatores associados nas relações íntimas de casais jovens (MINAYO; ASSIS, NJAINE, 2011).

Para Caridade e Machado (2013), muitas são as razões para a escassez de pesquisas sobre a temática, fato este que pode ser atribuídos a diversos fatores, destacando: a complexa conceituação de violência e sua operacionalização e a necessidade de autorização dos pais nas investigações que envolvem os jovens, impedindo o acesso dos pesquisadores a esta população. Tais empecilhos afetam à visibilidade social desta problemática que, durante anos, contribuíram para a sua ocultação, comprometendo, deste modo, a produção do conhecimento científico nesse âmbito.

Estudiosos da área ratificam a vulnerabilidade de jovens, uma vez que, pesquisas têm demonstrado alta frequência de eventos violentos em suas relações de intimidade (CARIDADE; MACHADO, 2013). Sendo justificadas e de extrema importância investigações nessa temática, por dois intuitos principais: primeiro para melhorar experiências afetivo-sexuais entre os jovens e segundo para prevenir a violência conjugal (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

De modo a intervir e melhor colaborar no direcionamento de medidas e políticas de promoção, prevenção deste agravo, faz-se necessário compreender os fatores que contribuem para a ocorrência da violência nas relações de intimidade de casais jovens. Porém, esclarecer as razões que levam as elevadas ocorrências da violência não é uma tarefa fácil, pois não há um único fator que explique por que alguns indivíduos se comportam de forma violenta, em relação a outras, ou porque a violência ocorre mais em determinadas comunidades (KRUG et al., 2002).

Em se tratando desse tipo específico de violência, não há uma única definição que dê conta do fenômeno, sendo escasso o investimento acerca de abordagens teóricas explicativas nesse contexto relacional. Na verdade, e não raras vezes, as teorias que são evocadas para compreender esta problemática são as que foram elaboradas para explicar a violência em outros contextos relacionais e que envolvem relações entre adultos com dinâmicas e contingências relacionais distintas (CARIDADE; MACHADO, 2013).

Estudos concorrem quanto à importância de investigações sobre este agravo nessa fase da vida, pois é nela que, na maioria das vezes, ocorrem o estabelecimento das primeiras relações afetivo-sexuais e em que surge o risco de experiências de vitimização e/ou de perpetração de violência entre parceiros (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Dessa maneira, torna-se necessário a compreensão acerca do fenômeno, sendo então apresentados modelos teóricos referenciados pela literatura, os quais apresentam múltiplas causas passíveis para a origem de comportamentos violentos, buscando focar na especificidade das relações afetivo-sexuais de jovens (OLIVEIRA, 2011). Diante disto, será realizada uma breve explanação a respeito dos diversos modelos que possam esclarecer as causas da violência, sem o intuito de esgotar o tema.

A “Teoria da Vinculação”, desenvolvida por John Bowlby foca-se na emergência e desenvolvimento dos “modelos internos dinâmicos” e no papel que tais modelos desempenham nas relações interpessoais que se estabelecem ao longo do ciclo de vida (PAIVA; FIGUEIREDO, 2003; FERREIRA, 2014). Tal modelo, evidencia que crianças com histórico de cuidados inadequados podem originar padrões de vinculação inseguros, interferindo na qualidade dos relacionamentos subsequentes (FIGUEIREDO et al., 2002).

De modo a melhor compreender os pressupostos da teoria, Bowlby relata que o comportamento de vinculação decorre da necessidade básica de sobrevivência, uma vez que a criança desde o seu nascimento, procura instintivamente estabelecer contato com a pessoa com quem interage mais frequentemente, com o intuito de que esta possa lhe proteger e oferecer segurança (BOWLBY, 1989).

No entanto, mais do que um agente protetor e provedor das condições necessárias para o seu crescimento e desenvolvimento, a pessoa com quem a criança estabelece uma relação privilegiada, representa uma fonte de conforto e base segura para a exploração do mundo (FERREIRA, 2014). Sendo de suma importância esta primeira relação afetiva, uma vez que todas as relações futuras se estabelecerão nessa ligação emocional (BOWLBY, 1973).

Segundo esta teoria, baseada nas experiências e nos padrões típicos de interação com as figuras significativas durante a infância, cada pessoa presumivelmente constrói “Modelos Internos Dinâmicos” que se constituem em verdadeiros guias para o desenvolvimento do seu comportamento interpessoal subsequente, pois é a partir desses modelos que a mesma afirma sua autoconfiança, reconhecendo-se enquanto merecedores de afeto, a qual permitirá estabelecer expectativas acerca do que pode esperar de si próprio e dos outros, quando uma nova relação se efetiva (PAIVA; FIGUEIREDO, 2003).

Numa linha semelhante, a “Teoria da Aprendizagem Social” postula que os comportamentos são apreendidos a partir de experiências vicariantes, isto é, através da observação e reprodução dos comportamentos de outras pessoas e das recompensas que estes recebem, mantendo-se a partir do reforço (MELO-DIAS; SANTOS, 2019).

Para Oliveira (2011) é, portanto, adequado assegurar que, à luz desta teoria, uma criança que, por exemplo, assista prolongadamente agressões praticadas entre os pais (pai x mãe e vice-versa) possa imitar esses comportamentos, futuramente, quando envolvida numa relação amorosa, pois assimilou-os, por observação e repetição. Em relação ao gênero, postula-se ainda que, se a criança em questão for um menino poderá ter uma postura violenta, nos seus relacionamentos futuros, enquanto que para a menina, a submissão pode ser o comportamento evidenciado, explicando a aprendizagem de papéis de gênero que acontece durante a infância. Cabe aqui salientar, que não apenas com a família, mas com os pais, os professores e a comunidade que as crianças aprendem padrões culturais de comportamentos típicos do seu sexo biológico, por meio de observação dos modelos masculinos e femininos (LISBOA et al., 2002).

Corroborando com a intergeracionalidade da violência, um estudo que buscou identificar mulheres que foram vítimas de violência nos últimos 12 meses e presenciaram agressões em sua infância e/ou adolescência, encontrou que 39,7% das mulheres vítimas de abusos, tinham presenciado violência na infância e/ou adolescência, sendo que 60,0% declararam o pai como perpetrador de maus-tratos no lar (SILVA; FALBO-NETO; CABRAL-FILHO, 2009), reforçando assim a teoria da aprendizagem social.

Através dessas duas teorias verifica-se que as causas para a violência podem ter origem ainda na infância e que, os processos de modelação ou de reforço podem desencadear o efeito da transmissão intergeracional (CECCONELLO; DE ANTONI; KOLLER, 2003). Ainda de acordo com essas perspectivas, é passível de significar que as agressões no namoro podem ter associação entre exposição à violência na família de origem, com possível repetição de comportamentos violentos nos relacionamentos atuais ou posteriores (APAV, 2011).

Caridade e Machado (2013) postulam que a noção de aprendizagem social da violência e o seu potencial, em termos da transmissão intergeracional, proporciona também contributos fundamentais neste âmbito, alertando para a importância dos contextos precoces de socialização familiar e da influência dos pais, no comportamento agressivo.

Entretanto, vale salientar que, este paradigma não proporciona explicações suficientemente satisfatórias, visto que, não se pode afirmar que a totalidade de crianças que presenciaram e/ou sofreram algum tipo de violação de seus direitos reproduzem os abusos vivenciados em suas relações posteriores. Podendo inclusive as vítimas serem capazes de

administrar suas vivências violentas, através da adoção de comportamentos de superação, favorecendo assim à resiliência (GOMES et al., 2002).

Resiliência pode ser compreendida como a superação das adversidades e de lidar positivamente com situações difíceis, como as violências, que têm grande potencial de causar sofrimento. Sendo fruto de um processo dinâmico, a resiliência envolve fatores sociais e psíquicos de vulnerabilidade e proteção, “ancorada em dois grandes pólos: o da adversidade, representado pelos eventos de vida desfavoráveis; e o da proteção, que aponta para a compreensão das formas de apoio - internas e externas ao indivíduo – que o conduzem a uma reconstrução singular diante do sofrimento causado por uma adversidade” (ASSIS, 2006 p.11).

Ainda em relação aos modelos teóricos, ressalta-se que o comportamento humano é dinâmico, portanto, adaptável a mudanças desenvolvimentais e consequente evolução de competências cognitivas, que estão intimamente relacionadas ao contexto social (BOWLBY, 1973; BRETHERTON; MUNHOLLAND, 1999).

Além das teorias apresentadas, que demonstram a aquisição de comportamentos na infância, existem outros fatores considerados situacionais, individuais e estruturais que podem explicar a ocorrência de comportamentos de violência no namoro. Nessa perspectiva vários modelos explicativos são propostos, sendo o *Modelo Ecológico* o mais amplamente utilizado, para a compreensão da natureza multifacetada da violência (KRUG et al., 2002).

A estrutura ecológica enfatiza as diversas causas da violência e a interação dos fatores de risco dentro da família e de contextos mais abrangentes, como o comunitário, o social, o cultural e o econômico. Colocado em um contexto de desenvolvimento, o modelo também mostra como a violência pode ser causada por diferentes fatores em diferentes estágios da vida (KRUG et al., 2002).

Esse modelo explora a relação entre fatores individuais e contextuais e considera a violência como o resultado de vários níveis de influência sobre o comportamento, sendo caracterizado por quatro níveis: individual, racional, comunitário e social (KRUG et al., 2002).

O primeiro nível se concentra nas características individuais do sujeito, as quais aumentam a possibilidade de ser vítima ou perpetrador de violência. Entre os fatores pessoais de vulnerabilidade destaca-se a faixa etária, onde jovens com relacionamentos de maior duração e compromisso apresentam mais alta probabilidade de conflitos e desentendimentos, podendo utilizar meios violentos para a resolução dos problemas (KRUG et al., 2002; APAV, 2011). Quanto ao sexo, o padrão de vitimação se apresenta indiferenciado, ou seja, tanto os rapazes quanto as moças podem vivenciar atos de violência em suas relações íntimas, contudo distinguem-se em função da severidade e o tipo de agressão experienciada. Além desses, outros

fatores de risco associados ao funcionamento psicológico e comportamental dos jovens, podem ser elencados: depressão, comportamentos suicidas, baixa autoestima, uso abusivo de álcool e outras drogas (APAV, 2011).

O segundo nível do Modelo Ecológico - relacional - explora como as interações sociais mais próximas, como a frequente convivência com alguém que pratique abuso podem aumentar as possibilidades de confrontos violentos, assim crianças que presenciaram, foram vítimas ou expostos a altos níveis de violência familiar parecem estar mais propensos a serem perpetradores de eventos violentos. Além da intergeracionalidade da violência, a OMS cita muitos estudos no qual figuram como fatores de risco a monoparentalidade (principalmente para o sexo feminino), famílias numerosas que acabam por dividir recursos materiais e emocionais e a desorganização familiar, frente aos extremos, ausência ou por demasiada supervisão parental (KRUG et al., 2002; APAV, 2011).

Contudo, é necessário destacar que, considerar somente a pobreza como fonte causadora de violência no Brasil, especificamente nas últimas décadas, é contribuir para o enraizamento de preconceitos e potencialização da discriminação dos mais alijados economicamente e socialmente marginalizados (ZALUAR, 2004). Entretanto, a cultura da violência tem incidência em todas as classes sociais, não estando necessariamente atrelada à religião, profissão, grau de escolaridade ou posição política (BRASIL, 2001b)

O terceiro nível desse mesmo Modelo analisa os contextos comunitários, como escolas, locais de trabalhos, vizinhança e busca identificar as características desses cenários que estão associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. A ausência de vinculação à escola, ambiente escolar e social marcado pela violência e pelo tráfico de drogas se constituem como potencializadores de condutas violentas (KRUG et al., 2002; APAV, 2011).

O quarto e último nível do Modelo aponta para fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência. Neste nível, reside o centro da perspectiva ecológica onde existe a suposição de que a sociedade tolera altos níveis de violência, como pobreza, escassez de recursos, falta de moradia, menor rede de apoio social, normas que apoiam conflitos políticos; acesso a armas de fogo e a falta políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos os níveis de desigualdade social (KRUG et al., 2002).

O *Modelo Ecológico* é o que melhor permite esclarecer as “raízes da violência”, identificando-a como o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais, para a compreensão de sua natureza multifacetada (KRUG et al., 2002).

Caridade e Machado (2013) apontam que a violência na intimidade de jovens não pode ser explicada por único modelo teórico, em virtude das especificidades e a abrangência do fenômeno, tornando indispensável a adoção de um modelo integrador dos diversos e complexos fatores, de modo a fornecer uma visão ampliada da problemática em questão, para que se possa melhor compreender, prever e prevenir esses eventos, especialmente entre a população juvenil.

3.2.2 Violência nas relações afetivo-sexuais de jovens

O Informe Mundial sobre Violência e Saúde, descreve como violência juvenil (10 a 29 anos), atos agressivos que compreendem desde a intimidação, até formas mais graves, como os homicídios. O documento menciona que a violência perpetrada por parceiro íntimo ocorre em nível global, independente do grupo social, econômico, religioso ou cultural, abrangendo, tanto agressões físicas, sexuais e psicológicas, como controle sobre a outra pessoa e ocorrências de humilhação (DAHLBERG; KRUG, 2006).

Ao estudar o fenômeno da violência entre parceiros íntimos duas categorias de violência emergem, as quais precisam ser discutidas: a “violência contra a mulher” e “violência de gênero”, terminologias que aparecem de forma bem mais frequente em publicações científicas e constituem em descritores próprios nas ferramentas de busca bibliográficas (CASTRO, 2009).

Tentando explicar como as relações entre homens e mulheres intervêm no processo de saúde/doença e desconstruir a naturalização do fenômeno, a violência contra mulheres tem sido vista sob a perspectiva de gênero. Isto tem sido fundamental para assegurar a vulnerabilidade das mulheres e as relações de desigualdade estabelecidas, a partir da construção social do que vem a ser homem e mulher (HASSE, 2016).

Para a “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher”, mais conhecida como “Convenção de Belém do Pará”, a violência é definida como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (PARÁ, 1994 p.2). Podendo ocorrer no âmbito da família, na comunidade, perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes (BARUFALDI et al., 2017).

A sociedade de modo geral, tende a aceitar altos níveis de violência, sendo que os fatores sociais e culturais parecem influenciar na forma como as mulheres lidam com a situação de agressão a que estão expostas (BRASIL, 2018). Isto deve-se, especialmente, pela dificuldade em se ajustar uma conduta específica como ato de abuso, visto que, na grande maioria das vezes, o fato de estar habituada com um ambiente de limitações comportamentais, envolvida

pelo complexo histórico de inferioridade e subjugação, a vítima não reconhece tais atos como violação dos seus direitos (LELIS; CAVALCANTE, 2016).

Contudo, vale destacar, que as discussões sobre o tema da violência de gênero não foram introduzidas de forma espontânea na área da saúde, mas devido às pressões dos movimentos feministas que, desde a década de 60, tem provocado o debate sobre as questões de saúde, sexualidade e violência (BATISTA, 2016). Assim, como produto de uma construção histórica moldando-se às experiências vivenciadas por cada geração, a violência contra mulheres encontra-se pautada na desvalorização, subalternidade, dominação e exploração estruturadas em uma relação de poder e classe. As constantes pesquisas desenvolvidas nessa época, enfatizavam que não eram as diferenças biológicas entre os sexos que fomentavam a violência de gênero contra a mulher, mas os papéis que cada um deles ocupava em uma sociedade claramente capitalista e patriarcal (GROSSI, 1994).

Desse modo, de acordo com o *“Panorama da violência contra as mulheres no Brasil”* uma característica marcante da violência contra mulheres é o fato de ser perpetrada, principalmente, por pessoas que mantêm ou mantiveram com a vítima uma relação de intimidade (BRASIL, 2018). Corroborando com essa afirmação, pesquisa realizada a partir de denúncias na Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres (DEAM), no município do Rio Grande do Sul - RS, encontrou que das 902 ocorrências policiais, 676 (75%) mulheres referiram ter sofrido violência praticada por parceiro íntimo (ACOSTA et al., 2015).

Heise (1994), ao analisar trinta investigações, em diferentes países, verificou que entre 20% a 50% das mulheres relataram ter sofrido violência física por um homem e que a maioria das mulheres são espancadas por pelo menos três episódios por ano, com muitas sofrendo abuso psicológico e sexual persistente. Barker e Loewenstein (1997) ao realizar uma investigação de cunho qualitativo, com 127 jovens cariocas de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 30 anos e em situação de vulnerabilidade social, encontraram papéis rígidos de gênero e discursos machistas, onde os mesmos encaravam a violência contra mulheres como aceitável, em muitas circunstâncias.

Investigação realizada junto a 100 mulheres que sofreram agressão de seus parceiros e que prestaram queixa na Delegacia da Mulher do Ceará, permitiu traçar o perfil da mulher violentada, sendo ela jovem, casada, com filhos, pouco grau de instrução escolar e baixo poder aquisitivo. Além disso, verificou que a ingestão de bebida alcoólica e o ciúme foram os fatores precipitadores das agressões. Outro fator relatado pelos autores foi a frequência das agressões que foi dividida conforme periodicidade: semanalmente (49%), diariamente (27%), esporadicamente (15%) e primeira vez (5%) (ADEODATO et al., 2005).

Dado alarmante foi divulgado pela Fundação Perseu Abramo, na qual evidencia que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e 2,1 milhões de são espancadas a cada ano por namorados ou maridos, precedentes ou atuais (VENTURI; RECAMÁN, 2004). Ratificando a responsabilização dos parceiros na autoria das agressões.

Para Gelles (1997) a violência entre pessoas ligadas por laços de intimidade não é um fenômeno recente. A história tem mostrado que a violência sob as mais diversas formas tem sido prática rotineira e perpetradas desde os tempos mais remotos. Walker (1994) afirma que a violência esteve associada às questões de gênero, uma vez que as mulheres sempre foram maltratadas pelos homens, assumindo um estatuto de subordinação e subserviência.

Apesar de sua transversalidade ao longo da história, a violência só se constituiu como um problema social específico em meados do século passado. Desde então, a violência exercida contra as mulheres no contexto das relações íntimas tem sido objeto de forte e crescente atenção social e científica ao nível internacional (CARIDADE; MACHADO, 2006).

A barreira histórica dos séculos, não impediram que até os dias atuais a violência contra mulheres se propagasse em níveis alarmantes, porém aos poucos vem deixando de ser questão pertencente à esfera privada, para então ser apreendida no campo social e jurídico (ATAÍDE, 2015).

Entre conquistas e retrocessos, fica evidente que a sociedade vem passando por profundas mudanças socioculturais, nas relações familiares e afetivo-sexuais em ritmo cada vez mais acelerado. Um dos fatores catalisadores dessa mudança, foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, precipitada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial e que ajudou a deflagrar, o processo de redefinição dos papéis do homem e da mulher na sociedade e nas relações de poder entre gêneros. Posteriormente, a criação de métodos contraceptivos orais eficazes possibilitou o controle da concepção pela mulher, reduzindo taxas de natalidade e facilitando a sua inserção na esfera profissional (BABO; JABLONSKI, 2002).

Associado aos processos de modernização e urbanização do país, a militância feminista desempenhou papel primordial, uma vez que garantiu o reconhecimento do Estado da necessidade da criação de órgãos especializados em atender às vítimas de violência de forma integral e que proporcionasse um tratamento legal ao assunto, evidenciando o cunho público da problemática em questão (ATAÍDE, 2015).

No que diz respeito ao enfrentamento à violência contra mulheres, no Brasil, é possível apontar importantes iniciativas governamentais para enfrentar o problema. No campo jurídico e legislativo, a promulgação da Lei 11.340 de 22 de setembro de 2006, mais conhecida como

Lei Maria da Penha, é considerada o principal marco no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil (BRASIL, 2006e).

Essa Lei, além de instituir mecanismos para assegurar a imputação de penalização ao agressor, a lei buscou tratar de forma integral o fenômeno da violência doméstica. Para tanto, traz diretrizes gerais para a instituição de políticas públicas abrangentes e transversais destinadas ao seu enfrentamento. Todavia, para o cumprimento dos objetivos previstos na referida legislação, é preciso que seus dispositivos sejam materializados em ações concretas instauradas pela União, estados e municípios, levando-se em consideração que, em um país vasto e diverso, como o Brasil, o bom desempenho dessas ações públicas pode estar condicionado a diferentes capacidades administrativas das três esferas de governos (BRASIL, 2018).

Além da proteção e assistência integral à mulher vítima de violência doméstica, o dispositivo legal cria mecanismo para coibir e prevenir qualquer tipo de violência. Sua execução extrapola ao ascendente, descendente, irmão, namorado, ou com quem conviva ou tenha convivido, ainda que não haja coabitação, devendo o agressor sofrer as penalizações cabíveis, podendo ficar de 3 meses a 3 anos de detenção, conforme processo de julgamento. Assim, deixa de ser crime de menor poder ofensivo antes punido com a obrigação de prestar serviços sociais e a aquisição de cestas básicas ou outras de prestação pecuniária para adentrar o sistema prisional (BRASIL, 2006e).

Contudo, ao contrário do que acontece nas relações de intimidade entre adultos, em que as condutas abusivas são frequentemente exercidas pelo homem contra a mulher, nas relações de namoro de jovens parece existir uma maior reciprocidade e simetria na violência exercida entre parceiros, essencialmente caracterizada pela troca mútua de agressões (APAV, 2011). Para Gomes (2011) o namoro tanto pode ser uma relação benéfica como pode ser marcada por vitimização a atos violentos. Na adolescência, as experiências dos abusos se não interrompidas podem ser consolidados a aceitação e naturalização desses eventos, por isso, esta se torna uma etapa de vida crítica e importante para intervir, de modo a permitir o reconhecimento de uma relação sadia e o uso de meios não-violentos para intermediar as diferenças.

A partir de 1980, muitos estudiosos iniciaram investigações sobre o fenômeno como forma de dimensionar a real magnitude dos eventos violentos nas relações íntimas de jovens, pois até então as agressões nas relações de intimidade estavam associadas estritamente às relações conjugais e relacionais de adultos, trazendo à tona a interrelação entre namoro, violência e juventude na dinâmica de diferentes casais de namorados (ATAÍDE, 2015;

CARIDADE; MACHADO, 2013; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; SEARS; BYERS; PRICE, 2007).

Em 1981 surge uma investigação pioneira na área, a qual revelou que um em cada cinco estudantes universitários norte-americanos era afetado por este problema e que 61,5% da amostra conheciam jovens com experiências de namoro abusivas (MAKEPEACE, 1981).

Desde então assistimos a um aumento dos estudos de prevalência e das dinâmicas violentas subjacentes a este tipo de relacionamentos. Dados provenientes de diversas investigações relatam que a violência sofrida e/ou perpetrada por adolescentes nas relações de namoro situa-se entre 5,9% (BESERRA et al., 2016) e 82,8% (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013). Apesar desta grande disparidade e variabilidade registrada nos indicadores de prevalência da violência, os quais têm sido atribuídos maioritariamente às opções conceituais e metodológicas empregues pelos diversos estudos (ausência de uma definição clara de violência, o período temporal considerado, a natureza da medida utilizada, o viés da amostragem), é consensual que a violência nas relações de intimidade de jovens se firma como um problema social relevante e merecedor de atenção. A análise dos diferentes estudos epidemiológicos realizados nesta área comprova ainda que a violência nas relações de intimidade é um fenômeno transversal às mais diversas culturas e grupos étnicos (CARIDADE, 2011).

A violência no namoro de jovens é exercida de múltiplas formas e em diferentes graus de severidade, sendo subdividida em: emocional e psicológica, física e sexual (CARIDADE; MACHADO, 2006; MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009). A partir de então serão relatadas diversas investigações, cuja o intuito foi estimar e evidenciar a violência praticada entre os casais jovens.

Caridade e Machado (2008), ao realizar uma revisão sistemática nos periódicos publicados entre 1985 e 2006 em bases de dados selecionadas, verificou que nos diferentes estudos foram encontrados que cerca de 50% dos jovens universitários já sofreram violência sexual no namoro. Esta violência estende-se ainda aos adolescentes que frequentam o ensino secundário.

Um estudo português efetuado com 4.667 jovens, na faixa etária de 13 a 29 anos, constatou que 1 em cada 4 jovens afirmaram já ter sido vítimas de algum tipo de conduta abusiva pelo/a namorado/a. O número de jovens que confessaram já ter cometido algum tipo de comportamento abusivo contra o/a parceiro/a atingiu os 31% (CARIDADE, 2008).

Resultados similares são encontrados em pesquisa de contexto nacional, realizada por Barreira, Lima e Avanci (2013), cujo um dos objetivos foi estimar a prevalência de perpetração de violência física e psicológica entre adolescentes namorados de Recife, da qual constatou que

do total da amostra 19,9% relataram violência física, 82,8% psicológica e 18,9% para a coocorrência dos dois tipos de agressão em suas relações afetivas, sem diferenças estatisticamente significantes para os sexos.

Dados encontrados por Minayo, Assis e Njaine revelaram que 86,9% dos adolescentes que participaram da pesquisa já foram vítimas e 86,8% já praticaram algum tipo de agressão durante o relacionamento de namoro ou do “ficar”, seja ela física, sexual ou psicológica. Verificou também que a maior parte dos rapazes e moças (76,6%) é, ao mesmo tempo, vítima e autor das variadas formas de agressões, ratificando a bidirecionalidade dos eventos violentos.

Portanto, rapazes e moças podem assumir tanto o papel de vítimas como o de agressores, situação antagônica a que ocorre nas relações de intimidade entre adultos, onde as condutas abusivas são frequentemente exercidas pelo parceiro do sexo masculino. Esta igualdade entre sexos na perpetração de comportamentos abusivos pode ser explicada pela independência econômica existente entre namorados (a dependência econômica é, aliás, um dos fatores de risco mais comuns nas situações de violência conjugal e que explica o maior risco de revitimização e de manutenção na relação abusiva), bem como pela maior facilidade em colocar término ao relacionamento (APAV, 2011).

É importante fazer a distinção entre vitimização e perpetração de atos violentos. Uma vítima de violência numa relação de intimidade é uma pessoa agredida física, sexual e psicologicamente por outra pessoa, independentemente do contexto, através de uma dinâmica de poder e controle. Por sua vez, o perpetrador é um sujeito que agride a(o) sua(seu) companheira(o), associada ao papel de domínio no relacionamento (KIMBERG, 2008).

Ainda que haja aproximação entre os sexos anteriormente sublinhada, homens e mulheres distanciam-se quando a análise se foca na severidade dos atos de violência exercidos, no impacto e nas motivações para a perpetração. Sendo que as formas mais severas acometidas no namoro de jovens são perpetradas pelo sexo masculino contra o feminino, estando associadas ao maior dano físico e impacto psicológico para a vítima. Quanto ao impacto da experiência de vitimização ao nível psicológico e emocional é superior para as vítimas do sexo feminino, que se percebem claramente como mais vulneráveis. Ademais, quanto a motivação o sexo feminino tipicamente recorre a atos abusivos como estratégia de autodefesa e como reação à violência cometida contra si inicialmente (APAV, 2011).

Apesar de mulheres poderem ser violentas em seus relacionamentos com homens e, às vezes, também encontrarmos violência em relacionamentos com parceiros do mesmo sexo, a

grande carga da violência de gênero recai sobre as mulheres nas mãos dos homens (KRUG et al., 2002).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 35% das mulheres em todo o mundo são vítimas de violência física e/ou sexual perpetrada, em sua maior parte, por seus parceiros. Quanto o feminicídio, fase mais perversa e extrema da violência contra mulheres, se expressa por meio de assassinato, tipicamente baseadas nas relações desiguais de poder entre os gêneros. Portanto, trata-se da violência exercida pelos homens contra as mulheres em função do desejo de obter dominação e controle. Estima-se que, no mundo, 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros íntimos, em contrapartida, 7% padecem de violência sexual praticada por desconhecidos (BARUFALDI et al., 2017).

Lima, Büchele e Clímaco (2008), relatam que nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Austrália investigações e intervenções com homens autores de violência contra as mulheres embora que incipientes é uma realidade desde a década de 1980, em contrapartida no Brasil, pesquisas dessa natureza ainda é exíguo.

Apesar de escassos, estudos realizados em território nacional com homens evidenciam uma conjuntura preocupante. No estado do Rio de Janeiro, 749 homens com idade compreendida entre 15 e 60 anos foram entrevistados. Essa investigação permitiu evidenciar que 25,4% da amostra afirmaram ter usado violência física contra a parceira, 17,2% ter usado violência sexual sendo que 2% afirma ter forçado a parceira a ter relações sexuais e quanto a violência psicológica esta foi a forma mais prevalente, na qual 38,8% asseguraram ter insultado, humilhado ou ameaçado pelo menos uma vez a parceira (ACOSTA; BARKER, 2003). Em Recife, no ano de 2002, foi aplicado um questionário a um total de 170 recrutas das forças armadas. Na questão “Há momentos em que mulher merece apanhar?” 25% responderam que “sim” e 18% disse que “depende”. Além disso, 18% afirmou que “já usou agressão física contra uma mulher” (MEDRADO et al., 2002).

Para entender essa problemática da violência de homens contra mulheres, a partir da perspectiva de gênero, é preciso incluir análises sobre os processos de socialização e sociabilidade masculinas e os significados de ser homem em nossas sociedades. Em geral, os homens são educados, desde cedo, para responder a expectativas sociais, de modo proativo, em que o risco e a agressividade não são algo que deve ser evitado, mas experimentado cotidianamente. A noção de autocuidado, em geral, é substituída por uma postura destrutiva e autodestrutiva (BRASIL, 2003).

Cabe salientar que, esse tipo de violência tanto pode ocorrer entre casais heterossexuais como entre as pessoas do mesmo sexo (NIOLON et al., 2017). Um estudo conduzido por

Freedner e outros (2002) com 521 jovens GBL (Gays, Lésbicas e Bissexuais), constataram que 41,5% dos gays e 37,1% das lésbicas experienciaram por pelo uma vez violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Em outra investigação, realizada por Carvalho e seus colaboradores (2011), com uma amostra de 581 homossexuais norte-americanos de ambos os sexos, verificou-se que 24,2% dos(as) participantes já foram vítimas e 9,4% relatou ter adotado comportamentos violentos contra parceiro íntimo.

Elísio, Neves e Paulos (2018), ao realizar um estudo cujo objetivo foi retratar a violência entre casais do mesmo sexo, através das representações de homens gays, verificaram que as práticas violentas são semelhantes as relações heterossexuais, estando a gênese da violência baseada por uma relação de poder, ao passo que um dos membros do casal se considera superior.

Assim, para Basile e outros (2006), a violência no namoro entre adolescentes pode se configurar como um elemento “preditivo” de vitimização posterior e ações de prevenção primária, ou seja, anteceder a violência para que ela não ocorra, devem ser priorizadas, havendo falha dessas ações medidas secundárias podem impedir a curto e longo prazo consequências para a saúde.

A prevenção de futuros episódios de violência intrafamiliar na vida adulta passa pela intervenção na fase infanto-juvenil, porém, a adolescência não pode ser encarada apenas como uma fase de transição para a vida adulta. Os adolescentes são sujeitos de direitos, cujo sofrimento se dá em tempo presente e que necessitam de políticas públicas que atentem para as suas especificidades (ABRAMO, 1997).

Sendo indiscutível o impacto dos eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de jovens, é fundamental que os profissionais da área da educação estejam capacitados para o seu enfrentamento, sendo o ambiente escolar, depois de seu domicílio, o local de maior convivência social. Ademais, esses espaços se constituem em muitas ocasiões como lócus preferencial para iniciar as experiências amorosas, seja pela maior aproximação com os pares e/ou ausência de supervisão parental.

Com base no que foi elucidado, o próximo capítulo irá explanar o importante papel do setor educação como ambiente dicotômico, ora como agente de enfrentamento, ora como facilitador da violência amorosa entre casais jovens.

3.3 O AMBIENTE ESCOLAR COMO LÓCUS DE PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E OCORRÊNCIAS DE EVENTOS VIOLENTOS

A escola é um espaço privilegiado para a socialização e construção da cidadania, sendo responsável não apenas pela difusão de conhecimentos técnico-científicos, mas também pela transmissão de valores que possam permitir o convívio harmonioso por meio da cultura de paz (BRASIL, 2008).

Existem um significativo conjunto de questões, ainda não investigadas, que afetam os processos educativos e, em especial, a escola na sociedade contemporânea. Dentre esse amplo espectro, está presente o tema da violência no ambiente escolar (SPOSITO, 2001).

Charlot (2002) aponta que a violência escolar não é um fenômeno contemporâneo, como tendem a considerar os professores e a opinião pública, aonde formas violentas de se relacionar têm evoluído para situações mais graves, com registro de ocorrência de homicídios, estupros e agressões com porte de armas dentro do ambiente da escola e os envolvidos em tais situações são indivíduos cada vez mais jovens. Muitos estudos do passado tratavam da questão disciplinar, somente atualmente este tipo de agravo ganhou contornos mais sérios ao vincular-se ao uso de drogas e de armas (inclusive, as de fogo), passando a ser encarado como um grave problema social (PEREIRA, 2016).

Contrariando com a ideia de que historicamente a família e a escola, sempre foram reconhecidas como locais de harmonia e segurança e que o “mundo externo”, as ruas, eram considerados locais perigosos, no qual as pessoas, especialmente mulheres e crianças, tinham maior probabilidade de serem ameaçadas ou violentadas (CHARLOT, 2002), pesquisas em todo o mundo, vieram desmistificar essa crença e, atualmente, as estatísticas têm apontado a família e o ambiente escolar como contextos preferenciais para efetivação de atos violentos (SPOSITO, 2001; APEOSP, 2003; PEREIRA, 2016).

Canivez (1991), Souza e colaboradores (2014), concordam que, depois da família, a escola passa a ser a instituição secundária de socialização do indivíduo, no qual deixam de pertencer exclusivamente à esfera familiar, para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os sujeitos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de conviver com outros de diferentes personalidades e sob a autoridade de uma mesma norma.

De fato, a educação tem na ação concreta uma de suas principais bases, envolvendo atitudes e comportamentos que, repetindo-se e transformando-se a partir das experiências rotineiras, poderão vir a consolidar-se como prática socialmente aceita (ELALI, 2003). Para

Kupper (2004) a educação pode ser compreendida como um processo pelo qual se procura desenvolver as potencialidades do indivíduo de modo a integrá-lo na comunidade a qual estão inseridos.

Os processos e objetivos educacionais se diferenciaram ao longo da história e nas diversas sociedades, de acordo com os fatores culturais. Nas civilizações antigas do Oriente, visavam-se com a educação a supressão da individualidade e a conservação do passado. Aos gregos, no entanto, a função da educação era, ao contrário do mundo oriental, dar ênfase ao desenvolvimento individual e aos aspectos estéticos e intelectuais (KUPPER, 2004).

No Brasil, as primeiras iniciativas de educação tiveram caráter religioso e foi pautada por uma forte tendência elitista e excludente. Durante o período colonial, entre os anos 1554 e 1759, as principais escolas de instrução elementar foram fundadas pela Companhia de Jesus (SILVA, 2010).

Para Romanelli (1986, p. 35),

[...]a educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características que tão bem distinguem a aristocracia rural brasileira, que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar.

Em 1759, a educação brasileira sofre uma alteração drástica, - com a expulsão dos jesuítas, associado a crise econômica de Portugal, ocorrendo então um retrocesso cultural que, entre outras coisas, teve como um de seus fatores o fanatismo religioso. Com a ascensão de Sebastião de Carvalho Mello, o Marquês de Pombal, cujo ideais provém do enciclopedismo, declaradamente anticlericais, possibilitaram o surgimento do sentimento de descontentamento da Metrópole com os jesuítas, o que culminou para sua expulsão. Desde então, inúmeras dificuldades foram elencadas na tentativa de reestruturar administrativamente o ensino, que aos poucos foram sendo substituídos os educadores e sistema jesuítico, e pela primeira vez o poder público estatal passa a ser responsável pelos encargos da educação (ROMANELLI, 1986).

A intenção do Marques de Pombal era de renovar os métodos e processos de ensino, além de torná-lo laico. Contudo, somente após uma década é que a reconstrução do ensino se inicia sobre as ruínas do sistema jesuítico. A partir de 1772, foi implantado de fato o ensino público oficial e a coroa nomeia os professores e estabelece planos de estudo e fiscalização. Além disso, o curso de “Humanidades”, típicas do ensino jesuítico, é modificado e fragmentado para o sistema de aulas régias de disciplinas isoladas (ARANHA, 1996).

Em meados do século XIX, com a vinda da família real e da corte portuguesa para o Brasil, o quadro das instituições educacionais sofre sensíveis transformações, foram criados vários cursos de nível superior. Com a Constituição da República de 1891, além de instituir o sistema federativo de governo, consagrou também a descentralização do ensino por meio do sistema dual e oficializou a distância entre a educação da classe dominante (escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e escola profissional) (ROMANELLI, 1986).

Já no início do século XX, modificações relacionadas à explosão demográfica, a urbanização e a industrialização, seguidos da emergência de uma classe média e da imigração, forçam a sociedade brasileira a propor transformações no campo educacional (ROMANELLI, 1986).

Vale destacar que, no período entre 1940 e 1960, a proporção de alunos matriculados no ensino fundamental e médio passou de 21 para 31%. Somente a partir da década de 60, as matrículas cresceram em um ritmo maior do que a população em idade escolar. A proporção chegou a 58% em 1978 e a 86% em 1998. Como resultados dessas ações, reduziu-se a taxa de analfabetismo, apesar que atualmente ocorra a manutenção de um alto índice, com destaque para os analfabetos funcionais (KUPPER, 2004).

Somente no início da década de 1980, com o processo de redemocratização do país em curso, as demandas enfrentadas pela população adquiriram maior visibilidade e abertura para se tratar de questões que afetam a qualidade de vida, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos (SPOSITO, 2001).

Nesse período, muitas foram as propostas pedagógicas que defendia a ideia de uma educação pública, laica e de cobertura universal (SILVA, 2010), com a promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988, a educação é finalmente garantida como direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento do indivíduo, para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho (BRASIL, 1988).

Como tentativa de fazer cumprir o dispositivo máximo do ordenamento jurídico, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 instituída em 20 de dezembro de 1996, estabelece instruções e bases da educação e ainda prioriza a garantia de acesso gratuito e as condições necessárias para a permanência do estudante na escola (BRASIL, 1996).

Apesar dos avanços, as escolas, instituições criadas com intuito de promover o desenvolvimento e formação cidadã, também se configuram como palco de violação dos

direitos, em que práticas excludentes e violentas contra a população escolar também se efetuam (RISTUM, 2010).

Nos Estados Unidos da América, notícia publicada pelo jornal Folha de São Paulo informava que pelo menos 270 mil estudantes entravam armados em sala de aula. Cerca de 70% de suas instituições de ensino revistam os alunos na entrada e fazem inspeções inesperadas nas salas de aula. Nesse mesmo ano, foram instalados detectores de metal nos portões de acesso aos prédios escolares e passaram a ser utilizados instrumentos portáteis de verificação que acompanhariam as investigações repentinas de grupos de estudantes (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994).

No Brasil, as violências geradas no contexto escolar e suas consequências ganham visibilidade e preocupação de toda a sociedade, pois esse fenômeno acompanha o cotidiano do sistema de ensino, sendo constantemente veiculados pela mídia impressa e televisiva denúncias das mazelas nas escolas, especialmente as situadas nas periferias brasileiras. Em decorrência dessa negligência estatal, muitas reivindicações da sociedade são propostas, dentre elas a busca por melhores condições de infraestrutura e segurança das escolas (APEOSP, 2013).

De acordo com Sposito (2001), durante um longo período imperava a ideia de que os estabelecimentos escolares deveriam ser protegidos de pessoas estranhas, marginais ou delinquentes, sem vínculo com a unidade escolar. Nesse momento, as ações eram com o intuito de prevenir a violência expressa nas ações de dano ao patrimônio público e em menor grau salvaguardar a comunidade estudantil de uma invasão dos prédios por outros indivíduos.

Contudo, as várias manifestações da violência no espaço escolar possuem diferentes denominações de acordo com a sua natureza: violência *na* escola, estabelecida nas relações sociais dentro desse espaço; violência *da* escola, que é violência simbólica estabelecida por meio de exclusão, discriminação e dominação pelo uso de poder; e a violência *contra a* escola, que se dá pela desvalorização social da instituição escolar e da carreira docente (RISTUM, 2010)

Assim, o fenômeno da violência escolar, é compreendido não apenas como reflexo da sociedade contemporânea, já que a escola também passa a ser responsável por reproduzir tais atos. Abramovay (2015, p.9) esclarece que a unidade escolar

[...] reproduz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que se referem no dia a dia. Assim, recusa-se a tese de que a instituição não reflete somente um estado de violência fora dela. Se fosse dessa maneira se retira do sistema de ensino sua responsabilidade sobre o processo de produção e enfrentamento da violência.

No contexto da escola, a violência pode ser manifestada pela sua comunidade, por meio de atos ou ações de comportamentos agressivos e antissociais, envolvendo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, discriminações, entre outros, praticados e/ou vitimados por alunos ou profissionais (COSTA et al., 2013).

A Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS – *Teaching and Learning International Survey*), investigou o ambiente de ensino e aprendizagem em escolas de educação básica de 34 países, durante os anos de 2012 e 2013. A nível nacional, verificou que 12,5% dos professores e membros da equipe escolar tenham sofrido intimidação ou ofensa verbal, 19,8% declararam passar mais tempo mantendo a ordem em sala de aula, incidindo na qualidade da aula ministrada, com um menor tempo sendo dedicado de fato ao processo de ensino-aprendizagem (INEP, 2014).

Outro estudo sobre a violência escolar, realizado pelo Instituto Data Popular e pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, publicado em 2013 e intitulado “Violência nas escolas: o olhar dos professores”, revelou que quatro em cada dez professores declararam já terem sido vítimas de algum tipo de violência nas escolas. Segundo o levantamento, 40% dos professores afirmaram ser comum, sofrer ameaças ou ter algum bem pessoal danificado por alunos, 39% já sofreram agressão verbal e 10% assédio moral. Para 57% dos entrevistados, as escolas em que atuam constituem um espaço violento, essa sensação de insegurança é maior entre os professores das regiões periféricas, onde 63% dos profissionais as consideram como violenta (APEOESP, 2013).

Dentre as razões citadas pelo estudo que justificam ou pelo menos buscam explicar os altos índices de violência citados pelos professores são: o uso/abuso de drogas pelos estudantes, dos quais 54% dos professores afirmaram ter presenciado, pelo menos uma vez durante sua trajetória acadêmica, a comercialização de drogas dentro das instalações da escola e 50% presenciaram o porte de armas brancas pelos jovens estudantes. Outro fator constantemente citado é a desestruturação familiar e a exclusão social (APEOESP, 2013).

A vivência com eventos violentos influencia, de forma direta ou indiretamente, a motivação profissional dos professores. Para Matos, Viana e Gurgel (2012), as agressões sofridas levam os professores à falta de motivação, afetando sua prática, impedindo que realizem suas demandas de maneira satisfatória, ocasionando prejuízos para toda sociedade, os quais contribuem para uma educação de baixa qualidade.

A violência que os professores enfrentam são resultados de inúmeros fatores, dentre eles destacam-se: pouca segurança na escola e imediações, carência em punições administrativas e judiciais mais severas aos estudantes indisciplinados e/ou violentos e a omissão da família na

vida educacional dos filhos. Muitos são os relatos de profissionais que sofreram algum tipo de violência física ou moral e que não procuram seus direitos por medo de represálias de alunos ou de seus familiares e pelo sentimento de insegurança (MATOS; VIANA; GURGEL, 2012).

Em uma investigação, com jovens estudantes do 2º ano do ensino médio, surgiram algumas diferenças entre os que frequentam escolas públicas e particulares, no que se refere a: ter sido ameaçado na escola, mais relatado pelos primeiros (15,4% *versus* 8,5%); conviver com pessoas que usam armas brancas na escola (14,5% dos que estudam no ensino particular contra 9,2% dos que estão inseridos no ensino público); e ter sido humilhado, que também é mais frequente entre alunos do ensino particular (19,6% *versus* 14,1%) (ASSIS et al., 2011).

Os dados supracitados, ratificam o pensamento de outros autores que nos convida a refletir sobre a relação entre jovens de menor poder aquisitivo e violência escolar, criticando a tendência de se relacionar pobreza a atos violentos como estratégia de enfrentamento das desigualdades sociais e de se considerar que os abusos praticadas na unidade escolar são uma expressão direta da situação de penúria (SPOSITO, 2001).

Para Gomes (1999) esse contexto de violência nas escolas é explicado, em parte, por este ser um lugar onde se tem uma grande diversidade de pessoas, com histórias e realidades distintas. Sendo fácil imaginar que, existam ou poderão existir problemas de relacionamento entre os estudantes, professores e os demais membros atuantes da escola. Problemas estes, que não podem ser negligenciados pela gestão escolar, e nem serem tratados com insignificância, pois muitos deles poderão tomar proporções maiores e causar sérios danos futuros na vida dos envolvidos. Muitas são as demandas sociais que podem ser encontradas no ambiente escolar, entre elas estão: o preconceito, a discriminação, desobediência, intolerância, evasão escolar, violência escolar, *bullying*, agressões verbais e físicas entre outros.

Para Abramovay (2015) as agressões verbais são conceituadas como microviolência, entendida como violações que passam em muitos casos despercebidas, por se expressarem de maneira sutil e ser considerada como “comportamentos típicos de adolescentes e jovens”, mesmo gerando sentimento de impotência e insegurança. Para a autora, na escola as agressões verbais, como os xingamentos, ofensas, desrespeitos, difamação, apelidos, insultos, modos grosseiros de se relacionar e de se expressar, incivilidades, são exemplos de ações discriminadoras, de desrespeito e de humilhação, nem sempre reconhecidas como violentas e quando reconhecidas, são tolerados pela sociedade, que muitas das vezes são atitudes precipitadas por motivos banais ligados ao cotidiano escolar.

Frequentemente, a violência sofrida pelo jovem na escola é perpetrada pelos próprios colegas, amigos ou pelos que fazem parte de grupos rivais, aparecendo em 95% das citações

feitas pelos professores, ao mesmo tempo estes consideram que 83% das vítimas são os estudantes (APEOSP, 2013).

Outro problema enfrentado no contexto escolar é o vandalismo, descrito como um comportamento agressivo em direção ao ambiente físico, que resulta em sua desfiguração ou destruição e gera custos que ultrapassam àqueles de natureza meramente econômica, significando igualmente perdas de ordem social (GOLDSTEIN, 1996, 2004).

Para outros autores, a concepção do vandalismo ultrapassa a degradação do patrimônio, resultantes da ação violenta contra os bens materiais e perpassa pela baderna, agressões físicas e verbais para com a comunidade estudantil (SOUZA et al., 2014).

Em uma investigação realizada por Felipe, Raymundo e Kuhnen (2012) que objetivou descrever a prática de vandalismo escolar autorreportada por 508 estudantes do ensino fundamental e médio, verificou que 92% dos estudantes já riscaram carteiras; 77,1% jogaram lixo no chão e 32,6% sujaram as paredes e portas; e um menor percentual relataram ter quebrado pelo menos uma vez alguma lâmpada ou luminária, extintores de incêndio, vidros de janelas e saboneteiras de seu ambiente escolar.

Pesquisa, cuja motivação foi a recorrente queixas de professores da rede pública de ensino em relação à indevida preservação dos bens, evidenciou que a violência praticada em relação ao patrimônio público está diretamente relacionada à falta de conscientização da população sobre o significado do que é público, e por ser público e fruto do recolhimento dos impostos pagos pela população, - incluindo seus familiares, e portanto tem a equívoca percepção de direito, podendo se apropriar da maneira que lhe convém, mesmo que seja com o uso da violência (SOUZA et al., 2014).

Para Silva e Ristum (2010) e Oliveira e Barbosa (2012), outro problema bastante recorrente e presente em todas as sociedades, é o *bullying*, cometida em todos os espaços de socialização, inclusive no familiar e escolar.

O *bullying* escolar é uma realidade frequente e de graves repercussões para a saúde mental de suas vítimas e familiares. Dada investigação realizada em 79 países, cujo objetivo principal foi examinar a prevalência de vitimização por *bullying* e violência física, entre os jovens, verificou que aproximadamente 30% dos adolescentes relataram sofrer *bullying*, e 10,7% dos homens e 2,7% das mulheres estavam envolvidos em frequentes lutas físicas (ELGAR et al., 2015).

Ao analisar os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2015), buscou-se verificar associações entre a prática de *bullying* com variáveis sociodemográficas, de saúde mental e de comportamentos de risco em escolares. Esse inquérito, de corte transversal,

constatou que 19,8% dos estudantes relataram praticar *bullying*, sendo inclusive mais prevalente entre escolares da rede privada de ensino, cujas mães têm um maior nível de escolaridade e ocupação laboral. Entre as características individuais, foi mais frequente a prática de *bullying* entre os que relataram solidão, insônia, não ter amigos, apanhar de familiares e consumo de drogas (MELLO et al., 2017).

Entre as diversas formas de *bullying*, a homofobia ainda é a menos discutida e a mais consentida, especialmente por pessoas que não sofrem o ato homofóbico em si (BORGES et al., 2011). Estudo realizado em seis países da América do Sul (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Uruguai e Peru), demonstrou que 73% de adolescentes brasileiros (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) sofrem *bullying* por causa de sua orientação sexual, 60% se sentem inseguros no ambiente escolar e 37% já sofreram violência física dentro das escolas (ABGLT, 2016).

Um estudo nacional realizado em escolas brasileiras, envolvendo mais de 24 mil respondentes (estudantes, pais e membros do corpo pedagógico) de quatorze capitais, mostrou que a maior prevalência foi representada pela categoria estudantil, onde 30,6% expuseram que não gostariam de ter um colega homossexual, e que os jovens do sexo masculino, em qualquer capital analisada, rechaçam com maior intensidade a homossexualidade. Quanto aos pais, 47,5% não gostariam que seus filhos tivessem um colega homossexual e 60% do corpo docente afirmaram não estar suficientemente bem informados para abordar a questão da homossexualidade na sala de aula (ABRAMOVAY et al., 2004).

Neste cenário, os dados indicam que a prática e/ou vitimização de *bullying* é aspecto relevante que interfere no processo ensino-aprendizagem e na saúde dos escolares. Tornando-se necessário enfrentar, focando na intersetorialidade e em ações que promovam o protagonismo juvenil (BRASIL, 1998).

A Orientação Sexual no âmbito escolar, pode ser realizado por meio da problematização e de discussões que ampliem o leque de conhecimentos, de modo a ajudar os jovens na escolha de seu caminho, devendo o professor manter uma conduta neutra. Vale ressaltar que, essas questões, por serem permeadas de tabus e podendo levar constrangimento, precisam ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada estudante ou professor. Para uma maior efetividade, faz-se necessário o estabelecimento de uma relação de confiança, para que os estudantes possam tirar dúvidas sem que haja direcionamento preconceituoso ou julgamento sobre “certo” ou “errado” (BRASIL, 1998).

A escola pode criar outras estratégias de prevenção de *bullying*, como promover intervenções individualizadas, de modo a ajudar os jovens a lidarem com a raiva, captar

“estudantes assistentes” que disponham de certas habilidades básicas - como atenção para ouvir, empatia, resolução de problemas e oferta de apoio – necessárias para que ajudem colegas envolvidos nessas situações (OMS, 2014).

Para Babiuk, Fachini e Santos (2012), a escola deve se constituir como um espaço público, que promova construção coletiva, sendo possível que o educador se aproxime de seus estudantes e reconheça as suas reais necessidades e qual contexto social está inserido.

Ainda no âmbito escolar, Bourdieu e Passeron (2008), afirmam que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, sustentada por uma relação de poder arbitrária, negando a autonomia, e muitas vezes, impossibilitando a construção do diálogo, inseridos em um espaço não democrático, distanciando cada vez mais os alunos, que ainda poderão assimilar tais comportamentos e reproduzir inconscientemente as ações estabelecidas com os grupos dominantes. Portanto, faz-se importante assinalar que a violência no contexto escolar é um fenômeno social e não um processo isolado, devendo buscar uma ampla discussão sobre esta temática de modo a melhor intervir.

Sobre isso, Delors (1998), afirma que a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens basilares, as quais serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer** – permite a construção dos saberes, do estímulo crítico e intelectual que verdadeiramente liberta da ignorância; **aprender a fazer** – estritamente ligada a primeira e a qualificação profissional, através da prática do conhecimento adquirido e de modo que tornem aptos a enfrentar as inúmeras situações; **aprender a viver juntos** – é sem dúvida um dos mais maiores desafios da educação, já que nas relações contemporâneas, em muitas das vezes, estão arraigadas de violência. Esse fundamento traz o desafio da compreensão do outro, no respeito pelos valores do pluralismo, da cooperação mútua e da paz; e por fim, **aprender a ser** – para melhor desenvolver a personalidade e que, promova cada vez mais a autonomia, discernimento e responsabilidade. Para isso não se deve negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, sejam elas: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. Cabe salientar, que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Outro problema constantemente vivenciado pelos jovens no âmbito escolar e não menos grave, é a violência em suas relações afetivo-sexuais, praticada por parceiro(a) ou ex-parceiro(a) íntimo, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em danos físico, emocional e sexual, podendo ocorrer entre casais heterossexuais e homossexuais. Cabe destacar, que as escolas se constituem em espaços preferenciais de iniciação das relações de intimidade de

jovens (namoro, “ficar” e outros), e que na grande maioria das vezes esse tipo de violação é velada e oculta, sendo que apenas um pequeno percentual de vítimas procuram ajuda de amigos, familiares ou de profissionais responsáveis pela proteção e assistência a vítimas (OMS, 2014).

Apesar dos danos que geram a seus envolvidos, não surpreende que, poucos países tenham relatado a implantação, no âmbito escolar, de programas de prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais de jovens. Contudo, é irrefutável o importante papel que a escola desempenha na prevenção desses eventos, pois podem auxiliar os jovens a lidar com a violência no relacionamento íntimo e aprender habilidades saudáveis de se relacionarem, não violentos e equitativos, especialmente em relação ao gênero, comportamentos esses que poderão ser levadas para a vida adulta, prevenindo assim a violência conjugal (OMS, 2014).

Destarte, a violência de gênero na escola pode assumir várias nuances, como a imposição de comportamentos masculinos e femininos, mesmo que forma sutil, as meninas são orientadas a se comportar de forma delicada, sensível, obediente, amorosa, afetiva, lhes atribuindo o papel de cuidadora. Nos meninos, a agressividade e a competitividade são valorizadas e fazem parte da construção identitária masculina, sendo culturalmente aceita a sua superioridade em relação à mulher que deve assumir comportamentos subservientes, em decorrência de sua inferioridade imposta (FERREIRA; LUZ, 2009).

Cabe salientar que, a escola, como instituição social, tem importante papel na formação das pessoas. Neste sentido, não pode se eximir da discussão de determinados temas, tais como as desigualdades de gênero e a diversidade sexual. Segundo Silva, Araújo e Luz (2012), a violência por ser um fenômeno complexo é necessário refletir sobre a dinâmica das relações sociais, já que ao passo em que está arraigada no espectro das relações intersubjetivas, é também marcada por forte matriz estrutural, envolvendo questões como desigualdade social – que pode ter sua origem em questões étnicas, de gênero ou de classe.

Nesse sentido, a escola se constitui como espaço relevante em que se “produz, reproduz, reafirma, destrói e legitima imagens e representações de gênero e sexualidade” (FERREIRA, LUZ, 2009, p. 37). Por outro lado, a educação formal pode oportunizar aos estudantes mecanismos que ultrapassem os limites impostos na sociedade, que ainda os educam na perspectiva de preparar as meninas para os serviços domésticos e maternos, através das brincadeiras de “casinha” e de “boneca”, enquanto os meninos exercem profissões científicas e de poder social (FERREIRA, LUZ, 2009).

Sabendo que a violência, em todas as suas formas e manifestações, pode trazer danos irreparáveis para o desenvolvimento intelectual, físico e mental de jovens, faz-se imprescindível a construção de estratégias de enfrentamento eficazes, que abranja a comunidade de forma

geral, devendo envolver o poder público em todas suas instâncias, federal, estadual e municipal, bem como os atores que compõem o ambiente escolar (BABIUK, FACHINI, SANTOS, 2013).

Como estratégias de enfrentamento salienta-se estratégias que proporcionem diálogo sobre a violência entre educadores, funcionários da escola e estudantes, onde a temática deva ser problematizada, esclarecida, e não desconsiderada. Sendo necessário que a comunidade escolar esteja sensível na identificação e na implementação de condutas adequadas e eficientes de modo a amenizar ou erradicar esses acontecimentos violentos, que por muitas vezes são aceitos e naturalizados (BABIUK, FACHINI, SANTOS, 2013).

Por tudo que foi explanado, vislumbra-se que a tão sonhada escola cidadã ofereça ambientes próprios e seguros e que medidas de prevenção da violência sejam implementadas, na qual os jovens possam ampliar suas habilidades e potencialidades cognitivas, afetivas e sociais, e que a ambiente escolar não seja caracterizada como um espaço, onde a violência ocorre com frequência, e sim como evento que merece a atenção e seja tratada com prioridade pelas autoridades e a responsabilização de todos para uma convivência pacífica (PARANÁ, 2016).

4 MATERIAIS E MÉTODO

O método deriva da metodologia e esta pode ser entendida como:

O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2009, p.14).

Em suma, trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos (OLIVEIRA, 2001).

4.1 TIPO DE ESTUDO

A presente investigação é um recorte do Projeto Interinstitucional intitulado “Saúde de jovens e violência: Interlocução entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, desenvolvido pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana (NNEPA-UEFS) em parceria com a *Équipe Violence Sexuelle et Santé* (Equipe de Violência Sexual e Saúde - ÉVISSA) da *Université du Québec a Montréal* (Universidade do Quebec Montreal - UQAM) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos (NEDH) da Universidade Católica do Salvador (UCSal), cujo objeto de estudo é a violência entre jovens, seus pares e parceiros, abordando diversas perspectivas relacionadas aos eventos violentos sofridos e/ou perpetrados.

Para execução deste estudo, optou-se pela pesquisa do tipo exploratória, com abordagem quantitativa, de corte transversal, com estudantes, de ambos sexos, na faixa etária de 14 a 24 anos.

Segundo Gil (2007, p.41) a fase exploratória “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Já a pesquisa quantitativa tem o intuito de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou até mesmo produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos (MINAYO, 2014), permitindo chegar a verdades universais que possam ser generalizadas.

O estudo de corte transversal é entendido como “estudo epidemiológico no qual fator e efeito são observados num mesmo momento histórico” (ROUQUAYROL, ALMEIDA FILHO, 2003, p.161), sendo vantajoso, em virtude de sua fácil execução e análise, baixo custo, com

elevado potencial descritivo e a possibilidade de estudar várias exposições e desfecho (SANTANA; CUNHA, 2012).

4.2 LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa interinstitucional ocorreu nas escolas da rede pública de ensino da zona urbana do município de Feira de Santana, Bahia.

O município em questão é a segunda maior cidade do Estado da Bahia, emancipada politicamente em 1832, situada a 110 km da capital/Salvador, com população estimada em 2018 de 627.477 habitantes. Localizada na planície do recôncavo baiano, clima semiárido, sendo destacada pelo grande fluxo migratório de regiões, facilitada pela localização geográfica, cortada por três Rodovias Federais (BR 324, BR 116 e BR 101) e cinco Rodovias Estaduais (BA 052, BA 068, BA 501, BA 502 e BA 503), sendo considerada o maior entroncamento rodoviário de ligação das regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil (IBGE, 2018).

Em se tratando do ensino fundamental (1º ao 9º ano) e médio, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018 o município contava com 435 escolas com 98.893 matrículas (IBGE, 2018).

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

A amostra foi aleatória e do tipo estratificada por conglomerado com multiestágio a partir do universo de escolas públicas do ensino fundamental e médio da zona urbana do município de Feira de Santana-BA, e respectivos estudantes matriculados, de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 24 anos.

As Unidades primárias foram as escolas classificadas de acordo com o porte (pequeno, médio e grande) e o número de estudantes. As Unidades Secundárias foram os estudantes, de ambos sexos, na faixa etária de 14 a 24 anos, matriculados nas escolas sorteadas.

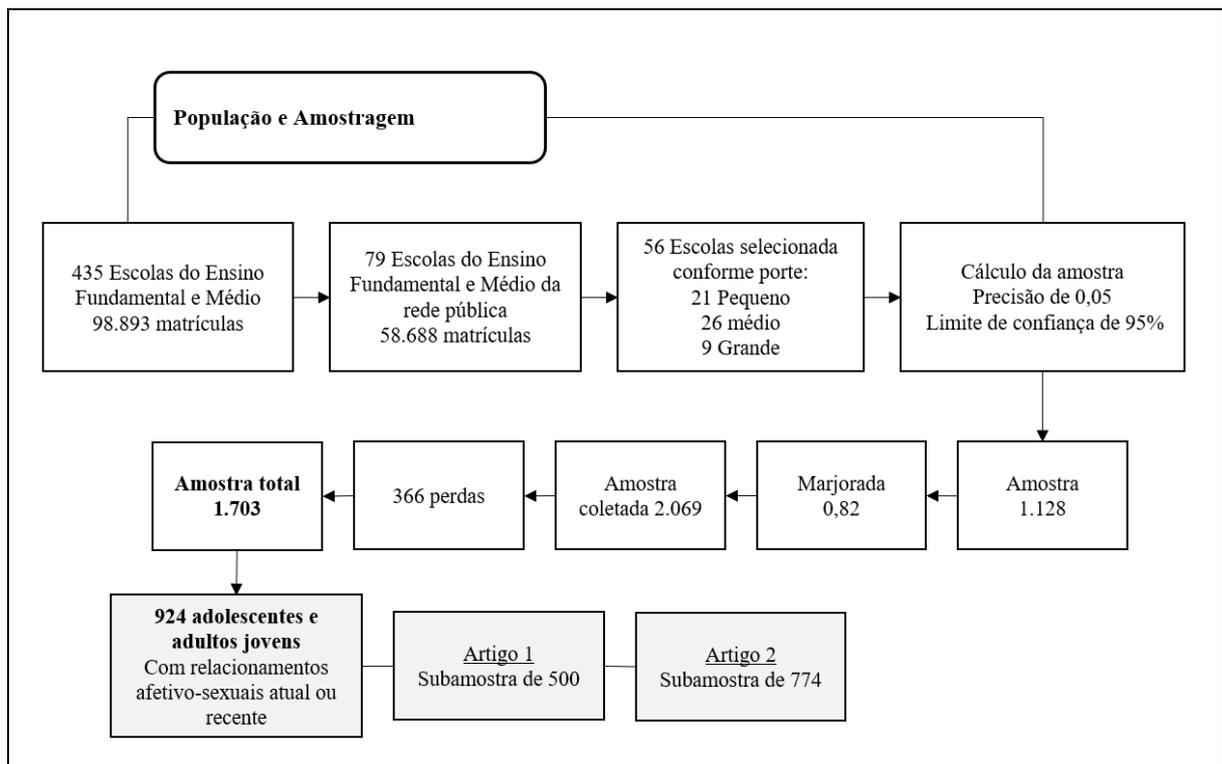
Cabe destacar que, segundo dados da Secretaria Estadual e Municipal de Educação, em 2018, Feira de Santana contava com 79 escolas e 58.688 estudantes matriculados na rede pública da zona urbana, cursando os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) ou médio.

De forma representativa, 56 escolas foram sorteadas, para compor o campo de coleta, sendo 21 escolas de pequeno, 26 de médio e 9 de grande. O número de alunos foi calculado para diferentes precisões, de acordo com porte das escolas. Como se desconhecia a proporção da característica da população estudada assumiu-se a proporção máxima de 0,05 com limite de confiança de 95%, sendo necessário a coleta de dados de 1.128 indivíduos. A estratificação foi

utilizada, principalmente, para melhorar a precisão das estimativas. A amostra foi majorada em 0,82%, para compensar perdas e recusas, totalizando assim, uma amostra de 2.069 adolescentes e jovens de ambos os gêneros.

Cabe salientar, que foram consideradas perdas, os questionários que tivesse 50% ou mais dos itens em branco, nesse sentido foram excluídos 366 respondentes, restando um total de 1.703 para compor a base de dados. Para esta pesquisa, foram incluídos os 924 adolescentes e adultos jovens que relataram relacionamento atual ou recente (últimos 12 meses), conforme a Figura 1.

Figura 1: Esquema do processo para o cálculo amostral.



Fonte: Elaborado pelas autoras

4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de investigação é um extenso inventário original do grupo de pesquisa canadense da UQAM, o qual foi submetido pela equipe do NNEPA/UEFS aos processos de adaptação transcultural (NASCIMENTO, 2014) e análises psicométricas, visando a validação de construto e conteúdo, e da confiabilidade (CAMPOS, 2015), com posterior aplicação do questionário adaptado e validado, de modo a possibilitar a utilização em contexto nacional.

O instrumento contém 60 questões¹, predominantemente fechadas, em formato dicotômico e graduadas, em frequência e do tipo *Likert*, sendo dividido em sete seções (Anexo 1), a saber:

Seção 1 - Informações Gerais: Caracterização sociodemográfica: sexo, data de nascimento, escolaridade (participante e dos pais), coabitação, cidade e bairro de moradia, religião, cor da pele (participante e dos pais), prática de atividades esportivas e/ou culturais e desempenho estudantil.

Seção 2 - Relações afetivas e amorosas: Comportamentos dos(as) amigos(as): abandono de estudo, consumo de álcool e outras drogas, infringir leis de trânsito, provocar acidentes, praticar vandalismo, vítimas de agressões pelo seu(sua) parceiro(a); Situação atual de relacionamento afetivo-sexual; Eventos violentos nas relações afetivo-sexuais recente e pregressa, para condição de vítima e agressor; Estresse pós-traumático consequente à violência amorosa; Opinião sobre discordância de violência nos relacionamentos entre casais heterossexuais e homossexuais; Apoio de amigos ou companheiro; Estratégias enfrentadas para proteção de si e outrem e Experiências difíceis entre pares ou parceiros(as).

Seção 3 - Difíceis experiências: Dados relacionados à violência entre pares, companheiro(a) e outros; Estratégias de enfrentamento dos problemas e situações estressantes; Busca por apoio profissional; Violência em decorrência de gênero; Comportamentos suicidas; Comportamentos externalizantes.

Seção 4 - Comportamentos Sexuais: Número de parceiros(as), Grau de desejo sexual, Atração sexual, Contatos sexuais, Idade da iniciação sexual, Uso de preservativo, Gravidez e Exploração sexual.

Seção 5 - Família: Convivência familiar apoio/conflitos e Exposição a conflitos parentais.

Seção 6 - Comportamentos e hábitos de vida: Comportamentos delinquentes e consumo de substâncias psicoativas (SPA).

Seção 7 - Sentimentos e Emoções: Estado emocional, rede de apoio e a prática de esportes e outras atividades culturais e religiosas.

De modo a atender aos objetivos deste estudo, foi utilizada um recorte do instrumento *Percurso Amoroso de Jovens/PAJ* do NNEPA/UEFS¹, cujos resultados apresentaram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo

¹A versão brasileira do PAJ já se encontra validada e adaptada ao contexto brasileiro, sendo replicada em escolas do Município de Salvador e Feira de Santana.

(ICV) acima de 95%, podendo desse modo ser aplicado e replicado no contexto nacional (NASCIMENTO, 2014; CAMPOS, 2015).

Para esta pesquisa foram selecionadas as questões relacionadas as variáveis sociodemográficas (sexo, faixa etária, escolaridade, cor da pele, desempenho estudantil, coabitação, prática de atividade cultural/esportiva), relacionais (situação atual e pregressa de namoro, eventos violentos precedentes e atuais, amigos com comportamento violento no namoro) e hábitos de vida (uso de álcool e outras drogas- jovens e dos amigos).

4.5 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada pelos integrantes do NNEPA, após terem sido devidamente treinados por meio de um manual de procedimentos básicos, contendo os aspectos metodológicos e éticos.

O projeto interinstitucional foi apresentado a direção do Núcleo Regional de Educação (NRE) através de ofício. Após essa apresentação e constatada a viabilidade da execução do projeto através da liberação das escolas pelas Secretarias Municipal e Estadual de Educação (ANEXO 2, 3), foram solicitadas as Secretarias o número de escolas e de alunos matriculados na rede pública de ensino de cada órgão competente, para proceder o cálculo amostral.

Quanto aos diretores de cada unidade escolar, foram apresentados os objetivos, instrumento de coleta e relevância do estudo com o intuito de haver a liberação do campo. Com o consentimento da direção, a data da coleta foi devidamente agendada, de modo a não prejudicar o calendário estudantil.

Cabe destacar que a coleta ocorreu nos três turnos de ensino (matutino, vespertino e noturno), com aqueles que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os menores de 18 anos) e/ou do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os demais e responsáveis dos menores de 18 anos) (Anexo 4). Para a assinatura dos termos, os participantes foram informados quanto ao objetivo, importância e a metodologia da pesquisa, com o direito garantido de não participarem ou de desistirem a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos.

Como técnica de coleta de dados, optou-se pela aplicação de um questionário individual estruturado, com aqueles que estavam nas salas de aula e que se dispuseram a participar da pesquisa, mediante assinatura do TALE e/ou TCLE. O tempo de duração para o preenchimento do questionário variou entre 30 a 60 minutos, com média de 45 minutos.

Para atender aos aspectos éticos, foram utilizados procedimentos básicos para coleta, a saber: professores afastados de modo a assegurar maior liberdade de expressão; reorganização

das salas com assentos equidistantes e disponibilização de urnas lacradas em local específico para que os participantes depositassem os questionários sem identificação nominal, garantido total sigilo e confidencialidade.

A operacionalização da coleta obedeceu, criteriosamente, as etapas preconizadas, visando alcançar os objetivos. Destacando a importância do retorno positivo à comunidade sobre os problemas levantados, causas, consequências e respectivas medidas de prevenção e proteção a serem implementadas, visando, a qualidade dos relacionamentos interpessoais, através da convivência pacífica e da prática da cultura de paz entre jovens.

4.6 VARÁVEIS DO ESTUDO

4.6.1 Variável desfecho (dependente)

Para avaliar a situação dos relacionamentos afetivo-sexuais dos adolescentes e adultos jovens foram incluídos todos que relataram condição atual (relacionamento amoroso no momento da coleta) ou recente (no momento da coleta não estava em relacionamento amoroso, porém teve nos últimos 12 meses).

A principal variável dependente do estudo foram as vítimas e/ou perpetradores de agressões psicológicas e/ou físicas recentes, as quais foram recategorizadas conforme proposta de análise utilizada nos diferentes artigos, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Variáveis, perguntas, categorização e recategorização para a síntese dos desfechos nos diferentes artigos.

ARTIGO 1			
Variável	Perguntas	Categorização	Recategorização
Vítima de violência física	<ul style="list-style-type: none"> • Esmurrou ou deu pontapé; • Estapeou ou puxou os cabelos; • Machucou; • Empurrou, sacudiu ou “engarguelou”; • Um machucado, uma mancha roxa, ou um corte provocado por uma briga entre vocês; • Um machucado provocado por causa de uma briga entre vocês que necessitou de atendimento médico; • Dores no corpo até o outro dia, depois de uma briga de vocês. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca; • 1 a 2 vezes; • 3 a 5 vezes; • 6 vezes ou mais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve
Agressor de violência física	<ul style="list-style-type: none"> • Esmurrou ou deu pontapé; • Estapeou ou puxou os cabelos; • Machucou; • Empurrou, sacudiu ou “engarguelou”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca; • 1 a 2 vezes; • 3 a 5 vezes; • 6 vezes ou mais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve
ARTIGO 2			

Variável	Perguntas	Categorização	Recategorização
Agressor de violência psicológica	<ul style="list-style-type: none"> • Disse coisas que provocou raiva; • Ameaçou fazer mal; • Ameaçou bater ou atirar objetos”; • “Zombou/tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (<i>bullying</i>)”; • “Seguiu para saber com quem iria se encontrar”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca; • 1 a 2 vezes; • 3 a 5 vezes; • 6 vezes ou mais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não; • Sim.
Agressor de violência física	<ul style="list-style-type: none"> • Esmurrou ou deu pontapé; • Estapeou ou puxou os cabelos; • Empurrou, sacudiu ou “engarguelou”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca; • 1 a 2 vezes; • 3 a 5 vezes; • 6 vezes ou mais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não; • Sim.

Fonte: Elaborado pelas autoras

4.6.2 Variável de exposição (independente)

As variáveis independentes foram divididas em: *características sociodemográficas*: sexo, faixa etária, cor da pele, escolaridade, prática de atividade esportiva e/ou cultural, coabitação, desempenho estudantil; *relacionais e experiências violentas*: situação do relacionamento íntimo, agressões violentas anteriores (sofridas ou perpetradas) e vitimização de amigos nas relações afetivo-sexuais e os *hábitos de vida*: uso de substâncias psicoativas (SPA) - álcool e/ou maconha - dos participantes e amigos. Conforme quadro abaixo, essas covariáveis precisaram ser recategorizadas de modo a possibilitar as análises estatísticas (Quadro 2).

Quadro 2: Variáveis, pergunta de investigação, categorização e recategorização para investigação das exposições relacionadas aos desfechos.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS			
Variável	Pergunta	Categorização	Recategorização
Faixa Etária	Qual a sua data de Nascimento?	Idade em anos.	1- 14 a 16 anos; 2- 17 a 19 anos; 3- 20 a 24 anos.
Escolaridade	Em qual nível de estudos você está?	1- Fundamental I ² (1 ^a a 5 ^a série); 2- Fundamental II ³ (6 ^a a 8 ^a série); 3- Ensino Médio (secundário); 4- Curso Técnico profissionalizante; 5- CPA (séries do ensino médio condensadas); 6- EJA (Educação de Jovens e Adultos); 7- Pré-vestibular; 8- Universitário. Qual o curso/universidade	1- Ensino Fundamental I ou II (1, 2); 2- Ensino Médio (3); 3- Outros (4, 5, 6).

		9- Outro (especificar).	
Cor da pele	Olhando a sua família e você, como você considera a si:	1- Branca; 2- Mestiça/parda/morena; 3- Negra; 4- Indígena; 5- Outro.	1- Branca (1); 2- Mestiça/parda/morena (2); 3- Negra ou Outras (3, 4, 5).
Atividade Esportiva/cultural	Você participa de alguma atividade cultural, esportiva, dança, música em alguma escola, instituição, comunidade, ONG?	1- Sim; 2- Não.	Não houve.
Desempenho estudantil	De modo geral, você diria que seu desempenho estudantil (avaliações, notas, boletins, trabalhos apresentados, etc.) pode ser considerado:	1- Muito bom; 2- Bom; 3- Na média; 4- Fraco; 5- Muito fraco.	1- Bom (1, 2); 2- Médio (3); 3- Fraco (4, 5).
Coabitação	Neste momento com quem você mora?	1- Com seus pais, na mesma casa; 2- Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda); 3- Com sua mãe; 4- Com seu pai; 5- Com um membro de sua família; 6- Em um centro de acolhimento; 7- Com seu namorado ou sua namorada; 8- Outro.	1- Pais no mesmo domicílio (1); 2- Pais separados (2, 3, 4); 3- Membros da família ou outros (5, 6, 8); 4- Namorado(a)/Parceiro(a).

RELACIONAIS E EXPERIÊNCIAS VIOLENTAS

Variável	Pergunta	Categorização	Recategorização
Relacionamento afetivo-sexual	Marque e responda à situação que mais se aplica a você.	1- No momento, você tem um namorado ou está ficando com um rapaz; 2- No momento, você tem uma namorada ou está ficando com uma garota; 3- No momento, você não tem um namorado, mas no ano passado, teve um; 4- No momento, você não tem uma namorada, mas no ano passado, teve uma;	1- Atual (1, 2); 2- Recente (nos últimos 13 meses) (3, 4).

		5- No momento, desde o ano passado que você está sozinho, mas já teve alguém anteriormente. (Há mais de um ano que você não está com ninguém); 6- Até o momento você nunca teve um(a) namorado(a).	
Vítima de violência psicológica anterior	Ameaçou, machucou ou feriu	1- Sim; 2- Não.	Não houve.
Vítima de violência física anterior	Empurrou, sacudiu ou segurou com força	1- Sim; 2- Não.	Não houve.
Agressor de violência anterior	Ameaçou, machucou ou feriu; Empurrou, sacudiu ou segurou com força.	1- Sim; 2- Não. 1- Sim; 2- Não.	1- Não (2, 2); 2- Sim (1, 1 ou 1, 2 ou 2, 1).
Vitimização de amigos nas relações afetivo-sexuais	Quantos dos seus amigos ou amigas... j) já foram agredidos pelo(a) namorado(a)	0- Nenhum(a); 1- Um(a); 2- Alguns(as); 3- No fim de semana ou 2 vezes por semana; 4- Todos(as).	1- Não (0); 2- Sim (1 a 4).

HÁBITOS DE VIDA

Variável	Pergunta	Categorização	Recategorização
Consumo de Substância psicoativa (SPA) - participantes	Em alguma ocasião nos últimos 12 meses, quantas vezes você consumiu essas substâncias? a) Bebida alcoólica; b) Maconha.	0- Nunca consumiu; 1- Ocasionalmente 2- Mais ou menos uma vez por mês; 3- No fim de semana ou 2 vezes por semana; 4- 3 vezes por semana, mas não todos os dias; 5- Todos os dias.	Bebida alcoólica: 1- Não (0); 2- Sim (1 a 5). Maconha: 1- Não (0); 2- Sim (1 a 5). Substância Psicoativa: 1- Não (1, 1); 2- Sim (1, 2 ou 2, 1 ou 2, 2).
Consumo de Substância psicoativa (SPA) - amigos	Quantos dos seus amigos ou amigas... a) Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica? b) Fumaram maconha?	5- Nenhum(a); 6- Um(a); 7- Alguns(as); 8- No fim de semana ou 2 vezes por semana; 9- Todos(as).	Bebida alcoólica: 1- Não (0); 2- Sim (1 a 4). Maconha: 1- Não (0); 2- Sim (1 a 4). Substância Psicoativa:

			1- Não (1, 1); 2- Sim (1, 2 ou 2, 1 ou 2, 2).
--	--	--	---

¹A idade dos participantes foi estratificada conforme a classificação proposta pela OMS, que considera adolescente na fase intermediário aqueles com idades entre 14 e 16 anos, tardia 17 e 19 anos e adultos jovens de 20 a 24 anos.

4.7 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

A priori, o banco da pesquisa interinstitucional, foi digitado no programa *EpiData Software* versão 3.0 para compor a base de dados, e para que as incongruências provocadas por erros de digitação fossem minimizadas. Em seguida, os dados foram transferidos e processados no ambiente de programação computacional *R Development Core Team* versão 3.6.1, de livre acesso e disponível gratuitamente.

De modo a operacionalizar os objetivos propostos, o banco de dados secundário foi sistematizado e excluído todos os jovens que relataram nunca terem tido ou que tiveram relacionamento afetivo-sexual anterior (ano anterior a pesquisa). Para proceder as análises, foram calculadas inicialmente as frequências das variáveis, as quais foram expressas em percentuais e investigadas associações entre perpetração da violência psicológica e/ou física e as demais covariáveis, por meio de análises bivariadas calculadas pelo teste Qui-quadrado de *Pearson* (χ^2), adotando-se Intervalos de Confiança (IC) de 95% e *p-valor* < 0,05, para resultados estatisticamente significante.

Como a violência não pode ser aferida diretamente através de um instrumento em escala que classifique com precisão as vítimas e/ou perpetradores de agressões, dada a complexidade do fenômeno, a escolha pela técnica de Análise de Classes Latentes (ALC) possibilitou observar a heterogeneidade em grupos supostamente homogêneos, através da investigação se a relação da covariância entre um grupo de variáveis observáveis é explicada por outra variável latente. Para Silva-Júnior (2015, p. 18), “a ACL assume que cada sujeito pertence a uma única classe (*cluster*, grupo discreto), e que as variáveis manifestas são mutuamente independentes umas das outras, condicionadas à associação da classe latente”.

Garthe, Sullivan e Gorman-Smith (2019), utilizaram este método de análise para investigar como os padrões dos relacionamentos familiares podem exercer influência nas relações violentas de casais jovens do ensino médio de comunidades economicamente menos favorecidas e com alto índice de exposição aos fatores de risco para agressões entre parceiros.

Outros estudos de base populacional e em contextos internacionais utilizaram ACL, para examinar a violência entre pares e parceiros (LIU; TAYLOR; MUNFORD, 2020; REYES et al., 2019; SESSAREGO; SILLER; EDWARDS, 2019), justificando a escolha pela técnica.

Sendo assim, para ALC foi utilizada a biblioteca poLCA desenvolvida por Linzer e Lewis (2011), utilizando o ambiente de programação computacional *R Development Core Team* versão 3.6.1, de livre acesso e disponível gratuitamente.

A técnica de ACL foi utilizada para estudar a violência física recente sofrida e perpetradas, em conflitos com desfechos direcionados para “discussões” e/ou “brigas” entre jovens, nos seus relacionamentos afetivo-sexuais. Para identificação do número de classes ou segmentos do agrupamento mais apropriado foram estimados modelos de dois a quatro classes latentes. Estudiosos recomendam que a decisão do número apropriado de classes seja baseada em dois indicadores de seleção: *Critério de Informação de Akaike* (AIC) e *Critério de Informação Bayesiano* (BIC), cuja literatura indica que, quanto menor os valores dessas estatísticas, mais adequado será o modelo.

Conforme os critérios de seleção, os modelos que melhor explicaram a violência física recente nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens foi de três classes para vitimização e duas para os agressores.

Para proceder as análises descritivas e de associações, no artigo de agressor de violência física e/ou psicológica, os resultados foram analisados, a partir do critério de tolerância zero, ou seja, ter respondido afirmativamente a um único item comportamental, significou ter sido vítima ou agressor de violência física recente.

4.8 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada de modo a atender as exigências éticas e científicas para o desenvolvimento de estudos com seres humanos fundamentadas na Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS):

A presente resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (BRASIL, 2012).

O projeto maior intitulado “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, que integra esta proposta de investigação, foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS) e aprovado com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053 (ANEXO 5), com início da coleta de dados após a aprovação desse Comitê.

Para a aplicação do questionário foi elaborado ofício para os diretores das escolas públicas de Feira de Santana, assim como o termo de assentimento e/ou consentimento dos jovens e responsáveis, segundo recomendação da Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012).

A abordagem aos jovens foi processada após autorização voluntária, por meio da assinatura do termo de assentimento e/ou consentimento, elaborado pelo pesquisador responsável e também submetido à aprovação pelo CEP-UEFS, preparado em duas vias, ambas assinadas pelo pesquisado e pesquisadores, ficando cada uma delas sob a guarda dos mesmos, com pleno sigilo dos dados.

Vale destacar, que para a assinatura do TALE e/ou TCLE os participantes foram esclarecidos quanto ao objetivo, relevância e a metodologia da pesquisa, com o direito garantido de não participarem ou de interromperem sua participação a qualquer momento sem que ocasionasse quaisquer prejuízos.

5 RESULTADOS

Os resultados desta dissertação foram apresentados em formato de dois artigos, a saber:

Artigo 1: “Violência física nas relações afetivo-sexuais de jovens: Contribuições da análise de classes latentes”

Artigo 2: “Agressor de violência psicológica e física nas relações afetivo-sexuais de jovens”.

Cabe salientar que, o artigo 2 surge da lacuna encontrada pelo artigo 1, do qual acredita-se que os jovens sejam polivitimizados, sendo a violência manifestada de diferentes formas e graus de severidade.

5.1 ARTIGO 1: Violência física nas relações afetivo-sexuais de jovens: Contribuições da Análise de Classes Latentes

**VIOLÊNCIA FÍSICA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS:
CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DE CLASSES LATENTES**
*PHYSICAL VIOLENCE IN AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONSHIPS OF YOUNG PEOPLE:
CONTRIBUTIONS TO LATENT CLASS ANALYSIS*
*VIOLENCIA FÍSICA EN LAS RELACIONES AFECTIVAS-SEXUALES DE LOS JÓVENES:
CONTRIBUCIONES AL ANÁLISIS DE CLASES LATENTES*

CLAUDIANA BOMFIM DE ALMEIDA SANTOS¹; MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA²; MAGALI TERESOPÓLIS REIS AMARAL³, JEAN CARLOS ZAMBRANO CONTRERAS⁴

1- Claudiana Bomfim de Almeida Santos, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Enfermeira do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Santo Antônio de Jesus - Bahia, Brasil.

2- Maria Conceição Oliveira Costa, Pós-Doutorado pela Université Du Québec à Montréal, UQAM, Canadá. Professora Titular Plena do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil.

3- Magali Teresopólis Reis Amaral, Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil.

4- Jean Carlos Zambrano Contreras, Mestre e Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Endereço para correspondência: Claudiana Bomfim de Almeida Santos – Avenida Transnordestina, s/n, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana– Novo Horizonte – CEP: 44036-900 – Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Endereço eletrônico: claudianabonfim2010@hotmail.com

**VIOLÊNCIA FÍSICA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS:
CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DE CLASSES LATENTES**
*PHYSICAL VIOLENCE IN AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONSHIPS OF YOUNG PEOPLE:
CONTRIBUTIONS TO LATENT CLASS ANALYSIS*
*VIOLENCIA FÍSICA EN LAS RELACIONES AFECTIVAS-SEXUALES DE LOS JÓVENES:
CONTRIBUCIONES AL ANÁLISIS DE CLASES LATENTES*

Resumo:

Introdução: A violência interpessoal entre parceiros íntimos tem recebido atenção da comunidade científica mundial, visando contribuir para relacionamentos pacíficos e para prevenir a violência conjugal. **Objetivo:** Investigar a direcionalidade da violência física (sofrida e/ou perpetrada) nos relacionamentos afetivo-sexuais recentes de jovens e possíveis associações entre variáveis sociodemográficas, hábitos de vida e experiências abusivas pregressas. **Método:** Estudo transversal com uma subamostra de 500 adolescentes e adultos jovens de escolas públicas do município de Feira de Santana-Bahia, na faixa etária de 14 a 24 anos, de ambos os sexos, que tiveram relacionamento amoroso no último ano e preencheram ao questionário “Percurso Amoroso de Jovens”. **Resultados:** A prevalência de vitimização por violência física recente foi de 15,2% e de agressor dessa mesma violência foi de 12,8%. As variáveis vitimização e perpetração de violência física recente mostraram associação significativa ($p < 0,000$), apontando para a bidirecionalidade das agressões. Ter sofrido agressões físicas na vida (exceto nos últimos 12 meses) mostrou chance cerca de 4 vezes maior de continuar sendo vitimizado pelo parceiro. Ser agressor recente apresentou uma chance de 10 vezes mais de sofrer violência física recente. **Conclusões:** Os resultados apontaram para reciprocidade da violência física recente, entre jovens nas relações afetivo-sexuais, destacando a importância de estudos nessa área do conhecimento, com enfoques mais abrangentes na perspectiva das múltiplas ocorrências (polivitimização).

Descritores: Violência por Parceiro Íntimo. Adolescente. Adulto Jovem. Análise de Classes Latentes.

Abstract:

Introduction: Interpersonal violence between intimate partners has received attention from the world scientific community, aiming to contribute to peaceful relationships and to prevent conjugal violence. **Objective:** To investigate the directionality of physical violence in recent affective-sexual relationships among young people and possible associations between demographic variables, lifestyle and past abusive experiences. **Method:** Cross-sectional study with a subsample of 500 adolescents and young adults from public schools in the municipality of Feira de Santana-Bahia, aged 14 to 24 years old, of both sexes, who had a romantic relationship in the last year and completed the questionnaire "Young People's Love Path". **Results:** The prevalence of victimization by recent physical violence was 15.2% and the aggressor of that same violence was 12.8%. The variables victimization and perpetration of recent physical violence showed a significant association ($p < 0.000$), pointing to the bidirectionality of the aggressions. Having suffered physical aggressions in life (except in the last 12 months) showed about 4 times more chance of continuing to be victimized by the partner. Being a recent aggressor had a 10 times greater chance of suffering recent physical violence. **Conclusions:** The results pointed to the reciprocity of recent physical violence, among young people in affective-sexual relationships, highlighting the importance of studies in this area of knowledge, with more comprehensive approaches from the perspective of multiple occurrences (multivictimization).

Descriptors: Intimate Partner Violence. Adolescent. Young Adult. Latent Class Analysis.

Resumen

Introducción: La violencia interpersonal entre parejas íntimas ha recibido atención de la comunidad científica mundial, con el objetivo de contribuir a las relaciones pacíficas y prevenir la violencia conyugal. **Objetivo:** investigar la direccionalidad de la violencia física en las relaciones afectivo-sexuales recientes entre los jóvenes y las posibles asociaciones entre las variables demográficas, el estilo de vida y las experiencias abusivas pasadas. **Método:** Estudio transversal con una submuestra de 500 adolescentes y adultos jóvenes de escuelas públicas del municipio de Feira de Santana-Bahía, de 14 a 24 años, de ambos sexos, que tuvieron una relación romántica en el último año y completaron el cuestionario. "El camino del amor de los jóvenes". **Resultados:** La prevalencia de victimización por violencia física reciente fue de 15.2% y el agresor de esa misma violencia fue de 12.8%. Las variables victimización y perpetración de violencia física reciente mostraron una asociación significativa ($p < 0.000$), apuntando a la bidireccionalidad de las agresiones. Habiendo sufrido agresiones físicas en la vida (excepto en los últimos 12 meses) mostró aproximadamente 4 veces más posibilidades de continuar siendo víctima de la pareja. Ser un agresor reciente tenía una probabilidad 10 veces mayor de sufrir violencia física reciente. **Conclusiones:** Los resultados apuntaron a la reciprocidad de la violencia física reciente, entre los jóvenes en relaciones afectivo-sexuales, destacando la importancia de los estudios en esta área del conocimiento, con enfoques más integrales desde la perspectiva de múltiples ocurrencias (multivictimización).

Descriptor: Violencia de Pareja. Adolescente. Adulto Joven. Análisis de Clases Latentes.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a violência costuma ser banalizada no cotidiano dos cidadãos, devido a sua constante veiculação pela mídia impressa e televisiva e pela forma como é tratada pelas instituições sociais (BARREIRA et al., 2014). Estudos nacionais, que investigam a violência na população juvenil, têm focalizado na sua forma mais grave, os homicídios, que ocorrem predominantemente em jovens negros, do sexo masculino e moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos (IBGE, 2017; WAISELFISZ, 2014).

Dentre as muitas formas e manifestações violentas envolvendo jovens, a violência interpessoal, que ocorre nas relações afetivo-sexuais (ficar, namoro) tem recebido maior atenção da comunidade científica internacional (GARTHE; SULLIVAN; GORMAN-SMITH, 2019; HÉBERT; BLAIS; LAVOIE, 2017; CARIDADE; MACHADO, 2013; SHEN; CHIU; GAO, 2012; MAKEPEACE, 1981), pela extrema importância, em virtude da vulnerabilidade aos efeitos deletérios, e com intuito de estimular experiências de intimidade pacíficas, de modo que possibilite a prevenção da violência conjugal. No contexto nacional, ainda são incipientes estudos sobre a temática e seus fatores associados (MINAYO, 2011).

A violência entre parceiros íntimos está associada à ocorrência de atos abusivos numa relação de proximidade e intimidade, por meio do poder e dominação, com o intuito de magoar e/ou controlar, seja pelo uso da violência psicológica, verbal ou relacional, ou até mesmo por atos físicos e sexualmente violentos (APAV, 2011).

A prevalência da violência no namoro, varia em função das diferentes metodologias e conceituações utilizadas, o que pode dificultar a real constatação da magnitude e gravidade da problemática (CHEN, FOSHEE, REYES, 2011). Entretanto, diversos estudos têm demonstrado índices alarmantes de abusos e apontado, inclusive, para a bidirecionalidade das agressões entre casais jovens (OLIVEIRA et al., 2016; RENNER; WHITNEY, 2012; RIVERA-RIVERA et al., 2007; FERNÁNDEZ-FUERTES; FUERTES, 2010; SEARS; BYERS.; PRICE., 2007).

Na literatura existem evidências consistentes de que, nas relações íntimas, as mulheres jovens são tão ou mais agressivas do que seus parceiros (LÓPEZ-CEPERO et al., 2015; BARREIRA et al., 2014; ROJAS-SOLÍS, 2011), situação antagônica às relações de intimidade entre adultos, onde as condutas abusivas são, frequentemente, exercidas pelos homens (APAV, 2011).

Nessas circunstâncias, levanta-se a discussão à cerca da bidirecionalidade das agressões nas relações afetivo-sexuais de jovens, onde ambos os parceiros são violentos, podendo ser nominada de reciprocidade, mutualidade ou simetria das agressões entre os gêneros. Cabe

salientar que, será utilizado o termo tipos de direcionalidade, designando a perpetração da violência que pode ser protagonizada apenas pela mulher, apenas pelo homem ou por ambos (bidirecional) (BARREIRA et al., 2014).

Dados provenientes de investigações norte-americanas relatam que a violência física perpetrada por jovens em suas relações íntimas situa-se entre 11,0% e 41,0% (FOSHEE, MATHEW, 2007). Beserra e colaboradores (2015), através de estudo realizado com 260 adolescentes, matriculados na rede de ensino público e privado, da cidade de Recife (PE), verificaram que 19,2% dos adolescentes foram vítimas de algum tipo de abuso perpetrada pelo parceiro, 28,3% relataram agressão física e 10,8% declararam a bidirecionalidade dos atos violentos.

Diante das fortes evidências de relações abusivas ente casais jovens, a violência nesse contexto relacional é considerada como um grave problema e questão de saúde pública (SANTOS; CARIDADE, 2017). Nesse sentido, investigações nessa área tornam-se de extrema relevância por ser uma temática incluída na *Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde* (BRASIL, 2015), ressaltando a necessidade de estudos de base populacional, assim como os de abordagem qualitativa, com o intuito de levantar indicadores dos comportamentos violentos, assim como, avaliar os seus efeitos, no processo de adoecimento e transtornos comportamentais, com o intuito de aperfeiçoar o conhecimento e implementar políticas públicas condizentes com a realidade local.

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar a direcionalidade da violência física (sofrida e/ou perpetrada), nos relacionamentos afetivo-sexuais recentes (últimos doze meses) de jovens e possíveis associações entre variáveis sociodemográficas, hábitos de vida e experiências abusivas pregressas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de Estudo

Estudo de corte transversal e de abordagem quantitativa, utilizando o banco de dados de uma investigação interinstitucional, intitulada “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, desenvolvido pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana (NNEPA/UEFS), em parceria com a equipe de Violência Sexual e Saúde da Universidade do Quebec Montréal (UQAM/ÉVISSA) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos da Universidade Católica do Salvador (NEDH/UCSal).

Este projeto, foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS) e aprovado com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053.

Amostragem e Procedimentos

A amostragem foi do tipo estratificada por conglomerado com multiestágio (escolas e alunos). As Unidades primárias foram as escolas da zona urbana da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), classificadas de acordo com o porte (pequeno, médio e grande) e o número de estudantes. As Unidades Secundárias foram os estudantes, de ambos sexos, na faixa etária de 14 a 24 anos, matriculados nas escolas sorteadas em 2018.

De forma aleatória e representativa, 56 escolas foram sorteadas, para compor o campo de coleta, divididas segundo o porte: 21 escolas de pequeno, 26 de médio, 8 de grande e 1 especial. O número de alunos foi calculado para diferentes precisões, conforme porte das escolas.

Como se desconhece a proporção da característica da população estudada assumiu-se a proporção máxima de 0,5 com limite de confiança de 95%. A estratificação foi utilizada, principalmente, para melhorar a precisão das estimativas. A amostra foi majorada em 0,82%, para compensar perdas e recusas, totalizando assim, 2.069 jovens de ambos os gêneros.

A coleta ocorreu nos três turnos de ensino (matutino, vespertino e noturno), com aqueles que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os menores de 18 anos) e/ou do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os demais ou responsáveis dos menores de 18 anos). Vale destacar que, para a assinatura dos termos, os participantes foram informados quanto ao objetivo, relevância e a metodologia da pesquisa, com o direito garantido de não participarem ou de desistirem a qualquer momento sem quaisquer prejuízos.

Como técnica de coleta de dados, optou-se pela aplicação individual do instrumento de coleta, que ocorreu nas salas de aula reorganizadas com assentos equidistantes, com professores afastados e disponibilização de urnas lacradas em local específico, para que os participantes depositassem os questionários sem identificação, garantido total sigilo e confidencialidade.

Participantes

A população do Projeto interinstitucional foi de 2.069 estudantes, com idades compreendidas entre 14 e 24 anos, de ambos sexos, matriculados nas escolas de ensino no ano de 2018, selecionada de forma aleatória e representativa.

Para este estudo, os critérios de seleção foram os 992 estudantes que relataram situação atual ou pregressa de relacionamento afetivo-sexual e que simultaneamente responderam a totalidade das sete perguntas referentes a condição de vítima de violência física recente (últimos 12 meses), compondo assim uma amostra de 500 adolescentes e jovens.

Instrumento

Para a coleta de dados utilizou-se o instrumento “*Parcours Amoureux des Jeunes (PAJ)*”, original do Canadá, adaptado e validado no contexto brasileiro, resultando na versão “Percurso Amoroso de Jovens”, cujo resultados apresentaram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo (ICV) acima de 95% (NASCIMENTO, 2014) (CAMPOS, 2015).

O instrumento contém 60 questões, predominantemente fechadas, em formato dicotômico e em escalas graduadas, em frequência e do tipo *Likert*, sendo dividido em sete seções, a saber: características sociodemográficas, relações afetivas amorosas, experiências difíceis, comportamentos sexuais, família, hábitos de vida e sentimentos e emoções.

Para esta pesquisa utilizou-se algumas questões da Seção 2, “Relações afetivas e amorosas”, referentes à condição atual ou pregressa de relacionamentos afetivo-sexuais e que tenham experienciado violência física recente (na condição de vítima, agressor ou ambas situações), nos momentos de discussões e/ou de brigas.

Variáveis do estudo e Análise estatística

Para avaliar a situação atual ou pregressa dos relacionamentos íntimos dos adolescentes e jovens foi questionado: “Marque e responda à situação que mais se aplica a você”. A vitimização ou perpetração da violência física recente (últimos 12 meses) foi mensurada solicitando aos participantes que respondessem às questões, cujas possibilidades de respostas enquadravam-se em uma escala graduada que sugeria a frequência dos atos abusivos.

Os dados, a priori, foram digitados no programa *EpiData Software* versão 3.0, para elaboração da base de dados, de modo que as incongruências provocadas por erros de digitação fossem minimizadas. Em seguida, o banco foi transferido e processado no ambiente de programação computacional *R Development Core Team* versão 3.6.1, de livre acesso e disponível gratuitamente. Para Análise de Classes Latentes (ALC) foi utilizada a biblioteca *poLCA* desenvolvida por Linzer e Lewis (2011).

Os resultados foram expressos através de medidas descritivas. Em seguida, a técnica de ACL foi utilizada para estudar as manifestações da violência física recente, em conflitos com

desfechos direcionados para “discussões” e/ou “brigas” entre jovens, nos seus relacionamentos afetivo-sexuais. A ACL tem como objetivo classificar a amostra em grupos homogêneos, de acordo com a similaridade nos padrões de resposta, podendo assim inferir sobre associações entre as manifestações violentas e outras variáveis do estudo.

Na identificação do número de classes ou segmentos do agrupamento mais apropriado foram estimados modelos de dois a quatro classes latentes. Estudiosos recomendam que a decisão do número apropriado de classes seja baseada em dois indicadores de seleção, com base nos modelos estatísticos: *Critério de Informação de Akaike* (AIC) e *Critério de Informação Bayesiano* (BIC), cuja literatura indica que, quanto menor os valores dessas estatísticas, mais adequado será o modelo.

Após a formação dos grupos, foi utilizado o teste do Qui quadrado de Pearson, com o intuito de buscar associação entre estes e as demais variáveis estudadas. Posteriormente, foi empregado dois modelos de regressão logística binária, para estimar a associação bruta (Razão de Chance) com seus respectivos intervalos de confiança [IC95%], entre as variáveis sociodemográficas (sexo, faixa etária, escolaridade e cor da pele), hábitos de vida (SPAS) e experiências difíceis relacionadas à violência pregressa e recente, tendo como desfechos a condição de vítima e/ou agressor. Para a variável desfecho “vítima”, as classes latentes foram dicotomizadas, visando a utilização do modelo de regressão logístico binário.

RESULTADOS

Participaram do estudo 500 adolescentes e adultos jovens, de ambos sexos, com idade entre 14 e 24 anos que responderam às sete questões relacionadas com a violência física recente, para a condição de vítima, dos quais 412, além de responderem sobre a vitimização, responderam às quatro questões relacionadas à perpetração das agressões físicas, nos últimos 12 meses.

Para identificar os grupos com padrões de resposta semelhantes, foram analisados três modelos, que de acordo com os critérios de seleção AIC e BIC, o que melhor explicou a violência física recente para à condição de vítima foi o modelo de três classes, para o agressor, o modelo escolhido foi o de duas classes latentes, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Critério de Seleção dos Modelos de Classe Latente, para identificar grupos de vítimas e agressores de violência física recente, nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana BA, 2018.

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	MODELOS		
	Duas classes	Três classes	Quatro classes
Vítima			
Akaike AIC	2101.488	2005.676	2015.803
Bayesiano BIC	2274.287	2266.981	2365.616
Agressor			
Akaike AIC	1188.530	1190.422	1202.499
Bayesiano BIC	1291.008	1341.421	1407.695

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados obtidos na versão R 3.6.1 da biblioteca poLCA

As classes latentes referentes à vitimização foram nomeadas, a saber: “**Nunca Vitimizado**” grupo formado com maior probabilidade de respostas nas discussões e briga; “**Vitimizado Moderado**” - grupo formado com maior probabilidade de respostas na violência física que provocou um machucado e/ou algias no dia seguinte e “**Vitimizado Grave**” - grupo formado com maior probabilidade de respostas na violência física distribuídas em todas as respostas, exceto nas ocasiões que precisou de atendimento médico (Tabela 2).

Cabe ressaltar que, a maior probabilidade de resposta estava relacionada aos conflitos que tiveram como desfecho a “briga”, conforme as afirmações: “ter tido um machucado, mancha roxa, ou um corte” e/ou “um machucado que resultou em dores no corpo até o dia seguinte”, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2. Probabilidade de respostas às questões referentes à condição de vítima de violência física recente, nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens, segundo análises das três classes latentes geradas pela biblioteca poLCA. Estudantes da rede pública de ensino, Feira de Santana (BA), 2018.

	VARIÁVEIS	NUNCA VITIMIZADO	VITIMIZADO MODERADO	VITIMIZADO GRAVE
Conflitos com discussão	Esmurrou ou deu pontapé	0,97	0,00	0,51
	Estapeou ou puxou os cabelos	0,97	0,00	0,40
	Ameaçou fazer mal.	0,97	0,06	0,36
	Empurrou, sacudiu ou “engarguelou”.	0,98	0,00	0,51
Conflito com briga	Um machucado, uma mancha roxa, ou um corte provocado por uma briga entre vocês.	0,97	0,91	0,47
	Um machucado provocado por causa de uma briga entre vocês que necessitou de atendimento médico.	1,00	0,00	0,04
	Dores no corpo até o outro dia, depois de uma briga de vocês.	0,98	0,91	0,33

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados obtidos na versão R 3.6.1 da biblioteca poLCA

Para o grupo de jovens perpetradores de agressões físicas recentes, as classes latentes foram classificadas em “**Não Agressor**” e **Agressor**”, com probabilidades de respostas distribuídas de forma homogênea entre os itens investigados (Tabela 3).

Tabela 3: Probabilidade de respostas às questões referentes à condição de agressor de violência física recente, nos relacionamentos afetivo-sexuais, segundo análise das duas classes latentes geradas pela biblioteca polca. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

	VARIÁVEIS	NÃO AGRESSOR	AGRESSOR
Conflitos com discussão	Esmurrou ou deu pontapé	0,97	0.70
	Estapeou ou puxou os cabelos	0,98	0.57
	Ameaçou fazer mal	0,97	0.39
	Empurrou, sacudiu ou engarguelou	0,98	0.45

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados obtidos na versão R 3.6.1 da biblioteca poLCA

Dados da pesquisa evidenciaram prevalência de 15,2% [IC 95%: 12,05% - 18,35%] de vitimização física recente e 12,8% [IC 95%: 9,58% - 16,02%] dos entrevistados relataram já ter agredido fisicamente sua(seu) parceira(o). Quanto ao perfil dos jovens vitimizados nos últimos 12 meses, a maioria dos indivíduos eram: do sexo feminino; na faixa etária de 17 a 19 anos;

cursando o ensino médio, pele de cor parda; não participante de atividade cultural e/ou esportiva; desempenho estudantil autorreferido médio e residiam com os pais (Tabela 4).

Tabela 4. Perfil sociodemográfico de adolescentes e adultos jovens, segundo a vitimização por grupos da variável desfecho “nunca vitimizados; vitimizados moderado; vitimizados grave”, gerada pela biblioteca poLCA. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

VARIÁVEIS	CLASSES LATENTES	NUNCA VITIMIZADOS N = 424 (84,8%)		VITIMIZADOS MODERADO N = 22 (4,4%)		VITIMIZADOS GRAVEMENTE N = 54 (10,8%)	
		N	%	N	%	N	%
		Sexo	Feminino	227	53,7	15	68,2
	Masculino	196	46,3	7	31,8	24	44,4
Faixa Etária		N	%	N	%	N	%
	14 a 16 anos	140	33,0	5	22,7	14	25,9
	17 a 19 anos	236	55,7	12	54,6	33	61,1
	20 a 24 anos	48	11,3	5	22,7	7	13,0
Escolaridade	Fundamental I ou II ¹	201	48,0	4	18,2	21	25,9
	Ensino Médio	208	49,6	18	81,8	30	56,6
	Outros ²	10	2,4	0	0	2	3,8
Cor de pele	Branca	51	12,3	2	9,5	6	11,3
	Parda/Mestiça/Morena	271	65,6	16	76,2	36	67,9
	Negra ou Outras ³	91	22,0	3	14,3	11	20,8
Participa de alguma atividade ⁴		N	%	N	%	N	%
	Não	325	77,0	18	81,8	39	72,2
	Sim	97	23,0	4	18,2	15	27,8
Desempenho Estudantil		N	%	N	%	N	%
	Bom	179	87,7	7	3,4	18	8,8
	Médio	193	82,5	13	5,6	28	12,0
	Fraco	51	83,6	2	3,3	8	13,1
Coabitação		N	%	N	%	N	%
	Pais na mesma casa	192	45,9	13	59,1	22	40,7
	Pais separados	163	39,0	5	22,7	18	33,3
	Membros da família	38	9,1	3	13,6	6	11,1
	Namorado(a)/Parceiro(a)	21	5,0	1	4,5	8	14,8
	Outros ⁵	4	1,0	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados obtidos na versão R 3.6.1

¹Incompletos ou Completos

²Ensino profissionalizante ou Educação de Jovens e Adulto (EJA)

³Indígena ou Amarelo

⁴Esportiva e/ou cultural

⁵Sozinho ou Madrinha

Dentre os perpetradores de atos físicos violentos, cerca de 55% dos jovens afirmaram ser vítimas, revelando a simultaneidade das agressões nos contextos íntimos. A comparação

entre os sexos, mostrou associação estatisticamente significativa ao nível de p -valor $<0,0001$, sendo a bidirecionalidade mais frequente entre o feminino (Tabela 5).

Tabela 5. Direcionalidade da violência física nos últimos 12 meses (recente) nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

DIRECIONALIDADE DA VIOLÊNCIA			AGRESSOR DE VIOLÊNCIA FÍSICA RECENTE				Subtotal	P-Valor	
			Não		Sim				
			N	%	N	%			
VÍTIMA DE VIOLÊNCIA FÍSICA RECENTE	Masculino	Não	147	96,7	5	3,3	152	0,000	
		Sim	15	62,5	9	37,5	24		
		Subtotal	162	92,0	14	8,0	176		
	Feminino	Não	179	90,4	19	9,6	198		0,000
		Sim	18	47,4	20	52,6	38		
		Subtotal	197	83,5	39	16,5	238		

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados obtidos no R versão 3.6.1

Conforme as análises de regressão logística binária, as variáveis que aumentaram as chances de vitimização da violência física, consistiram em: estar cursando o ensino fundamental (2,25 vezes maior); consumo de álcool e/ou maconha (2,34 vezes maior); ter agredido recentemente seu(sua) parceiro(a) (9,85 vezes maior); ter sofrido agressões físicas na vida, exceto nos últimos 12 meses, apresentou chance 4,69 vezes maior de continuar sendo vitimizados por seu (sua) parceiro(a) (Tabela 6).

Tabela 6. Modelo I: Regressão logística binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho “vítima de violência física recente”, nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana (BA), 2018.

MODELO I VÍTIMA	NÃO		SIM		OR [IC- 95%]	
	N	%	N	%		
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO						
Sexo						
	Masculino	196	86,3	31	13,7	0,78 [0,38-1,60]
	Feminino	227	83,5	45	16,5	
Faixa Etária						
	Adolescentes	376	85,5	64	14,5	1,21 [0,45-3,24]
	Adultos jovens	48	80,0	12	20,0	
Escolaridade						
	Fundamental I ou II	201	88,9	25	11,1	2,25* [1,07-4,75]
	Ensino Médio ou Outros	218	81,3	50	18,7	
Cor de pele/Raça						
	Branca	51	86,4	8	13,6	0,78 [0,28-2,20]
	Parda/Negra/Outras ¹	362	84,6	66	15,4	
HÁBITOS DE VIDA						
Consumo de SPAS ²						
	Não	187	91,2	18	8,8	2,34* [1,09-5,05]
	Sim	204	79,4	53	20,6	
EXPERIÊNCIAS VIOLENTAS						
Vítima anterior ³ de violência física perpetrada pelo(a) parceiro(a)						
	Não	88,0	50	12,0		4,69* [1,78-12,35]
	Sim	59,7	25	40,3		
Agressor recente ⁴ de violência física						
	Não	327	90,8	33	9,2	9,85* [4,31-22,54]
	Sim	24	45,3	29	54,7	
Agressor anterior ⁵ de violência física contra parceiro(a)						
	Não	391	87,5	56	12,5	0,99 [0,34-2,90]
	Sim	33	62,3	20	37,7	

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados obtidos no *software R* versão 3.6.1

*Associações estatisticamente significativas ao nível de $p < 0,05$

¹Negra/ parda/ mestiça/Outros

²Substância psicoativas - Álcool e/ou Maconha

³Adolescentes e adultos jovens que foram vitimizados fisicamente por seu(sua) parceiro(a) em algum momento da vida, sem contar os últimos 12 meses

⁴Adolescentes e adultos jovens que perpetraram agressões físicas contra seu(sua) parceiro(a) nos últimos 12 meses

⁵Adolescentes e adultos jovens que perpetraram agressões físicas contra seu(sua) parceiro(a) em algum momento da vida, sem contar os últimos 12 meses

Para à condição de agressor de violência física os fatores de risco que colaboraram para o aumento da possibilidade de se tornar perpetrador, foram: mulheres jovens (chance 2,67 vezes maior de agredir seus(suas) parceiros(as); consumir álcool e/ou maconha (chance 2,39 maior

de ser agressor recente); ter sofrido vitimização física recente (chance de 9,79 vezes maior). Quanto a ter perpetrado agressões físicas na vida (exceto nos últimos 12 meses), verificou-se chance 8,02 vezes maior de continuarem cometendo tais abusos. (Tabela 7).

Tabela 7. Modelo II: Regressão logística binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho agressor de violência física recente nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

MODELO II AGRESSOR		NAO		SIM		OR [IC- 95%]
		N	%	N	%	
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO						
Sexo						
	Masculino	162	92,0	14	8,0	2,67*
	Feminino	197	83,5	39	16,5	[1,18-6,00]
Faixa Etária						
	Adolescentes	315	87,0	47	13,0	0,74
	Adultos jovens	45	88,2	6	11,8	[0,21-2,68]
Escolaridade						
	Fundamental I ou II	159	87,8	22	12,2	0,66
	Ensino Médio ou Outros	198	86,5	31	13,5	[0,31-1,43]
Cor de pele/Raça						
	Branca	44	91,7	4	8,3	2,63
	Parda/Negra/Outras ¹	309	86,8	47	13,2	[0,70-9,86]
HÁBITOS DE VIDA						
Consumo de SPAS ²						
	Não	153	95,0	8	5,0	2,39*
	Sim	184	81,8	41	18,2	[1,01-5,69]
EXPERIÊNCIAS VIOLENTAS						
Vítima recente ³ de violência física						
	Não	327	93,2	24	6,8	9,79*
	Sim	33	53,2	29	46,8	[4,31-22,27]
Vítima anterior ⁴ de violência física perpetrada pelo(a) parceiro(a)						
	Não	329	88,4	43	11,6	0,39
	Sim	17	63,0	10	37,0	[0,12-1,29]
Agressor anterior ⁵ de violência física contra parceiro(a)						
	Não	322	89,0	40	11,0	8,02
	Sim	26	68,4	12	31,6	[2,67-4,04]

*Associações estatisticamente significativas ao nível de $p < 0,05$

¹Negra/ parda/ mestiça/Outros

²Substância psicoativas - Álcool e/ou Maconha

³Adolescentes e adultos jovens que foram vitimizados fisicamente por seu(sua) parceiro(a) nos últimos 12 meses

⁴Adolescentes e adultos jovens que perpetraram agressões físicas contra seu(sua) parceiro(a) em algum momento da vida, sem contar os últimos 12 meses

⁵Adolescentes e adultos jovens que perpetraram agressões físicas contra seu(sua) parceiro(a) em algum momento da vida, sem contar os últimos 12 meses

Discussão

Os resultados do presente estudo demonstraram que cerca de 55% dos estudantes que relataram relacionamentos afetivo-sexuais recentes, a violência física foi bidirecional, ou seja: ambos os parceiros podem assumir o papel de vítimas e/ou agressores. Diferentemente da dinâmica dos relacionamentos íntimos de adultos, onde na maioria dos casos o homem é o agressor, entre os casais jovens, a dinâmica abusiva tendem para a reciprocidade dos atos violentos. Esses achados coadunam com outras investigações, em nível nacional e internacional (FERNÁNDEZ-FUERTES, FUERTES, 2010; OLIVEIRA et al., 2011; HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017).

Pesquisa pioneira com 3.205 adolescentes de 15 a 19 anos de idade, estudantes de 104 escolas públicas e privadas de dez capitais brasileiras, verificou que 64% dos entrevistados que agredem são também agredidos fisicamente pelos seus parceiros durante as relações de namoro. Tais abusos foram caracterizados pela presença de um ou mais dos seguintes atos: jogar algo sobre o outro; bater, chutar ou dar um soco; dar tapa ou puxar o cabelo; empurrar ou sacudir (MINAYO, 2011) (MINAYO, 2011), questionamentos similares ao instrumento utilizado pela investigação.

Barreira, Lima e Avanci (2013) ao analisar uma amostra de 302 adolescentes de escolas públicas e privadas de Recife, que relataram relacionamentos amorosos no último ano, demonstraram que dos 60 entrevistados que perpetraram violência física, 57 destes referiram também agredir psicologicamente seu parceiro, evidenciando que essas agressões ocorrem em sequência ou simultaneamente, sendo dessa maneira os jovens polivitimizados.

Cabe salientar que, os resultados desta investigação podem estar subestimados, como consequência de analisar a violência física sem outras coocorrências, considerando que diversas pesquisas têm investigado a ocorrência simultânea de diferentes agressões, que podem interferir significativamente nas taxas de prevalência desses eventos (SABINA, STRAUS, 2008; FERNÁNDEZ-FUERTES, FUERTES, 2010; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; CASTAÑEDA et al., 2014; BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

Sobre as altas prevalências de violência entre casais adolescentes, destaca-se o estudo realizado em uma escola de Curitiba-PR, o qual constatou que cerca de 90% dos entrevistados perpetraram ou sofreram, no mínimo, uma das naturezas de violência. Para os pesquisadores essas agressões baseiam-se nas relações desiguais, firmada pelas questões de gênero, e possivelmente pela legitimação dos abusos como forma corriqueira de se relacionar (BRANCAGLIONI, FONSECA, 2016).

Elísio, Neves e Paulos (2018), coadunam que a violência atinge de forma indiscriminada os diferentes grupos etários e de origens culturais diversas, sendo os atos violentos um recurso relacional banalizado e legitimado pelas sociedades contemporâneas.

Cabe destacar que, muitos são os fatores que interferem diretamente nos percentuais encontrados na literatura de violência entre casais jovens, como a definição de violência utilizada, os instrumentos e ferramentas de análise, para sua mensuração e não menos importante, o(s) tipo(s) de manifestações violentas. Apesar destas diferenças, pesquisadores concordam que uma parcela significativa de jovens experenciam agressões múltiplas em seus relacionamentos íntimos (FERNANDES-FUERTE, FUERTES, 2010; HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017).

Essa maior reciprocidade e simetria da violência física exercida entre os adolescentes e adultos jovens de Feira de Santana-BA, parece estar associada aos processos de modernização e urbanização do país, a militância feminista que pressionam as organizações voltadas às garantias de direitos humanos para o reconhecimento do Estado para questões de saúde, sexualidade e da violência nos relacionamentos íntimos, notadamente da violência contra mulheres (ATAÍDE, 2015).

No Brasil, é possível apontar importantes iniciativas governamentais, para enfrentar o problema. No campo jurídico e legislativo, a promulgação da Lei 11. 340, de 22 de setembro de 2006, mais conhecida como “Lei Maria da Penha”, é considerada o principal marco no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher (BRASIL, 2006e).

Apesar dos avanços, em nível mundial, o fenômeno da violência entre jovens casais faz parte de um contexto amplo de relações que são construídas culturalmente, onde os meios de comunicação e o local de inserção (escolas, comunidades) desempenham importantes fatores de socialização, podendo influenciar nos comportamentos e nas subjetividades dos jovens (CASSAB, BEFFA, 2017).

Outros fatores que explicam troca mútua de agressões entre parceiros íntimos, podem estar associado a maior facilidade em que os jovens tem em findar a relação, devido a não coabitação e a independência econômica existente entre namorados, sendo estas condições frequentemente presentes nas situações de violência conjugal que envolvem adultos, contribuindo para a revitimização e permanência na relação abusiva (APAV, 2011).

Ao analisar exclusivamente a vitimização, verificou que cerca de 15% dos adolescentes e adultos jovens já sofreram violência física e 14% relataram ter agredido fisicamente seu(sua) parceiro(a), sendo as moças 2,67 vezes mais agressivas que os rapazes, outros estudos corroboram esses resultados (ROJAS-SOLÍS, 2011; TAYLOR; MUMFORD, 2015).

Dados similares foram encontrados por Barreira e colaboradores (2014), ao investigar 355 estudantes recifenses, de ambos os sexos, evidenciaram que as moças foram cerca de sete vezes mais agressivas que os rapazes, reiterado pelos dados de vitimização: os rapazes são muito mais vitimizados fisicamente (11%) mesmo quando não perpetraram quando comparados com as moças (1,1%).

Embora muitos estudos comprovem a reciprocidade das agressões físicas entre ambos os parceiros, os efeitos deletérios sobre as vítimas são muito maiores para as moças (STRAUS; GOZJOLKO, 2014; HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017). Fato este justificado, já que as formas mais severas de violência são perpetradas pelo masculino contra o feminino, estando associadas ao maior comprometimento físico e psicológico, temor e podendo cursar com óbito. O maior dano físico, associados a lesões que necessitam de hospitalizações sofrido pelas vítimas do sexo feminino resulta da superioridade física do sexo masculino. Quanto ao impacto da experiência de vitimização ao nível psicológico e emocional é superior para as vítimas do sexo feminino, que se percebem claramente como mais vulneráveis. Ademais, quanto a motivação as mulheres tipicamente recorrem a atos abusivos como estratégia de autodefesa e como reação à violência cometida contra si inicialmente (APAV, 2011).

A literatura tem apontado para muitos fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade de jovens, contudo para esta investigação o consumo de álcool e/ou maconha demonstrou associação positiva com agressões físicas recentes, praticada e/ou sofrida. Sobre essa correlação, estudiosos afirmam que o aumento da experimentação de álcool e outras drogas pelos jovens tem se tornando um sério problema, uma vez que estas substâncias promovem um efeito liberador da inibição e do autocontrole, podendo levar os jovens a situações de susceptibilidades, dentre elas a violência (BRASIL, 2010; MALTA et al., 2011).

Assim como encontrado pela atual investigação, Reyes e outros (2012) ao analisarem uma amostra do estudo longitudinal de ondas múltiplas de comportamentos de risco à saúde de adolescentes estudantes do ensino médio, verificaram que o abuso de álcool tende a aumentar o risco de perpetração da violência no namoro de jovens, embora seu efeito seja potencializado entre aqueles que estão inseridos em contextos sociais violentos, pela “naturalização” e aceitação social da violência para resolução dos conflitos (REYES et al., 2012).

Achados similares foram encontrados por Cecchetto e outros (2016), cujos resultados apontaram que, segundo os rapazes, o uso abusivo de bebidas alcoólicas se configura como possível desencadeador de violência física. O álcool é tido como o ingrediente que potencializa episódios de desconfiança, ciúmes e agressões entre namorados. Nesse sentido, os indivíduos

sob o efeito de álcool estariam mais suscetíveis a lidarem com os sentimentos de forma violenta, agredindo os próprios parceiros ou quem possa estar provocando ciúmes.

Pesquisa realizada em João Pessoa, com 25 adolescentes em conflito com a lei, cujo objetivo foi analisar as representações sociais acerca do uso de drogas e a existência da relação com o ato infracional, verificou que 60% dos adolescentes entrevistados possuíam idade entre 15 e 16 anos, como ato infracional responsável pela internação, as práticas de assalto e os homicídios foram os mais relatados entre os entrevistados. Ademais, o consumo de drogas foi descrita de forma negativa, sendo responsabilizada por trazer consequências relacionadas a problemas de saúde e a conflitos familiares, mesmo assim, não foi suficiente para evitar o uso ou experimentação, visto que 72% dos entrevistados fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga ilícita (ANDRADE, ALVES, BASSANI, 2018).

Outro dado evidenciado pela presente pesquisa, foi a forte tendência a naturalização e a aceitação da violência física pelos jovens, uma vez que foi encontrado associação significativa entre os atos abusivos recentes com os eventos igualmente violentos que ocorreram no passado (exceto nos últimos doze meses). Sobre isso, Oliveira e colaboradores (2011, p.118), relata que a “violência física, praticada e/ou sofrida pelos adolescentes, é considerada por eles como comportamentos habituais na interação, fruto de revide da agressão de um dos parceiros ou um jogo entre o casal”.

Para Waiselfisz (2014) a violência atua nos mais diferentes níveis e mecanismos, firmada fundamentalmente pela visão de que uma determinada dose de violência, - que varia de acordo com a momento histórico, o grupo social e o local -, é considerada como uma prática habitual, aceita e justificada pela sociedade.

Sendo assim, as relações afetivo-sexuais de jovens, tanto podem ser saudáveis, como marcada por conflitos. Para uma relação de intimidade ser profícua, parecem existir fatores determinantes, como é o caso das crenças, valores e interesses em comum, o investimento emocional, proximidade física e emocional, respeito, diálogo, honestidade, confiança, atração, diversão, entre outros. Por sua vez, numa relação conflituosa, um dos pares tende a não aceitar algumas características do outro, como um(a) parceiro(a) controlador(a), possessivo(a) ou ciumento(a), prática da infidelidade, o uso de álcool, além da presença de problemas familiares, dentre outros aspectos que podem determinar ou influenciar nos comportamentos violentos (ATAÍDE, 2015).

Quanto as limitações da pesquisa, estas são inerentes aos estudos transversais, que não permitem inferir nexos causais, pois não é possível estabelecer a sequência temporal entre vítima e agressor; e ao tamanho da amostra, que mesmo que representativa, muitos dos entrevistados

foram excluídos da análise, por não terem respondido a um ou mais dos questionamentos apresentados pelo instrumento de coleta, que apontavam para agressões físicas.

Como se sabe, a violência é uma problemática de difícil investigação e manejo, especialmente no público juvenil, pela dificuldade de explicitar comportamentos e eventos ocorridos na intimidade do casal. Nesse sentido, estudiosos evidenciam que os jovens relatam conhecer um relacionamento violento com maior frequência do que estar envolvido em evento similar, o que pode refletir a negação ou a visão conflitante das vítimas sobre o que constitui violência em um relacionamento de namoro.

Outra limitante, não menos importante, é a necessidade de autorização dos pais para acessar os jovens menores de 18 anos, a qual demanda maior tempo, seja pela espera do termo assinado pelos responsáveis ou pela exclusão do menor da pesquisa, especialmente quando o foco da investigação são temas arraigados de preconceitos e crenças culturais. Tais dificuldades contribuíram e ainda contribuem para a invisibilidade social desta problemática, comprometendo, deste modo, a produção do conhecimento nesse âmbito e, conseqüentemente, das medidas de prevenção e intervenções, que favoreçam relacionamentos pacíficos e saudáveis.

CONCLUSÕES

A violência física nas relações afetivas de jovens tem padrão de reciprocidade, sendo, inclusive, as moças mais agressivas que os rapazes, revelando que, para romper com essa dinâmica relacional, faz-se necessário intervir no casal, em ambos os gêneros.

Nessa fase da vida, as medidas de intervenção tornam-se prioritárias, uma vez que é marcada pela iniciação dos relacionamentos amorosos e que os padrões de comportamentos violentos podem ser naturalizados/tolerados, como parte integrante das relações sociais e afetivas. As atitudes violentas fortalecem o ciclo de permanência e transmissão intergeracional, podendo comprometer o processo de sociabilidade dos jovens, no estabelecimento dos seus vínculos interpessoais e íntimos, aumentando a probabilidade de violência conjugal, com possíveis conseqüências para o casal e seus descendentes.

Diante dos resultados encontrados, destaca-se a importância de estudos nessa área do conhecimento, com enfoques mais abrangentes que integrem as diversas manifestações da violência, na perspectiva das coocorrências, assim como a utilização de ferramentas metodológicas de abordagem mista, visando conhecer o fenômeno na perspectiva populacional e individual, assim como fatores de risco que envolvem a reciprocidade e a gravidade dos casos, conforme gêneros, faixas etárias e contexto sociocultural.

Por fim, esta pesquisa pode contribuir para subsidiar a elaboração de políticas e programas de atenção à juventude, nas escolas, serviços de saúde, entre outros setores, que visem a promoção de relações afetivo-sexuais pacíficas e responsáveis entre jovens, independente do contexto sociopolítico e econômico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Samkya Fernandes de Oliveira, ALVES, Railda Sabino Fernandes, BASSANI, Maíne Helen Pereira de Almeida. Representações Sociais sobre as Drogas: um Estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 38 n. 3, p. 437-449, Jul/Set. 2018.
- APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir**. Lisboa - Portugal: [s.n.], 2011. ISBN: 978-972-8852-50-4. 2011 © APAV.
- ATAÍDE, Marlene Almeida de. Namoro: Uma relação de violência entre jovens casais. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, v. 12, n. 1, p. 248-270, Jan-Jun. 2015.
- BARREIRA, Alice Kelly et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 217–228, 2014.
- BARREIRA, Alice Kelly; LIMA, Maria Luiza Carvalho de; AVANCI, Joviana Quintes. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 233–243, 2013.
- BESERRA, Maria et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, v. IV Série, n. 7, p. 91–99, 2015. Disponível em: <http://esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2554&id_revista=24&id_edicao=88>.
- BRANCAGLIONI, Cássia Alvarez de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation. **Rev Bras Enferm** [Internet], p. 946–955, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/>>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências, 2006e. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019;
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Álcool e outras drogas. Adolescentes e jovens para a educação**

entre pares. Saúde e Prevenção nas Escolas. 1ª edição – 1ª impressão – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 58 p. Série Manuais nº 69.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. – 2. ed., 4. reimpr. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2015. 68 p. ISBN 978-85-334-1249-1.

CAMPOS, Mariana Rocha da Silva. **Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário "Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ"** / Mariana Rocha da Silva Campos. - Feira de Santana, 2015. 104 f.: il. Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2015.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, v. 27, n. 1, p. 91–113, 2013.

CASTAÑEDA, Myrian Pichiule et al. Violencia de pareja em jóvenes de 15 a 16 años de la comunidad de Madrid. **Rev Esp Salud Pública**. v. 88 n. 5, p. 639-652, Sept/Oct 2014

CECCHETTO, Fátima et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 20, n. 59, p. 853–864, 2016.

CHEN, May S.; FOSHEE, Vangie A.; REYES, Heathe H. Luz McNaughton. Dating Abuse: Prevalence, Consequences, and Predictors. In. LEVESQUE, Roger J. R. *Encyclopedia of Adolescence*. Second Edition. 1st edition: # Springer Science+Business Media, LLC 2011.

FERNÁNDEZ-FUERTES, Andres A.; FUERTES, Antonio. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. **Child Abuse and Neglect**, v. 34, n. 3, p. 183–191, 2010.

GARTHE, Rachel C.; SULLIVAN, Terri N.; GORMAN-SMITH, Deborah. The Family Context and Adolescent Dating Violence: A Latent Class Analysis of Family Relationships and Parenting Behaviors. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 48, n. 7, p. 1418–1432, 2019.

HÉBERT, Martine; BLAIS, Martin; LAVOIE, Francine. Prevalencia de victimización entre adolescentes en una muestra representativa de estudiantes de Secundaria de Quebec. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 17, n. 3, p. 225–233, 2017.

IBGE. Estatísticas do registro civil 2017. p. 60, 2017. Atualizado em 16 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf>.

LINZER, Drew A.; LEWIS, Jeffrey B. "poLCA: Na R Package for Polytomous Variable Latent Class Analysis." *Journal of Statistical Software* 42.

LÓPEZ-CEPERO, Javier et al. Percepción y etiquetado de la experiencia violenta en las relaciones de noviazgo juvenil. **Gaceta Sanitaria**, v. 29, n. 1, p. 21–26, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.gaceta.2014.07.006>>.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalence of alcohol and drug consumption among adolescents: data analysis of the National Survey of School Health. **Revista brasileira de epidemiologia = Brazilian journal of epidemiology**, v. 14 Suppl 1, n. 1, p. 136–46, 2011.

Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22002150>>.

MAKEPEACE, James Michael. **Courtship Violence among College Students**. Source: Family Relations, Vol. 30, No. 1 (Jan., 1981), p. 97-102. *National Council on Family Relations*.

MINAYO, Maria Cecília Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie, (orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

MINAYO, Maria Cecília Souza. A Condição Juvenil no Século XXI. p. 17-43. In. MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

NASCIMENTO, Ohana Cunha do. **Adaptação transcultural e validação de conteúdo do questionário “Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ”- Montréal/Canadá - para o contexto do Brasil** / Ohana Cunha do Nascimento - Feira de Santana, 2014. 195 f.: il. Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2014.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violências nas Relações Afetivo-Sexuais. In. MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras TT - Physical Violence Perpetrated by Jealousy in Adolescent Dating: A Gender Approach in Ten Brazilian Capitals. **Psicol. teor. pesqui**, v. 32, n. 3, p. 1–12, 2016.

RENNER, Lynette M.; WHITNEY, Stephen D. Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. **Child Abuse and Neglect**, v. 36, n. 1, p. 40–52, 2012.

REYES, Heath Luz McNaughton et al. Heavy Alcohol Use and Dating Violence Perpetration During Adolescence: Family, Peer and Neighborhood Violence as Moderators. **Prev Sci**. 2012 August ; 13(4): 340–349. doi:10.1007/s11121-011-0215-8.

RIVERA-RIVERA, Leonor et al. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: Baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. **Preventive Medicine**, v. 44, n. 6, p. 477–484, 2007.

ROJAS-SOLÍS, José Luis. Violencia De Pareja En Universitarios Españoles: Resultados Preliminares De Un Estudio Exploratorio. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 5, n. 1, p. 571–578, 2011.

SABINA, Chiara; STRAUS, Murray A. Polyvictimization by dating partners and mental

health among U.S. college students. **Violence and Victims**, v. 23, n. 6, p. 667–682, 2008.

SANTOS, Ana Maria R.; CARIDADE, Sónia Maria M. Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 1341–1356, 2017.

SEARS, Heather A.; BYERS., Sandra; PRICE., Lisa. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. **Journal of Adolescence**, v. 30, n. 3, p. 487–504, 2007.

SHEN, April Chiung Tao; CHIU, Marcus Yu Lung; GAO, Jianxiu. Predictors of Dating Violence Among Chinese Adolescents: The Role of Gender-Role Beliefs and Justification of Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 27, n. 6, p. 1066–1089, 2012.

STRAUS, Murray A.; GOZJOLKO, Kristi L. “Intimate Terrorism” and Gender Differences in Injury of Dating Partners by Male and Female University Students. **Journal of Family Violence**, v. 29, n. 1, p. 51–65, 2014.

TAYLOR, Bruce G.; MUMFORD, Elizabeth A. A National Descriptive Portrait of Adolescent Relationship Abuse: Results From the National Survey on Teen Relationships and Intimate Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 31, n. 6, p. 963–988, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2014. Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro. v. Preliminar, p. 58–59, 2014. Flacso Brasil. Disponível em:

<https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>.

Acesso em: 09 fev. 2019.

5.2 ARTIGO 2: Agressor de violência psicológica e física nas relações afetivo-sexuais de jovens

**AGRESSOR DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E FÍSICA NAS RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS**
*AGGRESSOR OF PSYCHOLOGICAL AND PHYSICAL VIOLENCE IN AFFECTIVE-
SEXUAL RELATIONSHIPS OF YOUNG PEOPLE*
*AGRESOR DE LA VIOLENCIA PSICOLÓGICA Y FÍSICA EN LAS RELACIONES
AFECTIVAS-SEXUALES DE LOS JÓVENES*

CLAUDIANA BOMFIM DE ALMEIDA SANTOS¹; MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA
COSTA²; MAGALI TERESOPÓLIS REIS AMARAL³

1- Claudiana Bomfim de Almeida Santos, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Enfermeira do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Santo Antônio de Jesus - Bahia, Brasil.

2- Maria Conceição Oliveira Costa, Pós-Doutorado pela Université Du Québec à Montréal, UQAM, Canadá. Professora Titular Plena do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil.

3- Magali Teresopólis Reis Amaral, Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil.

Endereço para correspondência: Claudiana Bomfim de Almeida Santos – Avenida Transnordestina, s/n, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana– Novo Horizonte – CEP: 44036-900 – Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Endereço eletrônico: claudianabonfim2010@hotmail.com

**AGRESSOR DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E FÍSICA NAS RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS DE JOVENS**
*AGGRESSOR OF PSYCHOLOGICAL AND PHYSICAL VIOLENCE IN AFFECTIVE-
SEXUAL RELATIONSHIPS OF YOUNG PEOPLE*
*AGRESOR DE LA VIOLENCIA PSICOLÓGICA Y FÍSICA EN LAS RELACIONES
AFECTIVAS-SEXUALES DE LOS JÓVENES*

Resumo

Introdução: A violência por parceiro íntimo é um grave problema de saúde pública, que acomete milhares de pessoas, abrangendo múltiplas e concomitantes agressões. **Objetivo:** Investigar os fatores associados às agressões psicológicas e/ou físicas perpetradas nas relações afetivo-sexuais de jovens estudantes. **Método:** Estudo epidemiológico de corte transversal, utilizando subamostra de 774 estudantes de escolas públicas de Feira de Santana-Bahia, com idades compreendidas entre 14 e 24 anos, que relataram relacionamento íntimo nos últimos 12 meses. Foram estimadas prevalências, análises de associação e regressão logística binária, calculadas pelo teste Qui-quadrado de *Pearson* (χ^2), adotando-se Intervalos de Confiança de 95% e p -valor $<0,05$, para significância estatística. **Resultados:** A prevalência de jovens que relataram ser agressor de violência psicológica e/ou física, nos relacionamentos afetivo-sexuais foi 78,7% e 21,3%, para coocorrências. As variáveis que aumentaram a chance para perpetração de violência física e psicológica entre casais jovens foram: consumo de substâncias psicoativas (SPA), perpetração psicológicas e/ou físicas anterior; coabitação com parceiro; ter amigos vitimizados em seus relacionamentos afetivo-sexuais. **Conclusões:** A violência nas relações afetivo-sexuais de jovens demonstrou reciprocidade, com troca mútua de múltiplas agressões, destacando a importância de estudos nessa área, com enfoques nas medidas de prevenção e intervenção, nos contextos relacionais de jovens.

Descritores: Violência por Parceiro Íntimo. Adolescente. Adulto Jovem.

Abstract

Introduction: Intimate partner violence is a serious public health problem that affects thousands of people, covering multiple and concomitant assaults. Objective: To investigate the factors associated with psychological and / or physical aggressions perpetrated in the affective-sexual relationships of young students. **Method:** Epidemiological cross-sectional study, using a subsample of 774 students from public schools in Feira de Santana-Bahia, aged between 14 and 24 years, who reported an intimate relationship in the last 12 months. Prevalence, association analysis and binary logistic regression were estimated, calculated by Pearson's chi-square test (χ^2), using 95% confidence intervals and p-value <0.05 , for statistical significance. **Results:** The prevalence of young people who reported being the aggressor of psychological and / or physical violence in affective-sexual relationships was 78.7% and 21.3% for co-occurrences. The variables that increased the chance of perpetrating physical and psychological violence among young couples were: consumption of psychoactive substances (SPA), previous psychological and / or physical perpetration; cohabitation with partner; having victimized friends in their affective-sexual relationships. **Conclusions:** Violence in the affective-sexual relationships of young people showed reciprocity, with the mutual exchange of multiple aggressions, highlighting the importance of studies in this area, with a focus on prevention and intervention measures, in the relational contexts of young people. **Descriptors:** Intimate Partner Violence. Adolescent. Young Adult.

Resumen

Introducción: La violencia de pareja íntima es un grave problema de salud pública que afecta a miles de personas, que abarca ataques múltiples y concomitantes. **Objetivo:** investigar los factores asociados con las agresiones psicológicas y/o físicas perpetradas en las relaciones afectivo-sexuales de jóvenes estudiantes. **Metodología:** estudio transversal epidemiológico, utilizando una submuestra de 774 estudiantes de escuelas públicas en Feira de Santana-Bahía, de edades comprendidas entre 14 y 24 años, que informaron una relación íntima en los últimos 12 meses. La prevalencia, el análisis de asociación y la regresión logística binaria se estimaron, calculados mediante la prueba de chi-cuadrado de Pearson (χ^2), utilizando intervalos de confianza del 95% y un valor de $p < 0,05$, para la significación estadística. **Resultados:** La prevalencia de jóvenes que informaron ser agresores de violencia psicológica y/o física en las relaciones afectivo-sexuales fue del 78.7% y del 21.3% para las co-ocurrencias. Las variables que aumentaron la posibilidad de perpetrar violencia física y psicológica entre parejas jóvenes fueron: consumo de sustancias psicoactivas (SPA), perpetración psicológica y/o física previa; convivencia con pareja; haber victimizado a amigos en sus relaciones afectivo-sexuales. **Conclusiones:** La violencia en las relaciones afectivo-sexuales de los jóvenes mostró reciprocidad, con el intercambio mutuo de agresiones múltiples, destacando la importancia de los estudios en esta área, con un enfoque en medidas de prevención e intervención, en los contextos relacionales de los jóvenes. **Descriptor:** Violencia de Pareja. Adolescente. Adulto Joven.

INTRODUÇÃO

A violência por parceiro íntimo, referida como “*dating violence*”, é um grave problema de saúde pública, que acomete milhares de pessoas, em nível global, independente do grupo social, econômico, religioso ou cultural, abrangendo, tanto agressões físicas, sexuais e psicológicas, como humilhações e o controle sobre a outra pessoa. Esse tipo de violência pode ocorrer entre casais homo ou heterossexuais e não requer intimidade sexual. As agressões se materializam de forma presencial ou através de meios eletrônicos, em espaços públicos e/ou privados, entre parceiros atuais ou em relacionamentos anteriores (NIOLON et al., 2017).

Para Dahlberg e Krug (2006) a violência entre pessoas ligadas por laços de intimidade não é um fenômeno recente, uma prática rotineira e perpetradas desde os tempos mais remotos. Seu impacto pode ser mundialmente verificado de diversas formas, sendo que todos os anos mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem lesões não fatais, por causas violentas.

Embora seja um problema que permeia a trajetória da humanidade, investigações acerca deste fenômeno só teve início nos anos 70, devido às pressões do movimento feminista brasileiro e internacional, possibilitando o debate sobre questões de saúde, sexualidade e o reconhecimento social da violência nos relacionamentos íntimos, notadamente da violência contra mulheres (BANDEIRA, 2014).

Cabe salientar, que as pesquisas nessa área por décadas privilegiavam as relações maritais (casamento), como objeto de investigação, negligenciando os outros contextos relacionais, como nos relacionamentos íntimos de casais jovens. Isso porque, no imaginário social, é habitual a concepção de que as relações de intimidade de jovens (“ficar”, namoro) são vistas de forma positiva, um espaço no qual prevalecem afeto e prazer e que, normalmente, não combinam com manifestações violentas (GOMES, 2011). A percepção equivocada e a carência de pesquisas direcionadas à juventude contribuiu para ocultação dos eventos violentos entre jovens casais, retardando à produção do conhecimento científico nessa área (CARIDADE, MACHADO, 2013).

Nos anos 80, investigação pioneira sobre a natureza e prevalência da violência na intimidade juvenil, desenvolvida por Makepeace, revelou que as relações entre os jovens eram pautadas por vitimizações, estimando que um, em cada cinco estudantes universitários norte-americanos, já tinham experienciado, pelo menos uma vez na vida, episódios de violência em suas relações afetivas e que 61,5% da amostra conheciam jovens com experiências de namoro abusivas (MAKEPEACE, 1981).

Desde então tem-se observado o aumento dos estudos de prevalência e das dinâmicas violentas subjacentes a este tipo de relacionamentos. Dados provenientes de diversas investigações relatam frequência expressiva e diversificada de violência sofrida e/ou perpetrada por adolescentes, nas relações de namoro, cujas proporções situam-se entre 6% (BESERRA et al., 2016) e 83% (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013), diferenças essas que podem estar atreladas as dificuldades operacionais, falta de sistematização das ferramentas coleta e métodos de análise utilizados, prejudicando assim a interpretação e uniformização dos resultados. Apesar das desproporções encontradas nas prevalências, pesquisadores concordam que uma parte significativa de jovens experenciam agressões em seus relacionamentos (HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017).

Resultados de uma pesquisa domiciliar norte-americana com amostra representativa de 1.804 adolescentes, de 12 a 18 anos, verificaram que cerca de 36% dos entrevistados relataram relacionamento íntimo atual ou recente, dos quais mais de 60% foram vítimas ou agressores de algum tipo de violência. Outro dado importante evidenciado foi que, as moças cometeram maiores proporções de agressões físicas e psicológicas grave, quando comparadas aos rapazes. Em contrapartida, a violência sexual apresentou proporções semelhantes entre os gêneros (cerca de 10%) (TAYLOR, MUMFORD, 2015).

Diversos estudos, têm demonstrado índices preocupantes de manifestações violentas entre namorados, apontado inclusive para a presença de coocorrências - psicológica, física e sexual (SABINA, STRAUS, 2008; FERNANDEZ-FUERTEZ, FURTES, 2010; BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013). Pesquisadores da área denominam essas múltiplas vitimizações de polivitimização, pela existência de mais de um tipo de abuso, tanto para a condição de vítima, como agressor (SABINA, STRAUS, 2008).

Sobre essa temática, estudo realizado com 302 adolescentes de escolas públicas e privadas de Recife-PE, na faixa etária de 15 a 19 anos, que relataram relacionamento amoroso no último ano, verificou que 82,8% dos respondentes já praticaram agressões psicológicas, 18,9% físicas e 20% afirmaram polivitimizar seus parceiros (BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013).

Para Barreira, Lima e Avanci (2013), devido à escassez de produção científica nacional sobre a temática e as dificuldades para analisar de forma global e comparar dados provenientes de outros países e culturas, alertam para a necessidade de estudos que investiguem a prevalência, fatores associados e especificidades da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e jovens, em contexto latino-americano.

O presente estudo tem como objetivo investigar fatores associados à condição de perpetrador, para violência psicológica e/ou física, nas relações afetivo-sexuais de jovens estudantes.

MATERIAIS E MÉTODO

Tipo de Estudo

Estudo epidemiológico de corte transversal, utilizando o banco de dados de uma investigação interinstitucional mais abrangente, intitulada “Saúde de jovens e violência: Interlocução entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, desenvolvida pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana (NNEPA/UEFS)), em parceria com pesquisadores da Universidade do Quebec Montréal (UQAM) e Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Este projeto, foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS) e aprovado com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053.

Instrumento de Coleta

Para a coleta de dados, utilizou-se o instrumento “*Parcours Amoureux des Jeunes*”, original do Canadá, adaptado e validado no contexto brasileiro, resultando na versão “Percurso Amoroso de Jovens (PAJ)”, cujo resultados apresentaram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo (ICV) acima de 95% (NASCIMENTO, 2014; SILVA, 2015).

O instrumento contém 60 questões, em formato dicotômico e escalas graduadas em frequência e tipo *Likert*, dividido em sete seções.

Para esta pesquisa utilizou-se algumas questões da Seção 1 “Informações gerais” para traçar o perfil sociocultural dos pesquisados e Seção 2 “Relações afetivas e amorosas”, referentes à condição atual ou recente de relacionamentos afetivo-sexuais.

Amostragem e Procedimentos de Coleta

Para o Projeto original, foi utilizada amostragem do tipo estratificada por conglomerado com multiestágios (escolas e alunos), onde as Unidades primárias foram escolas da zona urbana da rede pública de ensino do município de Feira de Santana-BA, classificadas pelo porte

(pequeno, médio, grande e especial) e as Unidades Secundárias foram estudantes, matriculados nas escolas sorteadas e faixas etárias definidas independente do gênero.

De forma aleatória e representativa, 56 escolas foram sorteadas, para compor o campo de coleta e o número de alunos foi calculado para diferentes precisões. Como se desconhecia a proporção da característica da população estudada assumiu-se a proporção máxima de 0,5 com limite de confiança de 95%. A estratificação foi utilizada, principalmente, para melhorar a precisão das estimativas. A amostra foi majorada em 0,82%, para compensar perdas e recusas, totalizando assim, 1.703 jovens de ambos os gêneros.

A coleta ocorreu nos três turnos de ensino, com aqueles que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os menores de 18 anos) e/ou do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os demais ou responsáveis dos menores de 18 anos). Para a assinatura dos termos, os participantes foram informados quanto ao objetivo, relevância e metodologia da pesquisa, com direito garantido de não participarem ou de desistirem sem quaisquer prejuízos.

Para compor a amostra da presente pesquisa, foram selecionados 774 adolescentes e adultos jovens, da faixa etária estabelecida, independente do gênero, que relataram relacionamento afetivo-sexual atual ou recente (últimos 12 meses) e que responderam a pelo menos um dos questionamentos sobre violência psicológica e física.

Variáveis do estudo

Para avaliar a situação dos relacionamentos íntimos dos adolescentes e adultos jovens foram incluídos os que relataram condição atual ou recente (ocorrido nos últimos 12 meses).

A perpetração da violência psicológica e física recente representou a variável dependente e foi obtida pelo relato positivo de pelo uma das perguntas para agressões psicológicas: “Disse coisas que provocou raiva”, “Ameaçou fazer mal”, “Ameaçou bater ou atirar objetos”, “Zombou/tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (*bullying*)” e “Seguiu para saber com quem iria se encontrar” e para físicas: “Esmurrou ou deu pontapé”, “Estapeou ou puxou cabelos” e “Empurrou, sacudiu ou engarguelou”, com quatro categorias de respostas: “Nunca, 1 a 2 vezes, 3 a 5 vezes e 6 vezes ou mais”, as quais foram dicotomizadas, para possibilitar a análise dos dados.

As variáveis independentes foram divididas em: *características sociodemográficas*: sexo, faixa etária, cor da pele, escolaridade, prática de atividade esportiva e/ou cultural, coabitação, desempenho estudantil; *relacionais e experiências violentas*: situação do relacionamento íntimo, agressões violentas anteriores e vitimização de amigos nas relações

afetivo-sexuais e os *hábitos de vida*: uso de substâncias psicoativas (SPA) - álcool e/ou maconha - dos participantes e amigos.

Análise Estatística dos dados

O banco, foi digitado no programa *EpiData Software* versão 3.0 para compor a base de dados, de modo que as incongruências provocadas por erros de digitação fossem minimizadas. Em seguida, os dados foram transferidos e processados no ambiente de programação computacional *R Development Core Team* versão 3.6.1, de livre acesso e disponível gratuitamente.

Inicialmente, foram calculadas as prevalências das variáveis, as quais foram expressas em percentuais e investigadas associações entre perpetração da violência psicológica e ou física e as demais variáveis, por meio de análises bivariadas (teste Qui-quadrado de *Pearson*).

A Regressão Logística Binária foi utilizada de modo a estimar a probabilidade associada à ocorrência e os fatores associados, para as condições de: “Agressor de violência psicológica” e “Agressor de Violência Psicológica e Física”. Para o modelo foram incluídas todas as variáveis com resultados significantes, obtidas pelo Qui-quadrado ao nível de 95%. Embora não tenha encontrado diferenças quanto ao sexo, a variável foi incluída, de modo a controlar as demais covariáveis. Para que a coabitação pudesse ser inserida no modelo foi procedido a técnica de variável *dummy*, que consiste em dividir as categorias de uma variável em um conjunto de variáveis, cuja respostas se torna dicotômica, - “sim ou não”.

RESULTADOS

Dos 774 adolescentes e adultos jovens elegíveis, mais da metade eram do sexo feminino (52,5%), na faixa etária de 17 a 19 anos (56,2%), cursando o ensino médio (55,1%), cor da pele parda (61,5%), residiam com os pais no mesmo domicílio (47,1%) e em relacionamento afetivo-sexual atual (67,3%). Observou-se baixo percentual de analfabetismo dos pais (3,1% mãe e 3,0% pai).

Na Tabela 1 verificou-se diferença das proporções de eventos entre os sexos nos itens “Disse coisas que provocou raiva”; “Ameaçou bater ou atirar objetos”; “Estapeou ou puxou os cabelos” e “Esmurrou ou deu pontapé”, mais referidos pelas moças.

Outro dado relevante, foi que cerca de 50% dos rapazes e 65% das moças relataram perpetrar violência psicológica verbal em suas relações afetivo-sexuais. Além das agressões verbais, os rapazes relataram a prática do “controle”, com objetivo de descobrir com quem iria

se encontrar. Entre as moças, destacou-se relatos de “ameaças físicas” (12,2%), manifestando-se mais violentas em todos questionamentos, sendo inclusive três vezes mais agressivas que os rapazes, quando questionadas sobre aplicar golpes de murros ou pontapé contra o(a) parceiro(a).

Tabela 1: Violência psicológica e física perpetrada por adolescentes e adultos jovens nas relações afetivo-sexuais, segundo os sexos. Estudantes da rede pública de ensino de Feira de Santana BA, 2018.

ITENS DE VIOLÊNCIA PERPETRADA	AGRESSOR				p-Valor
	Masculino		Feminino		
	N	%	N	%	
PSICOLÓGICA					
Disse coisas que provocou raiva*	180	49,6	262	65,2	0,000
Seguiu pra saber com quem iria se encontrar	31	8,7	34	8,5	0,929
Ameaçou bater ou atirar objetos*	27	7,5	49	12,2	0,028
Ameaçou fazer mal	18	5,0	27	6,7	0,315
Zombou/tirou sarro ridicularizou na frente de outras pessoas (<i>bullying</i>)	22	6,1	25	6,2	0,943
FÍSICA					
Estapeou ou puxou os cabelos*	17	4,7	41	10,2	0,004
Esmurrou ou deu pontapé*	14	3,9	46	11,5	0,000
Empurrou, sacudiu ou engarguelou	19	5,3	24	6,0	0,673

*Associações estatisticamente significativas ao nível de $p < 0,05$

A prevalência de adolescentes e adultos jovens que já praticaram agressões físicas e/ou psicológicas em seus relacionamentos íntimos foi acima de 60%. O perfil sociodemográfico dos jovens que não praticaram nenhum tipo de violência e dos que afirmaram já terem agredido seu (sua) parceiro(a), estão apresentadas na Tabela 2, porém ressaltar-se que, somente a covariável sexo demonstrou associação significativa com os desfechos.

Tabela 2: Perfil sociodemográfico de adolescentes e adultos jovens, segundo o tipo de perpetração cometida (psicológica e/ou física), Violência Psicológica e/ou Física, nas relações afetivo-sexuais. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

VARIÁVEIS	AGRESSORES	Não Agrede		Agressor Psicológico ou Físico		Agressor Psicológico e Físico	
		N = 297 (38,6%)		N = 373 (48,4%)		N = 100 (13,0%)	
		N	%	N	%	N	%
Sexo*	Feminino	127	31,7	206	51,4	68	17,0
	Masculino	167	46,3	162	44,9	32	8,8
Faixa etária	14 a 16 anos	104	42,3	114	46,3	28	11,4
	17 a 19 anos	165	38,2	208	48,1	59	13,7
	20 a 24 anos	28	30,4	51	55,4	13	14,1
Escolaridade							

Fundamental I ou II	135	43,1	137	43,8	41	13,1
Ensino médio	148	35,4	219	52,4	51	12,2
Outros	9	31,0	14	48,3	6	20,7
<hr/>						
Cor de pele						
Branca	36	38,7	45	48,4	12	12,9
Parda/mestiça	171	36,9	229	49,5	63	13,6
Negra ou Outras ²	83	41,7	94	47,2	22	11,1
<hr/>						
Atividade esportiva/cultural						
Não	219	37,4	291	49,7	75	12,8
Sim	76	41,8	81	44,5	25	13,7
<hr/>						
Coabitação						
Pais no mesmo domicílio	137	38,5	182	51,1	37	10,4
Pais separados	112	39,4	132	46,5	40	14,1
Membros da família ou Outros ³	28	34,1	43	52,4	11	13,5
Namorado(a)/Parceiro(a)	13	36,1	12	33,3	11	30,6
<hr/>						
Relacionamento afetivo-sexual						
Atual	201	38,7	245	47,1	74	14,2
Recente (últimos 12 meses)	96	38,4	128	51,2	26	10,4

¹Ensino profissionalizante ou Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou Séries do Ensino Médio condensadas (CPA)

²Indígena ou Outros

³Sozinho ou Amigos

As análises de associação entre perpetração, segundo os tipos de violências investigados mostraram resultados estatisticamente significantes ($p < 0,0001$), com agressões simultâneas (psicológicas e físicas) em torno de 22%. (Tabela 3).

Tabela 3: Agressor de violência psicológica e/ou física recente, entre casais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

AGRESSOR	Agressor de violência psicológica recente						
		Não		Sim		Total	p-Valor
		N	%	N	%		
Agressor de violência física recente	Não	297	99,0	361	78,3	658	0,000*
	Sim	3	1,0	100	21,7		
	Total	300	100	461	100		

*teste χ^2 de Pearson para tabela 2x2, significante ao nível 5%

Conforme a Tabela 4, as variáveis que aumentaram as chances para a coocorrência das violências foram: consumo de álcool e/ou maconha (2,87 vezes maior); ter sido agressor psicológico e/ou físico, anteriormente (5,52 vezes maior); residir com o(a) companheiro(a) (3,34 vezes maior); ter amigos que já foram vítimas de violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais (2,05 vezes maior).

Tabela 4. Modelo I: Regressão Logística Binária, com respectivos intervalos de confiança para o desfecho agressor de violência psicológica e/ou física recente nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens. Estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana (BA), 2018.

MODELO I CONDIÇÃO DE AGRESSOR	Violência				Odds Ratio [Intervalo de Confiança 95%] OR [IC95%]	
	Psicológica		psicológica e física			
	N	%	N	%		
Sexo						
	Masculino	162	83,5	32	16,5	1,67
	Feminino	206	75,2	68	24,8	[0,934-2,98]
Consumo de SPA ¹						
	Não	158	90,8	16	9,2	2,87*
	Sim	186	71,8	73	28,2	[1,51-5,48]
Agressor de violência anterior ²						
	Não	329	83,5	65	16,5	5,52*
	Sim	16	38,1	26	61,9	[2,60-11,76]
Coabita com o(a) companheiro(a)						
	Não	354	80,1	88	19,9	3,34*
	Sim	12	52,2	11	47,8	[1,25-8,90]
Vitimização de amigos à violência nos relacionamentos afetivo-sexuais						
	Não	223	85,8	37	14,2	2,05*
	Sim	140	69,3	62	30,7	[1,18-3,55]

*Associações estatisticamente significativas ao nível de $p < 0,05$

¹Consumo de álcool e/ou maconha

²Violência psicológica e/ou física anterior (sem contar os últimos 12 meses) nas relações afetivo-sexuais

DISCUSSÃO

Os resultados da presente pesquisa revelaram que mais de 60% dos entrevistados já tinham agredido seu(sua) parceiro(a), com maioria dos relatos de perpetração psicológica e, cerca de 21% no formato de coocorrência (psicológicas e físicas). Esses achados coadunam com os encontrados por diversas pesquisas da área, onde a violência psicológica é a manifestação mais reportada nas relações íntimas de casais jovens, cuja prevalência pode variar entre 28% (RIBERDY, HAMEL, TREMBLAY, 2017) a 80% (WOLFE et al., 2001; SABINA, STRAUS, 2008; MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011; HÉBERT, BLAIS, LAVOIE, 2017).

Essas variações nas frequências constatadas pelas investigações podem ser decorrentes de diferentes e múltiplos fatores, como a faixa etária considerada para o estudo, o método de coleta e de análise dos dados e os tipos de agressões investigadas. Todavia, os estudos convergem, quanto à importância da temática, nessa fase da vida, na qual podem ocorrer as

primeiras experiências de relacionamentos afetivos, cujas experiências violentas podem ser naturalizadas, pela frequência e hábito, com conseguinte risco para vitimização e/ou perpetração nos relacionamentos futuros (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011).

O consenso entre os estudiosos aponta que a violência psicológica é a mais prevalente, por ser tão banalizada em nossa sociedade, e por não deixar marcas imediatas e visíveis, como na violência física, tornando-se mais difícil de ser identificada pelas vítimas e agressores, sendo reconhecida, como de baixo poder ofensivo. Cabe salientar ainda que, a violência nas relações interpessoais pode ser resultante da transmissão intergeracional, devido ao *modus operandis* que a sociedade se estabeleceu, através do domínio dos mais vulneráveis.

Em se tratando da violência física, somente três jovens afirmaram ter agredido sua(seu) parceira(o), esta baixa proporção de relatos de perpetração pode ser atribuída à omissão dos jovens, considerando a gravidade dos eventos e o controle social, perante às leis vigentes, onde a denúncia ou flagrante requer responsabilidade judicial.

Outra justificativa possível, conforme estudiosos é que, na maioria das situações, os atos violentos se entrelaçam de formas e graus de severidade diversas, evidenciando que raramente as agressões físicas ocorrem na ausência da violência psicológica, caracterizando-se como casos de vitimizações múltiplas (BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013). Para Finkelhor e outros (2005) a polivitimização, pode ser entendida como à submissão de um indivíduo a mais de um tipo de violência por determinado período. Esta premissa despertou o interesse da comunidade científica por ferramentas de pesquisa que permitam analisar, simultaneamente, os diversos tipos e subtipos de agressões e as interações entre as várias formas de violência (FINKELHOR, 2007).

Quanto à perpetração por agressões verbais, a presente pesquisa verificou alta expressividade entre os jovens, onde cerca de 50% dos rapazes e 65% das moças afirmaram já terem ditos coisas que despertou no parceiro sentimento de raiva. Resultados similares foram encontrados por Minayo, Assis e Njaine (2011), em estudo com 3.205 adolescentes estudantes da rede pública e privada de ensino de dez capitais brasileiras, na qual foi constatada a presença frequente de, pelo menos uma, das formas de abuso psicológico, nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens, sendo a violência verbal a mais prevalente entre os entrevistados.

Cabe destacar que os resultados da atual investigação evidenciaram taxas similares de perpetração de violência psicológica e coocorrências (psicológica e física) entre moças e rapazes, achados esses que corroboram com a pesquisa de Hickman, Jaycox e Aronoff (2004), na qual não foi verificada diferenças significantes entre os sexos, seja cometendo agressão psicológicas (55% rapazes e 60% moças) ou físicas (20% de rapazes e 33 % das meninas).

Entretanto, López-Cepero e colaboradores (2015) demonstraram diferenças significativas entre rapazes e moças, para perpetração das violências, sendo que todas as formas de violência foram mais ocasionadas pelo feminino.

A complexidade da violência é enfatizada por diversos pesquisadores, devido à complexidade da violência, suas múltiplas manifestações e os fatores que podem contribuir para o seu desencadeamento ou que aumentam a probabilidade das ocorrências nas relações amorosas de jovens, a saber: '*fatores sociodemográficos*' como: idade, sexo, escolaridade; '*problemas de comportamentos*': ansiedade, depressão, comportamentos suicidas, consumo de álcool e outras drogas, iniciação sexual precoce e desprotegida, baixa autoestima; '*história de violência*', exposição a ambientes familiares violentos, agressões em relacionamentos afetivos sexuais anteriores, dificuldades na resolução de problemas e conflitos relacionais; '*fatores relacionais*', como tipos de experiências amorosas e sexuais prévias, grau de envolvimento na relação amorosa, conflitos entre parceiros; e '*aceitação da violência*', adesão a atitudes legitimadoras e de desvalorização da violência nas relações de namoro, tolerância à violência (APAV, 2011).

Como apontado por diferentes estudos, múltiplos fatores podem explicar os eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de jovens, contudo para esta investigação o consumo de álcool e/ou maconha mostrou associação significativa com a presença de eventos violentos, coadunando com diversas pesquisas e dados de Instâncias Internacionais (REYES et al., 2019; ROTHMAN et al., 2011; MALTA et al., 2011; RIBEIRO et al., 2011; WHO, 2008).

Várias explicações são plausíveis para elucidar a associação entre consumo de álcool e perpetração da violência entre jovens. O modelo de efeitos proximais é talvez o que melhor explique a relação álcool-violência, uma vez que, os efeitos agudos da intoxicação alcoólica pode prejudicar a capacidade de processamento de informações, levando o sujeito a reagir de forma exaltada à provocação, aumentando o risco de ocorrências violentas (PIHL, HOAKEN, 2002).

Pesquisa conduzida pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2008), efetivada em 41 países, apontou que o álcool é a substância psicoativa mais consumida e também a primeira escolha entre os jovens, demonstrando índices alarmantes de pelo menos dois episódios de consumo excessivo ou embriaguez, ocorrendo em 9% das moças e 13% dos rapazes.

Estudo nacional também encontrou que as bebidas alcoólicas foram mais experimentadas pelos rapazes, sendo o consumo atrelada a momentos de lazer e socialização, ou como recurso de distração, - para esquecer problemas e relacionamentos amorosos, ou até mesmo pela percepção equivocada de que o álcool não é droga, por ser amplamente aceita e

fazer parte do grupo de substâncias lícitas, embora fosse ilícita para a maior parte dos participantes do estudo (RIBEIRO et al., 2011).

Elicker e colaboradores (2015), afirmam que a escassez de fiscalização possibilita a livre comercialização de bebidas alcoólicas, propicia a experimentação precoce, sendo que uma alta proporção de estudantes narraram ter consumido pela primeira vez em âmbito doméstico, com idades entre 12 e 13 anos, e ainda referiram o hábito de beber principalmente com amigos e familiares.

Ainda sobre as variáveis que tiveram relação com os comportamentos violentos no namoro de jovens, em Feira de Santana, as análises apontaram associação significativa com os amigos com vivências violentas em suas relações íntimas. Este resultado corrobora com os achados de Foshee e colaboradores (2013), evidenciando que, os jovens que convivem com amigos cujas relações íntimas são permeadas por violência apresentam maior risco de reproduzir as agressões em seus relacionamentos. Em contrapartida, aqueles que relataram níveis mais baixos de violência no namoro relataram ter mais amigos com crenças pró-sociais.

Quanto à influência dos amigos, a “Teoria da Aprendizagem Social” postula que os comportamentos são apreendidos, a partir de experiências vicariantes, isto é, através da observação e reprodução dos comportamentos de outras pessoas e das recompensas que estes recebem, reproduzindo-se e mantendo-se, a partir do reforço (MELO-DIAS; SANTOS, 2019). Caridade e Machado (2013) alertam para a importância dos contextos precoces de socialização familiar e da influência dos pares, postulados a partir da noção das condutas sociais, em termos da transmissão e aceitação dos comportamentos agressivos.

Nesse sentido, é natural que o grupo a qual estão inseridos desempenhe influência, visto que é na juventude que ocorrem as constantes mudanças e a busca incessante de novas descobertas e vivências, sendo o estabelecimento de vínculo com os pares de caráter fundamental para os jovens, principalmente porque influenciam a forma do agir e reagir em diversas situações cotidianas, sendo que a violação de uma regra ou questionamento de sua identidade pode colocar em risco o pertencimento ao grupo, o que é altamente ameaçador para ele (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011).

Connolly, Furman e Konarski (2000) ao investigarem o papel dos pares no surgimento dos relacionamentos afetivo-sexuais, entre adolescentes heterossexuais, evidenciaram que os amigos próximos podem influenciar no relacionamento amoroso, já que as redes de pares possibilitam a criação de um contexto positivo ou negativo, para que os relacionamentos íntimos possam se desenvolver, sendo que as características estruturais do grupo e como se dá a sua participação nessas redes, influenciam o momento e a emergência dessas relações

amorosas. Ademais, os pares e os relacionamentos românticos anteriores ocupam um importante papel na modelação de expectativas e desenvolvimento de habilidades sociais.

Outro achado observado por este estudo foi a maior agressividade entre aqueles que praticaram atos violentos em relacionamentos íntimos anteriores. Achados semelhantes foram encontrados entre os estudantes de escolas públicas e privadas de Recife-PE, que verificou maior chance para agressões físicas e psicológicas, nas relações íntimas atuais entre aqueles adolescentes que perpetraram violência verbal, em relacionamentos anteriores (BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013).

Para Gomes (2011), o que pode contribuir para perpetuação do fenômeno é que certas atitudes podem não ser percebidas como violência, isso devido à banalização das agressões pelos adolescentes, as quais podem ser inseridas na denominação de “violência simbólica”, traduzida por aspectos que, cotidianamente, são aceitos, introjetados e reproduzidos, sem que os pares dessas relações percebam a sua existência. Entretanto, a violência simbólica, se não interrompida, tende a agravar e, o ambiente domiciliar, onde as relações afetivas se concretizam, pode ser marcado por desavenças e até mesmo ser palco para homicídios (AMARAL, AMARAL, AMARAL, 2013).

Quanto ao local de moradia, os entrevistados que relataram residir com seu(sua) companheiro(a) apresentaram cerca de três vezes mais chance de se tornarem perpetrados de agressões psicológicas e físicas. Tal situação pode ser equiparada à violência nas relações íntimas de adultos, na qual existem a coabitação e, por vezes, dependência financeira, sendo inclusive, um dos fatores de risco mais frequentes nas situações de violência conjugal, contribuindo para a revitimização e permanência na relação abusiva (APAV, 2011).

Os integrantes de uma família têm na habitação seu principal ambiente de sociabilidade, o qual representa *locus* essencial para o desenvolvimento individual e interpessoal de seus membros. A habitação pode ser entendida, como a ação do *habitat* em um espaço que envolve o elemento físico da moradia (e/ou qualquer ambiente físico construído) e a qualidade interacional do ambiente compartilhado nas suas interrelações (COHEN et al., 2007).

Silva, Falbo-Neto e Cabral-Filho (2009), ao buscar associação entre ser vítimas de violência recente e ter presenciado agressões por familiares em algum momento da vida, encontrou que 39,7% das mulheres vitimizadas já tinham presenciado violência na infância e/ou adolescência, sendo que 60,0% declararam o pai como perpetrador de maus-tratos no lar, trazendo à tona a teoria da intergeracionalidade da violência. Sendo assim, a habitação tanto pode se constituir como um espaço de construção e de produção de cuidado, quanto pode ser

arraijada por conflitos e desavenças, onde as experiências pregressas dos seus integrantes podem influenciar as condições ambientais e os relacionamentos interpessoais atuais e futuros.

Os resultados do estudo atual ratificam que a residência da vítima se configura como *locus* privilegiado para ocorrência dos atos violentos que, na pior das circunstâncias, pode evoluir para desfechos graves e até fatal. Segundo investigadores, depois do domicílio, o hospital é o local de maior ocorrência de óbitos por causas violentas. Embora os registros apontem a morte em ambiente hospitalar, considerando que, nos casos de violência grave, a procura pela assistência qualificada é o mais habitual, este pode não revelar o verdadeiro local do óbito. Portanto, as baixas proporções de óbitos em domicílio, na via pública e em outros locais de convivência podem não refletir a realidade do local das ocorrências violentas, considerando a baixa frequência desses registros (AMARAL, AMARAL, AMARAL, 2013).

Assim como vivenciado por adultos em suas relações íntimas violentas, nos relacionamentos de jovens, o ciclo da violência é experienciado, em geral, pelas seguintes etapas: a) *construção da tensão no relacionamento*: os incidentes menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, criando na vítima, uma sensação de perigo eminente. Quando a tensão atinge seu grau mais grave; b) *explosão da violência – descontrole e destruição*, marcada por agressões físicas, que tendem com o passar do tempo aumentar sua frequência e intensidade, e que será seguida pela terceira e última fase; c) *lua-de-mel – arrependimento do agressor*, findado o período da violência física, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira (o), implora perdão, compra presentes, promete que jamais voltará agir de forma violenta (BRASIL, 2005).

Ainda que o presente estudo não tenha investigado o ciclo de vitimização e os motivos para permanência nas relações abusivas, salienta-se a importância da compreensão desse fenômeno multifacetado. Nessa perspectiva, Falcke e outros (2009) revelam que a etapa da lua-de-mel se caracteriza como uma fase primordial para a manutenção de homens e mulheres em relacionamentos violentos, na qual há expectativa de que a relação melhore baseada nas promessas e arrependimento do(a) agressor(a).

Na atualidade, o percurso amoroso dos jovens é bastante diferente das experiências vividas pelas gerações anteriores, considerando a multiplicidade e diversidade de padrões relacionais. Nesse sentido, como forma de enfrentamento da violência contra mulher, considerando o alto índice de violência de gênero e a alta frequência de feminicídio, no Brasil, foi criada a Lei 11.340, de 22 de setembro de 2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”, que, além das medidas protetivas e de assistência integral às vítimas de violência doméstica, esse dispositivo legal cria mecanismos para coibir e prevenir qualquer manifestação violenta.

Sua execução extrapola ao ascendente, descendente, irmão, namorado, ou com quem conviva ou tenha convivido, ainda que não haja coabitação, devendo o agressor sofrer as penalizações cabíveis, podendo ficar de três meses a três anos de detenção, conforme processo de julgamento. Assim, deixa de ser crime de menor poder ofensivo, para adentrar o sistema prisional, um crime antes punido apenas com a obrigação de prestar serviços sociais e a aquisição de cestas básicas ou outras de prestação pecuniária (BRASIL, 2006).

Apesar do respaldo legal, raramente os jovens procuram ajuda para resolver situações de violência no namoro. Somente 3,5% dos jovens entrevistados afirmaram ter solicitado ‘apoio profissional’, a qual foi motivada por problemas emocionais, decorrentes da violência relacional perpetrada ou sofrida (NJAINÉ et al., 2011).

De modo geral, a sociedade tende a aceitar altos índices de violência, onde fatores sociais e culturais parecem influenciar na forma como as pessoas lidam com as situações de violações (BRASIL, 2018). Isto deve-se, especialmente, pela dificuldade de ajustar determinadas condutas como ato agressivo, devido que, na grande maioria das vezes, o fato de estar habituado(a) com ambientes de limitações comportamentais, contribui para o não reconhecimento de tais abusos, como transgressão dos seus direitos (LELIS; CAVALCANTE, 2016).

Desse modo, os presentes resultados como observado por Reyes e outros (2019), sugerem que sejam implementadas intervenções transversais de modo a impedir o envolvimento dos jovens em situações violentas com pares e parceiros, através de medidas eficazes de redução do consumo de SPA e do vínculo social proativo entre familiares e amigos.

Por fim, como registrado por Borrego e colaboradores (2015), o presente estudo apresenta limitações metodológicas, visto que os resultados foram analisados, a partir da resposta afirmativa de um único item comportamental, o qual foi classificado em vítima ou agressor de violência física recente. Uma deficiência evidente desse método de classificação consiste na fragilidade de distinguir os indivíduos, entre os diversos níveis de violação, rotulando a um mesmo grupo aqueles que sofreram e/ou perpetraram uma gama diversificada de atos violentos, comparados aos que referiram comportamentos abusivos de menor intensidade e frequência.

CONCLUSÕES

A violência nas relações afetivo-sexuais de jovens de Feira de Santana, demonstrou reciprocidade, baseado pela troca mútua de múltiplas agressões. Embora não seja possível estabelecer nexos causais entre os tipos e o padrão das agressões, pode-se inferir, com base nos resultados que, raramente as agressões físicas ocorrem de forma solitária e, frequentemente

podem ser entrelaçadas com os abusos psicológicos de diferentes manifestações e graus de intensidade.

Os achados de maior agressividade entre as moças, comparada aos rapazes, instiga investigações que busquem compreender essa dinâmica nos relacionamentos íntimos de jovens, e que questionem as lacunas observadas até o momento: As moças relataram com maior precisão a violência perpetrada, quando comparadas com os rapazes, devido as agressões serem consideradas de menor poder ofensivo, decorrente das relações de desigualdades, como as características físicas (peso, altura, força) ou até mesmo socialmente aceita, compreendida como prática de auto-defesa, justificando o revide dos abusos? Ou os rapazes se sentem envergonhados em relatar a vitimização ocorrida, decorrentes da construção de gênero imposta pela sociedade?

Outra situação preocupante evidenciada pelo estudo foi o alto percentual de consumo de SPA pelos entrevistados, que além de poder se comportar como porta de entrada para o consumo de outras drogas, também prejudica o desenvolvimento psicossocial dos jovens. Nesse sentido, estudos que investiguem os fatores que levam a precocidade do consumo de bebidas alcoólicas e/ou maconha e de ações com enfoque na prevenção e combate a problemática se configuram como de suma importância.

Sendo indiscutível o impacto dos eventos violentos nas intimidades de jovens, é fundamental que os profissionais que lidam com este público, com destaque para os da educação, estejam capacitados para seu o enfrentamento, uma vez que o âmbito escolar, depois da residência, é o local de maior convivência social desse grupo populacional. Ademais, esses espaços se constituem, em muitas das ocasiões, como *locus* preferencial para iniciar as experiências amorosas, seja pela maior aproximação com os pares e/ou ausência de supervisão parental.

Diante dos resultados dessa pesquisa, e corroborando com as instituições de amparo aos jovens, salienta-se que a juventude se configura como etapa crítica e importante para se promover, prevenir e intervir nas questões relacionadas à sociabilidade e práticas de convivência, de modo a tornar suas relações interpessoais saudáveis, subsidiando caminhos para resolução dos conflitos cotidianos de forma pacífica.

Para finalizar, ressalta-se que, os achados do presente estudo possam contribuir para a elaboração de estratégias que auxiliem no fortalecimento das ações essenciais, no que diz respeito aos contextos relacionais violentos de jovens com seus pares e parceiros. Da mesma forma, pesquisas adicionais são necessárias, de modo a ampliar horizontes ao conhecimento e adequação de medidas de enfrentamento do problema, condizentes com a realidade vivenciada.

REFERÊNCIAS

APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir**. Lisboa - Portugal: [s.n.], 2011. ISBN: 978-972-8852-50-4. 2011 © APAV.

AMARAL, Nádya de Araújo; AMARAL, Cledir de Araújo; AMARAL, Thatiana Lameira Maciel. Mortalidade feminina e anos de vida perdidos por homicídio/agressão em capital Brasileira após promulgação da Lei Maria da Penha. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 980–988, 2013.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, Aug. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

BARREIRA, Alice Kelly; DE LIMA, Maria Luiza Carvalho; AVANCI, Joviana Quintes. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 233–243, 2013.

BESERRA, Maria Aparecida et al. Prevalence and characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 183–191, 2016.

BORREGO, Javier López-Cepero et al. Percepción de la victimización en el noviazgo de adolescentes y jóvenes españoles. **Revista Iberoamericana de Psicología y Salud**, v. 6, n. 2, p. 64–71, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.rips.2015.04.001>>.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a Violência contra a Mulher** – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 64p.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências, 2006e. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019;

BRASIL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais**. – N. 2 (2018). Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2018-1. Violência contra a mulher, Brasil, periódico. 2. Violência contra a mulher, estatística, Brasil. I. Brasil. Congresso Nacional. Senado Federal. Observatório da Mulher Contra a Violência.

CAMPOS, Mariana Rocha da Silva. **Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário "Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ"** / Mariana Rocha da Silva Campos. - Feira de Santana, 2015. 104 f.: il. Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2015.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 91–113, 2013.

COHEN, Simone Cynamon et al. Habitação saudável e ambientes favoráveis à saúde como estratégia de promoção da saúde. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 191–198, 2007.

CONNOLLY, Jennifer; FURMAN, Wyndol; KONARSKI, Roman. The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. **Child Development**, v. 71, n. 5, p. 1395–1408, 2000.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>.

MELO-DIAS, Carlos; SILVA, Carlos Fernandes da. Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 20, n. 1, p. 101-113, mar. 2019. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200108>.

FALCKE, Denise et al. Violência conjugal: um fenômeno interacional. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 81–90, 2009.

FERNÁNDEZ-FUERTES, Andres A.; FUERTES, Antonio. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. **Child Abuse and Neglect**, v. 34, n. 3, p. 183–191, 2010.

FINKELHOR, David et al. Measuring polyvictimization using the JVQ. **Child Abuse and Neglect**, v. 29, n. 11, p. 1297-1312, 2005.

FINKELHOR, David. Developmental victimology: the comprehensive study of childhood victimizations. In. DAVIS, R. C., LUIRIGIO, A. J., HERMAN, S. (Org.). **Victims of crime** (3rd ed., pp. 9-34). Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2007.

FOSHEE, Vangie A. et al. The Peer Context and the Development of the Perpetration of Adolescent Dating Violence. **Youth Adolesc.** v. 42, n. 4, p. 1-22, abr. 2013. DOI:10.1007/s10964-013-9915-7.

GELLES, Richard J. Intimate violence in families. **Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.**

GOMES, Romeu. Invisibilidade da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In. MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

HÉBERT, Martine; BLAIS, Martin; LAVOIE, Francine. Prevalencia de victimización entre adolescentes en una muestra representativa de estudiantes de Secundaria de Quebec. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 17, n. 3, p. 225–233, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ijchp.2017.06.001>>.

HICKMAN, Laura J.; JAYCOX, Lisa H.; ARONOFF, Jessica. Dating Violence among Adolescents: Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 5, n. 2, p. 123–142, 2004.

LELIS, Acácia Gardênia Santos; CAVALCANTE, Vivianne Albuquerque Pereira. Pornografia de vingança: Uma análise sobre a violência de gênero, através das mídias sociais. In. Alfrancio Ferreira Dias, Elza Ferreira Santos, Maria Helena Santana Cruz (organizadores). **Gêneros, feminismo, poderes e políticas públicas: investigações Contemporâneas. – 19º REDOR: Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero [Livro eletrônico]. / - Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora, 2016. 35000kb. 4246 p.; il.**

MAKEPEACE, James Michael. **Courtship Violence among College Students**. Source: Family Relations, Vol. 30, No. 1 (Jan., 1981), p. 97-102. *National Council on Family Relations*.

NJAINE, Katie. Prevenção da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In. Maria Cecília Souza Minayo; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

NASCIMENTO, Ohana Cunha do. **Adaptação transcultural e validação de conteúdo do questionário “Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ”- Montréal/Canadá - para o contexto do Brasil / Ohana Cunha do Nascimento - Feira de Santana, 2014. 195 f.: il.** Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2014.

NIOLON, Phyllis Holditch et al. **Preventing Intimate Partner Violence Across the Lifespan: A Technical Package of Programs, Policies, and Practices**. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention. p. 64, 2017.

PIHL, Robert O.; HOAKEN, Peter N. S. Biological bases of addiction and aggression in close

relationships. In. Wekerle, C.; Wall, AM., editors. **The violence and addition equation: Theoretical and clinical issues in substance abuse and relationship violence**. New York: Brunner-Routledge; 2002. p. 25-43.

REYES, H. Luz McNaughton et al. Patterns of adolescent aggression and victimization: Sex differences and correlates. **J Aggress Maltreat Trauma**. v. 28, n.9, p. 1130–1150, 2019. doi:10.1080/10926771.2018.1466843. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6927675/pdf/nihms-1502481.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2020.

ROTHMAN, Emily F. et al. Does the Alcohol Make Them Do It? Dating Violence Perpetration and Drinking Among Youth. **Epidemiol Rev**. v. 34, n.1, p. 103–119, Jan 2012. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3276314/#__ffn_sectitle>. Acesso em: 14 out. 2019.

SABINA, Chiara; STRAUS, Murray A. Polyvictimization by dating partners and mental health among U.S. college students. **Violence and Victims**, v. 23, n. 6, p. 667–682, 2008.

SILVA, Maria Arleide; FALBO NETO, Gilliatt Hanois; CABRAL FILHO, José Eulálio. Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 1, p. 121–127, 2009.

TAYLOR, Bruce G.; MUMFORD, Elizabeth A. A National Descriptive Portrait of Adolescent Relationship Abuse: Results From the National Survey on Teen Relationships and Intimate Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 31, n. 6, p. 963–988, 2015.

WHO. World Health Organization. Inequalities in young people's health. Health Behavior in School- Aged Children. International Report from 2005-2006. **Health Police for Children and Adolescents**. No 5; 2008.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa teve como intuito discorrer sobre a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens, mais especificamente, os abusos psicológicos e físicos, sofridos e/ou perpetrados, considerando suas particularidades, complexidades e nuances.

Dentre as principais conclusões, verificou-se que nos relacionamentos íntimos dos jovens investigados parece haver uma reciprocidade das agressões, sendo inclusive as moças mais violentas que os rapazes, dinâmica essa diversa das relações matrimoniais, uma vez que, as mulheres costumam ser mais vitimizadas pelos seus parceiros.

Embora não tenha sido enfoque de investigação os motivos que contribuem para a bidirecionalidade, a literatura traz algumas reflexões que podem sugerir a troca mútua de violência, como a ausência de dependência econômica, fragilidade dos laços afetivos e de compromisso, assim como a facilidade em findar a relação.

Outro achado que coaduna com a literatura é a que na maioria das relações abusivas, os jovens são polivitimizados, ainda que não seja possível estabelecer nexo causal entre os tipos e o padrão das agressões, pode-se inferir, com base nos resultados que, raramente as agressões físicas ocorrem na ausência de abusos psicológicos.

Ademais, outra situação alarmante evidenciada pelo estudo foi o alto percentual de consumo de SPA pelos entrevistados e sua associação com atos violentos nas relações amorosas, fato este preocupante, pois além de possibilitar as desavenças entre os casais, e segundo, o álcool por ser uma droga socialmente aceita, pode facilitar a experimentação de outras drogas e pelos seus efeitos toxicológicos prejudicam o desenvolvimento biopsicossocial dos jovens.

Contudo, cabe salientar que, a investigação tem limitações, por se tratar de um estudo transversal, o estabelecimento da sequência temporal entre as variáveis de exposição e desfecho é inviável, visto que ambas são coletadas no mesmo momento. Outra limitante é a necessidade de autorização dos responsáveis para os menores de 18 anos, que por ser a violência permeada por tabus e preconceitos, inviabiliza o acesso a muitos jovens e demanda mais tempo para a coleta dos dados, em virtude do tempo de espera para a autorização dos responsáveis ou da sua exclusão.

Como já se sabe, a violência entre parceiros íntimos se configura como um grave problema de saúde pública, devido as repercussões negativas para a saúde física e emocional

de seus envolvidos. Assim, é de suma importância que os profissionais da educação e da saúde, com destaque para os professores, estejam capacitados para atuarem nas ações de prevenção e enfrentamento, visto que, depois do domicílio, o âmbito escolar é o local de maior convivência social e, por muitas das vezes, se constituem como espaços preferenciais para o estabelecimento de vínculos amorosos, pela aproximação com os pares e/ou maior liberdade, em decorrência da ausência da supervisão parental.

Diante das dificuldades que permeiam estudos sobre temáticas que tratam de comportamentos e intimidade entre jovens, os resultados desta e de outras pesquisas apontam a magnitude e importância do tema, face aos desafios de investimentos em medidas preventivas e de intervenção. Ressalta-se ainda, a necessidade de novas investigações que respondam as lacunas encontradas, como por exemplo: Por que as moças têm se apresentado mais agressivas que os rapazes, nas relações de intimidade? O que mantém os jovens a dar continuidade a relações abusivas? Quais as consequências emocionais da vivência de jovens em relacionamentos violentos? Qual o papel da família, escola e serviços de saúde, para o enfrentamento da violência nas relações de intimidade entre jovens?

Por fim, espera-se que as sugestões presentes nesse estudo venham contribuir para a elaboração de políticas e programas voltadas a juventude, nos diferentes contextos sociais, visando estratégias que auxiliem no fortalecimento das ações que visem incentivar e multiplicar relacionamentos pacíficos, amorosos e saudáveis entre jovens. Essas intervenções podem contribuir para interromper o ciclo intergeracional da vitimização e agressão para os descendentes das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas** [online]. Flacso, 2015.

ACOSTA, Daniele Ferreira et al. Violência contra a mulher por parceiro íntimo: (In)Visibilidade do problema. **Texto Contexto Enferm, Florianópolis**, 2015 Jan-Mar; 24(1): 121-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00121.pdf>. Acesso em 12 jan. 2019.

ADEODATO, Vanessa Gurgel et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 108-113, Jan. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 mai 2019. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000100014>.

ALMEIDA, Ana M. O. et al. Juventude na mídia: violência e distinção social. **Educação e Cidadania**, 10(1), 1-16, 2008.

AMARAL, Nádia de Araújo; AMARAL, Cledir de Araújo; AMARAL, Thatiana Lameira Maciel. Mortalidade feminina e anos de vida perdidos por homicídio/agressão em capital Brasileira após promulgação da Lei Maria da Penha. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 980-988, 2013.

ANDRADE, Samkya Fernandes de Oliveira; ALVES, Railda Sabino Fernandes; BASSANI, Maíne Helen Pereira de Almeida. Representações Sociais sobre as Drogas: um Estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 437-449, Set. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000300437&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 May 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-37030000742017>.

ANTONIO, Tiago; KOLLER, Silvia H.; HOKODA, Audrey. Peer influences on the dating aggression process among Brazilian street youth: A brief report. **Journal of Interpersonal Violence** 2011, 20(8):1-14. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3315615/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir**. ISBN: 978-972-8852-50-4. 2011 © APAV.

APEOSP. Sindicato dos professores do ensino oficial do Estado de São de Paulo. **Violência nas escolas: o olhar dos professores**. Caderno Violência nas Escolas - Análise da Pesquisa. Sex, 16 de Agosto 2013 - 16:48.

ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba: ABGLT, 2016.

ATAÍDE, Marlene Almeida de. Namoro: uma relação de violência entre jovens casais. **Rev. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.12, n.1, p.248-270, Jan-Jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2015v12n1p248/29664>>. Acesso em 15 jan. 2019.

BABIUK, Graciele Alves; FACHINI, Flávia Granzotto; SANTOS, Gabriel Nappi. **Violência de gênero nas escolas: implicações e Estratégias de enfrentamento.** XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE, 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9780_6604.pdf>. Acesso em 19 fev. 2019.

BABO, Thays; JABLONSKI, Bernardo. **Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas.** Alceu, 4, 36-53. 2002. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Babo.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, Aug. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

BARREIRA, Alice Kelly et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 217–228, 2014.

BARREIRA, Alice Kelly; LIMA, Maria Luiza Carvalho de; AVANCI, Joviana Quintes. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 233-243, Jan. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 mar. 2018. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>.

BARUFALDI, Laura Augusta et al. Gender violence: a comparison of mortality from aggression against women who have and have not previously reported violence. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2929-2938, Sept. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902929&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 mai. 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12712017>.

BASILE, Kathleen C. et al. The Association between Self-Reported Lifetime History of Forced Sexual Intercourse and Recent Health-Risk Behaviors: Findings from the 2003 National Youth Risk Behavior Survey. **Journal of Adolescent Health**, 39 (2006) 752.e1–752.e7.

BATISTA, Nathalia Oliveira; ARAUJO, Jamille Rodrigues do Carmo de; FIGUEIREDO, Paulo Humberto Mendes. Incidência e perfil epidemiológico de suicídios em crianças e adolescentes ocorridos no Estado do Pará, Brasil, no período de 2010 a 2013. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 7, n. 4, p. 61-66, dez. 2016. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000400061&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 mai. 2018.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves et al. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1163-1171, Oct. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 mar. 2018.

BERTOLETE, José Manoel; FLEISHMANN, Alexandra. A global perspective in the epidemiology of suicide. **Suicidology** 2002, arg. 7, nr. 2.

BESERRA, Maria Aparecida et al. Prevalence and characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 183–191, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/en_1414-8145-ean-20-01-0183.pdf>. Acesso em 13 jan. 2019.

BESERRA, Maria et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, v. IV Série, n. 7, p. 91–99, 2015. Disponível em: <http://esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2554&id_revista=24&id_edicao=88>.

BEZERRA, Saulo de Castro. Estatuto da Criança e do Adolescente: marco da proteção integral. In. BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. p. 17-22. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06_0315_M.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017.

BORGES, Zulmira Newlands et al. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). **Educ. rev.**, Curitiba, n. 39, p. 21-38, Apr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 set. 2018.

BORREGO, Javier López-Cepero et al. Percepción de la victimización en el noviazgo de adolescentes y jóvenes españoles. **Revista Iberoamericana de Psicología y Salud**, v. 6, n. 2, p. 64–71, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.rips.2015.04.001>>.

BOURDIEU, Pierre. **A "juventude" é apenas uma palavra**. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANCAGLIONI, Cássia Alvarez de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation. **Rev Bras Enferm** [Internet], p. 946–955, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <<http://www.fundabring.org.br/Abrinq/documents/publicacoes/Con1988br.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018;

_____. **Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)**. Lei Federal nº 8069 de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 09 abr. 2011;

_____. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996;

_____. **Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira: construindo uma agenda nacional**/ Lucimar Rodrigues Coser Cannon et al. – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_juventude.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018;

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências: Portaria MS/GM nº 737**, de 16 de maio de 2001a, publicada no DOU nº 96. Seção 1E de 18 de maio de 2001a. Brasília: Ministério da Saúde (Série E. Legislação de Saúde; n. 8). Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/portaria737.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2017;

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Direitos humanos e violência intrafamiliar: Informações e orientações para Agentes Comunitários de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001b;

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 48 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 167). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao_maustratos_crianças_adolescentes.pdf>. Acesso em: 14 out. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005a. 340 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017;

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da

Saúde, 2005b. 60 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) ISBN 85-334-0856-0.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a Violência contra a Mulher** – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005c. 64p.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo - SINASE/** Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA, 2006a. Disponível em:

<http://www.condeca.sp.gov.br/legislacao/sinase_integra.pdf>. Acesso em: 16 out. 2011;

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/Aids.** Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. 176 p.: il. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Série Manuais; n. 69). ISBN 85-334-1290-8;

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de atenção básica.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006c. 60 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Série Pactos pela Saúde 2006c, v. 4). Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pactovolume4.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

_____. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.** Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências/ Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2006d.

_____. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências, 2006e. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

_____. **Escola que protege: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes /** Vicente de Paula Faleiros, Eva Silveira Faleiros, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008, 2ª edição. ISBN 978-85-60731-56-5 100 p. - (Coleção Educação para Todos; 31).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Álcool e outras drogas. Adolescentes e jovens para a educação**

entre pares. Saúde e Prevenção nas Escolas. 1ª edição – 1ª impressão – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 58 p. Série Manuais nº 69.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010a. 104 p.: il. - (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/consulta-publica/arquivos/1393133501.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010b. 132 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos). ISBN: 978-85-334-1680-2. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.**

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 116 p.: il. ISBN 978-85-334-2000-7.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda nacional de prioridades de pesquisa em saúde**/Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. – 2. ed., 4. reimp. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2015a. 68p. – (Série B. Textos Básicos em Saúde). ISBN 978-85-334-1249-1.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Saúde Brasil 2014: uma análise da situação de saúde e das causas externas** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 462 p.: il. ISBN 978-85-334-2329-9. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2014_analise_situacao.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

_____. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais.** – N. 2 (2018). Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2018-1. Violência contra a mulher, Brasil, periódico. 2. Violência contra a mulher,

estatística, Brasil. I. Brasil. Congresso Nacional. Senado Federal. Observatório da Mulher Contra a Violência.

BRETHERTON, Inge; MUNHOLLAND, Kristine A. (1999). Internal working models in Attachment Relationships: An construct revised. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, Research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.

BRITO, Ana Maria M. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 143-149, Mar. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BRITTO, Cristiano Quirino. **Violência e homicídios relacionados ao tráfico de drogas, em Uberlândia - MG** / Cristiano Quirino de Britto. - 2017. 236 f.: il. Orientador: Samuel do Carmo Lima. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

CAMARGO, Climene Laura de; ALVES, Eloina Santana; QUIRINO, Marinalva Dias. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 608-615, Dec. 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2018.

CAMPOS, Mariana Rocha da Silva. **Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário “Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ”** / Mariana Rocha da Silva Campos. – Feira de Santana, 201. 1f.: il. Orientadora Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2015. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/406/2/Dissertação%20Mariana%20dia%2005_07_17.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da pratica. **Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 91–113, 2013.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 485-493, out. 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 nov. 2018.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. **Psicologia**, Lisboa, v. 22, n. 1, p. 77-104, 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 fev. 2019.

CARIDADE, Sônia. **Vivências íntimas violentas**. Uma abordagem científica. Coimbra: Almedina, 2011;

CARIDADE, Sónia; MACHADO, Carla. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 91-113, 2013. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 fev. 2019.

CASSAB, Latif Antonia; BEFFA, Márcia Josefina. **Violência de gênero nas relações de namoro**. Londrina PR, 2017. II Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos. III Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais II Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental Gênero, sexualidade e etnia.

CASTAÑEDA, Myrian Pichiule et al. Violencia de pareja em jóvenes de 15 a 16 años dela comunidad de Madrid. **Rev Esp Salud Pública**. v. 88 n. 5, p. 639-652, Sept/Oct 2014.

CASTRO, Ricardo José de Souza. **Violência nas relações de namoro entre adolescentes do Recife: em busca de sentidos** / Ricardo José de Souza Castro. — Recife: R. J. S. Castro, 2009. 119 f.: il. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima, co-orientadora: Kathie Njaine.

CECCHETTO, Fátima et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 20, n. 59, p. 853–864, 2016.

CECÍLIO, Leonardo Rezende. O Brasil no cenário do tráfico internacional de drogas: Um estudo multidimensional da realidade. **Rev. SJRJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 29, p.269-88, dez. 2010.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder et al. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 72-85, Mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2019.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-43. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>>. Acesso em 14 abr. 2019.

CHAUÍ, Marilena. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. Em *Perspectivas Antropológicas da Mulher* (pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.

CHEN, May S.; FOSHEE, Vangie A.; REYES, Heathe H. Luz McNaughton. Dating Abuse: Prevalence, Consequences, and Predictors. In. LEVESQUE, Roger J. R. *Encyclopedia of Adolescence*. Second Edition. 1st edition: # Springer Science+Business Media, LLC 2011.

COHEN, Simone Cynamon et al. Habitação saudável e ambientes favoráveis à saúde como estratégia de promoção da saúde. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 191–198, 2007.

CONNOLLY, Jennifer; FURMAN, Wyndol; KONARSKI, Roman. The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. **Child Development**, v. 71, n. 5, p. 1395–1408, 2000.

COSTA, Daniella Harth da et al. Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias de vítimas^{1,2}. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 685-705, July 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300685&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 out 2018.

CUNHA, J. V. A.; FÉRES-CARNEIRO, T. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. Departamento de Psicologia.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, Mar. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 fev. 2019.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>.

DE ANTONI, Clarissa. **Vulnerabilidade e Resiliência Familiar na visão de Adolescentes Maltratadas**. 2000. Dissertação (Mestre em Psicologia). KOLLER, Sílvia Helena (orientadora). Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 179p. 2000; Disponível em: <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/clarissa_tese.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 2, p. 309-319, Aug. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 fev. 2018.

ELGAR, Frank J., et al. Structural Determinants of Youth Bullying and Fighting in 79 Countries. **Journal of Adolescent Health**. v. 57, n. 6, p. 643-650, Dec. 2015.

ELICKER, Eliane et al. Use of alcohol, tobacco and other drugs by adolescents students from Porto Velho-RO, Brazil. Use of alcohol, tobacco and other drugs by adolescent students from Porto Velho-RO, Brazil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000300399&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 jun. 2019.

FALCKE, Denise et al. Violência conjugal: um fenômeno interacional. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 81-90, 2009.

FÉLIX, Dora Sofia da Silva. **Crenças de legitimação da violência de gênero e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório**. Dora Sofia da Silva Félix. -2012. 92 f.: il Orientador: Maria João Alvarez. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia - Secção de Psicologia da Educação e da Orientação) - Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/12426595.pdf>>. Acesso em 13

jan. 2019.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; ZIVIANI, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: permanências e rupturas* (pp.83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

FERNÁNDEZ-FUERTES, Andres A.; FUERTES, Antonio. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. **Child Abuse and Neglect**, v. 34, n. 3, p. 183–191, 2010.

FERREIRA, Patrícia Sofia de Oliveira. “**A relação entre a qualidade da vinculação e o desenvolvimento emocional de crianças em idade pré-escolar**”. Patrícia Sofia de Oliveira Ferreira. – 2014. 50 f.: il Orientador António José dos Santos. Mestre em Psicologia, Especialidade em Psicologia Clínica - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3319/1/20174.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2019.

FERREIRA, Beatriz L.; LUZ, Nanci Stancki. Sexualidade e gênero na escola. In. LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salet (orgs.) **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FICHER, Ana Maria Fortaleza Teixeira; VANSAN, Gerson Antonio. Tentativas de suicídio em jovens: aspectos epidemiológicos dos casos atendidos no setor de urgências psiquiátricas de um hospital geral universitário entre 1988 e 2004. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 361-374, Sept. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2019.

FIGUEIREDO, B. et al. (2002). Maus-Tratos na infância: Trajectórias desenvolvimentais e intervenção psicológica na idade adulta. In **Violência e Vítimas de Crimes**. R. A. Gonçalves & C. Machado (Coords.) (pp 163-209). Coimbra: Quarteto

FINKELHOR, David et al. Measuring polyvictimization using the JVQ. **Child Abuse and Neglect**, v. 29, n. 11, p. 1297-1312, 2005.

FINKELHOR, David. Developmental victimology: the comprehensive study of childhood victimizations. In. DAVIS, R. C., LUIRIGIO, A. J., HERMAN, S. (Org.). **Victims of crime** (3rd ed., pp. 9-34). Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2007.

FOSHEE, Vangie A. et al. The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 42, n. 4, p. 471-486, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10964-013-9915-7>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

GARTHE, Rachel C.; SULLIVAN, Terri N.; GORMAN-SMITH, Deborah. The Family Context and Adolescent Dating Violence: A Latent Class Analysis of Family Relationships and Parenting Behaviors. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 48, n. 7, p. 1418–1432, 2019.

GELLES, Richard J. Intimate violence in families. **Thousand Oaks: Sage Publications**, 1997.

GOLDSTEIN, Arnold P. **The psychology of vandalism** / Arnold P. Goldstein. p. cm. — (The Plenum series in social/clinical psychology) Includes bibliographical references and index. ISBN 978-1-4899-0178-1. 1996.

GOLDSTEIN, Arnold P. Controlling Vandalism: The Person-Environment Duet. **Controlling Vandalism**, 2004.

GOMES, Romeu. Invisibilidade da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In MINAYO, Maria Cecília Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie, orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

GONZÁLEZ, Lira Fernández. **Prevención de la violencia en las relaciones de noviazgo: Aplicación y valoración de un programa para adolescentes Dating violence prevention: Implementation and evaluation of a program for adolescents**. Directora Marina Julia Muñoz Rivas. Madrid, 2013. Tesis Doctora, Facultad de Psicología - Departamento de Psicología Biológica y de la Salud Programa de Doctorado: Psicología Clínica y de la Salud;

GROSSI, Miriam Pillar. Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil. **Estudos Feministas**, n. especial, 2º semestre, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16179/14730>>. Acesso em 02 mai. 2019;

HÉBERT, Martine; BLAIS, Martin; LAVOIE, Francine. Prevalencia de victimización entre adolescentes en una muestra representativa de estudiantes de Secundaria de Quebec. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 17, n. 3, p. 225–233, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ijchp.2017.06.001>>. Acesso em 30 jan. 2020.

HEISE, Lori. Gender-based abuse: the global epidemic. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. S135-S145, 1994. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 jun. 2019.

HICKMAN, Laura J.; JAYCOX, Lisa H.; ARONOFF, Jessica. Dating Violence among Adolescents: Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 5, n. 2, p. 123–142, 2004.

IBASE. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Juventude Brasileira e Democracia- participação, esferas e políticas públicas**. Relatório Regional São Paulo. 2006. (Relatório de pesquisa). Disponível em <<https://www.polis.org.br/uploads/1246/1246.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2018.

IBGE. Estatísticas do registro civil 2017. p. 60, 2017. Atualizado em 16 de janeiro de 2019.

Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf>.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Relatório Nacional**. Ministério da Educação Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2014;

KRUG, Etienne G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, Organização Mundial de Saúde. 2002. Disponível em:
<<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017;

KUPPER, Agnaldo. Educação brasileira: reflexões e Perspectivas. Terra e Cultura, ano XX, nº 39, p.50-60. 2004. Disponível em <<http://docplayer.com.br/9015579-Educacao-brasileira-reflexoes-e-perspectivas.html>>. Acesso em 13 nov. 2018.

JACKSON, Susan M. Issues in the dating violence research: a review of the literature. **Aggression and Violent Behavior**, v. 4, n. 2, p. 233-247, 1999.

JUSTO, José Sterza. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, June 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 set. 2018.

LEITE, Iúri da Costa; RODRIGUES, Roberto do Nascimento; FONSECA, Maria do Carmo. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 474-481, Apr. 2004. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 mar. 2019.

LELIS, Acácia Gardênia Santos; CAVALCANTE, Vivianne Albuquerque Pereira. Pornografia de vingança: Uma análise sobre a violência de gênero, através das mídias sociais. In. DIAS, Alfrancio Ferreira; SANTOS, Elza Ferreira; CRUZ, Maria Helena Santana (Orgs.). **Gêneros, feminismo, poderes e políticas públicas: investigações Contemporâneas**. – 19º REDOR: Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero [Livro eletrônico]. / - Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora, 2016. 35000kb. 4246 p.

LIMA, Daniel Costa; BUCHELE, Fátima; CLIMACO, Danilo de Assis. Men, gender and violence against women. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 69-81, June 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LINZER, Drew A.; LEWIS, Jeffrey B. "poLCA: Na R Package for Polytomous Variable Latent Class Analysis." *Journal of Statistical Software* 42.

LIMA, Maria Luiza C de et al. Análise espacial dos determinantes socioeconômicos dos homicídios no Estado de Pernambuco. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 176-

182, Apr. 2005. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-79722002000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. 2019.

LISBOA, Carolina et al. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 345-362, 2002. Disponível
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso 14 mai. 2019.

LYRA, Jorge et al. "A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete". Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 9-21, Aug. 2002. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 mai 2019.

LÓPEZ-CEPERO, Javier et al. Percepción y etiquetado de la experiencia violenta en las relaciones de noviazgo juvenil. **Gaceta Sanitaria**, v. 29, n. 1, p. 21–26, 2015. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1016/j.gaceta.2014.07.006>>.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalence of alcohol and drug consumption among adolescents: data analysis of the National Survey of School Health. **Revista brasileira de epidemiologia = Brazilian journal of epidemiology**, v. 14 Suppl 1, n. 1, p. 136–46, 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22002150>>.

MAKEPEACE, James Michael. **Courtship Violence among College Students**. Source: Family Relations, Vol. 30, No. 1 (Jan., 1981), p. 97-102. *National Council on Family Relations*.

MATOS, Mariana Santiago de. **Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens pertencentes às camadas populares cariocas**. Mariana Santiago de Matos; Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2004. 108 f.; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

MATOS, Mariana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 21-33, 2005. Disponível em
<<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3283/2627>>. Acesso em 28 abr. 2019.

MATOS, Francisco Alex da Silva; VIANA, Samanta Silvéria da Silva; GURGEL, Carmesina Ribeiro. A violência contra professores: saberes e práticas. Campina Grande, **REALIZE Editora**, 2012. Disponível em
<<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2019.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In. SCHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; BRANCO, Viviane Castelo (Org.). **Cadernos juventude, saúde e**

desenvolvimento. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, ago. 1999, p. 230-248.

MEDRADO, Benedito. et al. Revendo a militarização da masculinidade: análises preliminares. Aracaju: Instituto PAPAI/UFPE, 2002. (Trabalho apresentado do XI Encontro da Rede Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero).

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, Sept. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902939&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 fev. 2019.

MELO-DIAS, Carlos; SILVA, Carlos Fernandes da. Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 20, n. 1, p. 101-113, mar. 2019. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200108>.

MICHENER, H. A., DELAMATER, J. D., & MYERS, D. J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning apud OLIVEIRA, Joana Andrade. **Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias**. Joana Andrade Oliveira. Orientador: Manuel Loureiro. 2011. 72 f.: il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) Covilhã.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(3):646-647, mai-jun, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/01.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017;

_____, Maria Cecília de Souza. Violência um problema para a saúde dos brasileiros. In. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017;

_____, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009;

_____, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie, (orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____, Maria Cecília de Souza. **Condição Juvenil no Século XXI**. In MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

_____, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. Maria Cecília de Souza Minayo. -14. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014. 407p.; 21cm. – (Saúde em Debate; 46).

NJAINE, Katie. **Prevenção da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais**. In. Maria Cecília Souza Minayo; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

NASCIMENTO, Ohana Cunha. **Adaptação transcultural e validação de conteúdo do questionário “Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ” – Montréal/Canadá – para o contexto do Brasil** / Ohana Cunha do Nascimento. – Feira de Santana, 2014. 195f.: il. Orientadora Maria Conceição Oliveira Costa. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2014. Disponível em: <tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/148/2/Dissertação%20Ohana_Adaptacao%20Transcultural_2014.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

NIOLON, Phyllis Holditch et al. **Preventing Intimate Partner Violence Across the Lifespan: A Technical Package of Programs, Policies, and Practices**. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention. p. 64, 2017.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. **Violências nas Relações Afetivo-Sexuais**. In. MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K., orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. **Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras TT - Physical Violence Perpetrated by Jealousy in Adolescent Dating: A Gender Approach in Ten Brazilian Capitals**. **Psicol. teor. pesqui**, v. 32, n. 3, p. 1–12, 2016.

OLIVEIRA, Sílvio Luís de. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2001.

OLIVEIRA, Joana Andrade. **Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias**. Joana Andrade Oliveira. Orientador: Manuel Loureiro. 2011. 72 f.: il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) Covilhã.

PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 165-184, nov. 2003. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862003000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jan. 2019.

PARÁ. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher" Convenção de Belém do Pará"** (1994).

PARANÁ. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Produções Didáticos-Pedagógicas. **Enfrentamento e prevenção à violência na escola articulado com a rede de Proteção**. Vol. II, p. 20, 2016. ISBN 978-85-8015-094-0. Cadernos PDE.

PEREIRA, Kátia dos Santos. **Violência contra professores nas escolas**. Consultora Legislativa da Área XV Educação, Cultura e Desporto. Estudo maio/2016. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema11/2016-7221_violencia-contra-professores-nas-escolas_katia-pereira-1>. Acesso em 14 mai. 2019.

PIHL, Robert O.; HOAKEN, Peter N. S. Biological bases of addiction and aggression in close relationships. In: Wekerle, C.; Wall, AM., editors. **The violence and addiction equation: Theoretical and clinical issues in substance abuse and relationship violence**. New York: Brunner-Routledge; 2002. p. 25-43.

PRIOTTO, Elis Palma, et al. Iniciação sexual e práticas contraceptivas de adolescentes natríplíce fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. **Rev Panam Salud Publica** 42, 2018.

RENNER, Lynette M.; WHITNEY, Stephen D. Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. **Child Abuse and Neglect**, v. 36, n. 1, p. 40–52, 2012.

REYES, Heathe Luz McNaughton et al. Heavy Alcohol Use and Dating Violence Perpetration During Adolescence: Family, Peer and Neighborhood Violence as Moderators. **Prev Sci**. 2012 August ; 13(4): 340–349. doi:10.1007/s11121-011-0215-8.

REYES, H. Luz McNaughton et al. Patterns of adolescent aggression and victimization: Sex differences and correlates. **J Aggress Maltreat Trauma**. v. 28, n.9, p. 1130–1150, 2019. doi:10.1080/10926771.2018.1466843. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6927675/pdf/nihms-1502481.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2020.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages, et al. Entre o ‘Ficar’ e o Namorar: relações afetivo-sexuais. orgs. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-

7541- 385-2. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017;

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2821-2834, Sept. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902821&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 mai. 2019.

RIVERA-RIVERA, Leonor et al. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: Baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. **Preventive Medicine**, v. 44, n. 6, p. 477–484, 2007.

ROJAS-SOLÍS, José Luis. Violencia De Pareja En Universitarios Españoles: Resultados Preliminares De Un Estudio Exploratorio. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 5, n. 1, p. 571–578, 2011.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986;

ROQUE, Eliana Mendes de Souza Teixeira; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Desvendando a violência doméstica contra crianças e adolescentes sob a ótica dos operadores do direito na comarca de Jardinópolis-SP. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 3, p. 334-344, June 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2017.

ROSSATO, Celito Francisco Zanon. ARCOVERDE, Marcos Augusto Moraes. **Bullying como violência escolar: conhecer e Dialogar para propor ações eficientes**. Produção PDE, 2012. Disponível em <2010_unioeste_gestao_artigo_celito_francisco_zanon_rossato.pdf>. Acesso em 21 fev. 2019.

ROTHMAN, Emily F. et al. Does the Alcohol Make Them Do It? Dating Violence Perpetration and Drinking Among Youth. **Epidemiol Rev.** v. 34, n.1, p. 103–119, Jan 2012. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3276314/#__ffn_sectitle>. Acesso em: 14 out. 2019.

SABINA, Chiara; STRAUS, Murray A. Polyvictimization by dating partners and mental health among U.S. college students. **Violence and Victims**, v. 23, n. 6, p. 667–682, 2008.

SAVAGE, Jon. A Criação da Juventude: como o Conceito de *Teenage* Revolucionou o Século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SANTOS, Ana Maria R.; CARIDADE, Sônia Maria M. Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 1341–1356, 2017.

SEARS, Heather A.; BYERS., Sandra; PRICE., Lisa. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. **Journal of Adolescence**, v. 30, n. 3, p. 487–504, 2007.

SHEN, April Chiung Tao; CHIU, Marcus Yu Lung; GAO, Jianxiu. Predictors of Dating Violence Among Chinese Adolescents: The Role of Gender-Role Beliefs and Justification of Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 27, n. 6, p. 1066–1089, 2012.

SIERRA, Vânia Morales; MESQUITA, Wania Amélia. Vulnerabilidades e Fatores de risco na Vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 148-155, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_11.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

SILVA, Maria Arleide da; FALBO-NETO, Gilliatt Hanois; CABRAL-FILHO, José Eulálio. Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 121-127, jan./mar. 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a15v14n1.pdf>>. Acesso em 16 abr. 2018.

SILVA, Odair Vieira. Trajetória histórica da educação escolar brasileira: análise reflexiva sobre as políticas públicas de educação em tempo integral. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia** – ISSN: 1678-300X Ano VIII – Número 16 – Julho de 2010 – Periódicos Semestral. Disponível em <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/RZlpLbZvikizJtb_2013-7-10-12-0-56.pdf>. Acesso em 19 jun. 2019.

SILVA, Valter Cardoso da; ARAÚJO, Sandro Marcos Castro de; LUZ, Nanci Stancki da. Violência de gênero: notas sobre um campo de pesquisa. In. CASAGRANDE, Lindamir S.; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes (Orgs.). **Igualdade na Diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia.**, Ed. UTFPR, 2012.

SOCCI, Vera Mota Vecchiatti. (1983). **Elaboração e validação de uma escala de atitudes em relação ao sexo.** LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt (Orientador). Tese de Doutorado. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In. BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde.** Brasília: Ministério da Saúde; 2006. p. 23-28. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books-MS/06_0315_M.pdf>. Acesso em: 02 set. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição Escolar e a Violência.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Texto disponível em: <www.iea.usp.br/artigos>. Acesso em 05 jan. 2019.

STRAUS, Murray A. Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. **Violence against women** / July 2004.

STRAUS, Murray A.; GOZJOLKO, Kristi L. “Intimate Terrorism” and Gender Differences in Injury of Dating Partners by Male and Female University Students. **Journal of Family Violence**, v. 29, n. 1, p. 51–65, 2014.

TABORDA, Joseane Adriana et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cad. saúde colet.**, Rio de

Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16-24, Mar. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2014000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 mai 2019.

TAQUETTE, Stella R. Doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes femininas de comunidades pobres do município do Rio de Janeiro: incidência e diferenças de raça/cor na vulnerabilidade às DST/Aids. **Adolesc Saude**. v. 8, n. 3, p. 18-26, Jul/Set 2011. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=282#>. Acesso em: 17 mar. 2019.

TAQUETTE, Stella Regina; RODRIGUES, Adriana de Oliveira; BORTOLOTTI, Livia Rocha. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino: um estudo qualitativo. **Rev Panam Salud Publica**. V. 37, n 4/5, p. 324-329, 2015. Disponível em <<https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2015.v37n4-5/324-329/pt>>. Acesso em 18 nov. 2018.

TAYLOR, Bruce G.; MUMFORD, Elizabeth A. A National Descriptive Portrait of Adolescent Relationship Abuse: Results From the National Survey on Teen Relationships and Intimate Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 31, n. 6, p. 963–988, 2015.

TOSCANO, Sharyl E. A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: the dynamics of the Circle. **BMC Nursing**, v. 6, n 7, 2007. DOI:10.1186/1472-6955-6-7.

TRINDADE, André Karam; GOMES, Marcelo Campos; GALUPPO, Magno Federici. Direito, arte e literatura. Organização CONPEDI/UnB/UCB/IDP/ UDF; Coordenadores: André Karam Trindade, Magno Federici Gomes, Marcelo Campos Galuppo – Florianópolis: CONPEDI, 2016.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. The state of the world's children 2011. Adolescence An Age of Opportunity.

VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. 1992. São Paulo: Ática.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol. As mulheres brasileiras no início do século XXI. In. VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. – 1. ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05629-introd.pdf>>. Acesso 10 dez. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2013. Homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA/FLASCO, 2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2014. Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro 2014. Flasco Brasil. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

WALKER, Lenore E. A. Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist. Washington, DC: **American Psychological Association**, 1994.

WHO. World Health Organization. Inequalities in young people's health. Health Behavior in School-Aged Children. International Report from 2005-2006. **Health Police for Children and Adolescents**. No 5; 2008.

WHO. World Health Organization. **The sexual and reproductive health of young adolescents in developing countries: Reviewing the evidence, identifying research gaps, and moving the agenda**. Report of a WHO technical consultation Geneva, 4–5 November 2010.

WHO. World Health Organization. **Public health action for the prevention of suicide: a framework**. 2012. 1.Suicide - prevention and control. 2.Mental health services. 3.National health programs. 4.Health planning. I.World Health Organization. ISBN 978 92 4 150357 0.

WHO. World Health Organization. **Global status report on violence prevention 2014**. **1.Violence – prevention and control**. 2.Domestic Violence. 3.Interpersonal Relations. 4.World Health Organization. ISBN 978 92 4 156479 3.

ZALUAR, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro (RJ): FGV; 2004.

ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA – INQUÉRITO PERCURSO AMOROSO DE JOVENS (PAJ)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA
TRADUÇÃO DA “ENQUÊTE PAJ – ENQUÊTE SUR LÈS PARCOURS AMOUREUX DÈS JEUNES”

ENQUÊTE PAJ



Enquete sobre o Percurso Amoroso de Jovens

PARCERIA COM A UNIVERSIDADE DO QUEBÉC A MONTRÉAL E UNIVERSIDADE LAVAL



Precisamos manter sua identidade em segredo, para isso, seu código pessoal é essencial, pois ele nos permitirá organizar o questionário que você responderá. Esse código permitirá que suas respostas sejam confidenciais e você não será identificado.

Para criar seu código pessoal, responda as questões a seguir:

Quais são as duas primeiras letras do nome de sua mãe? (exemplo: VE para VERA) ____ ____

Quais são as duas primeiras letras do nome de seu pai? (exemplo: PE para PEDRO) ____ ____

Quais são as duas primeiras letras do seu nome? (exemplo LU para LUCAS) ____ ____

Escolha a cor natural de seus cabelos entre as cores seguintes: [] louro [] ruivo [] marrom [] preto

Escolha a cor de seus olhos dentre as seguintes: [] azuis [] verdes [] marrom [] preto

NÃO SE ESQUEÇA:

- ➔ Para preencher o questionário, leia atentamente cada orientação, pois muda a depender da questão.
- ➔ Responda da forma mais completa possível e o mais verdadeira que puder: lembre-se que não há uma resposta certa, apenas a que se identifica mais com você.
- ➔ Suas respostas são muito importantes. Elas vão permitir uma melhor compreensão das relações de afeto dos jovens e de orientar os serviços para ajudar aqueles e aquelas que estão em situações que precisem de

Seção 1 – Informações Gerais

1. Qual o seu sexo? ① Masculino ② Feminino

2. Qual a sua data de nascimento?

____/____/____

3. Neste momento, com quem você mora?

- ① Com seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).
- ② Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda);
- ③ Com sua mãe
- ④ Com seu pai
- ⑤ Com um membro de sua família. Qual? _____
- ⑥ Em um centro de acolhimento
- ⑦ Com seu namorado ou sua namorada (companheiro)
- ⑧ Outro (especificar) _____

4. Você tem pais (ou pessoas que assumam a função de pais) do mesmo sexo:

- ① Homem/ homem
- ② Mulher/ mulher
- ③ Não

5. Qual o nível de escolaridade de sua mãe (ou pessoa que assuma a função de mãe)?

- ① Analfabeto
- ② cursou da 1ª a 4ª série
- ③ cursou da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Ensino médio incompleto
- ⑥ Curso técnico profissionalizante
- ⑦ Superior (universidade) incompleto
- ⑧ Superior (universidade) completo
- ⑨ Não sabe informar

6. Qual o nível de escolaridade de seu pai (ou pessoa que assumam a função de pai)?

- ① Analfabeto

- ② cursou apenas 1ª a 4ª série
- ③ cursou apenas da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Não completou o ensino médio
- ⑥ Curso técnico profissionalizante
- ⑦ Superior (universidade) incompleto
- ⑧ Superior (universidade) completo
- ⑨ Não sabe informar

7. Com relação à sua mãe: (ou pessoa que assume o papel de mãe) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregada
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentada
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

8. Com relação ao seu pai: (ou pessoa que assume papel de pai) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregado
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentado
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

9. Você nasceu no Brasil?

- ① Sim

② Não. Em que país você nasceu? _____

10. Qual destas religiões você frequenta?

- ① Católica
- ② Evangélica
- ③ Espírita
- ④ Candomblé

- ⑤ Umbanda
- ⑥ Ateu (não acredita em Deus)
- ⑦ Outra (especificar) _____
- ⑧ Nenhuma

11. Qual a frequência que você participa de atividades religiosas?

- ① Mais de uma vez por semana
- ② Uma vez por semana
- ③ Uma vez por mês
- ④ Apenas quando tem festividades (Natal, Páscoa, casamento, batizado, etc.)

12. Olhando sua família e você, como você considera a si e seus pais (ou quem assume esses papéis):

I. PAI

- ① Branco
- ② Mestiço/ pardo /moreno
- ③ Negro
- ④ Indígena
- ⑤ Outro _____

II. MÃE

- ① Branca
- ② Mestiça/ parda /morena
- ③ Negra
- ④ Indígena
- ⑤ Outro _____

III. Você

- ① Branca
- ② Mestiça/ parda /morena
- ③ Negra
- ④ Indígena
- ⑤ Outro _____

13. Qual a cidade que você mora? _____ Qual o bairro que você mora? _____

14. Em qual nível de estudos você está?

- ① Fundamental I (1ª a 5ª série)
- ② Fundamental II (6ª a 9ª série)
- ③ Ensino Médio (secundário)
- ④ Curso Técnico profissionalizante
- ⑤ CPA (séries do ensino médio condensadas)
- ⑥ EJA (Educação de Jovens e Adultos)
- ⑦ Pré- vestibular
- ⑧ Universitário. Qual o curso/ universidade? _____
- ⑨ Outro (especificar) _____

15. Você participa de alguma atividade cultural, esportiva, dança, música em alguma escola, instituição, comunidade, ONG?

- ① Sim. Qual? _____ Onde? _____
- ② Não

16. De modo geral, você diria que seu desempenho estudantil (avaliações, notas, boletins, trabalhos apresentados, etc.) pode ser considerado:

- ① Muito bom
- ② Bom
- ③ Na média
- ④ Fraco
- ⑤ Muito fraco

Seção 2. Relações afetivas e amorosas

17. Quantos dos seus amigos ou amigas...	Nenhum(a)	Um (a)	Alguns (as)	A maioria	Todos(as)
A. Abandonaram os estudos?	①	②	③	④	⑤
B. Fumaram cigarro?	①	②	③	④	⑤
C. Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica?	①	②	③	④	⑤
D. Fumaram maconha?	①	②	③	④	⑤
E. Usaram crack?	①	②	③	④	⑤
F. Usaram cocaína?	①	②	③	④	⑤
G. Usaram outras drogas? (lança perfume, anabolizantes, ecstasy)	①	②	③	④	⑤
H1. Desrespeitaram a lei do trânsito?	①	②	③	④	⑤
H2. Provocaram acidentes?	①	②	③	④	⑤
H3. Praticaram vandalismo?	①	②	③	④	⑤
I. Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)?	①	②	③	④	⑤
J. Já foram ou são forçados a serem apalpadados ou terem relações sexuais sem o seu consentimento pelo (a) namorado (a) ou companheiro (a)?	①	②	③	④	⑤

18. Marque e responda à situação que mais se aplica a você.

SITUAÇÕES	
① No momento, você tem um namorado ou está ficando com um rapaz:	Vocês estão juntos há quantos meses? _____
② No momento, você tem uma namorada, ou está ficando com uma garota:	Vocês estão juntos há quantos meses? _____
③ No momento, você não tem um namorado, mas no ano passado, teve um. <i>Se teve mais de um, responda pensando no mais recente.</i>	Quantos meses durou a relação? _____
④ No momento, você não tem namorada, mas ano passado teve uma. <i>Se teve mais de uma, responda pensando na mais recente.</i>	Quantos meses durou a relação? _____
⑤ No momento, desde o ano passado que você está sozinho, mas já teve alguém anteriormente. <i>(Há mais de 1 ano que você não está com ninguém)</i>	Vá à questão 22
⑥ Até o momento você nunca teve um(a) namorado(a).	Vá à questão 23

19. Com qual frequência as situações seguintes ocorreram durante um conflito ou discussão com seu parceiro (a), ficante ou namorado (a):

A
Nos últimos doze meses, com qual frequência seu NAMORADO (A), FICANTE OU PARCEIRO (A) se comportou desta forma com você?

B
Nos últimos doze meses, com qual frequência VOCÊ se comportou desta forma com seu namorado (a), ficante ou parceiro (a)?

Não esqueça de preencher as duas colunas!

	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais
A. Disse coisas que provocou raiva.	0	1	2	3	0	1	2	3
B. Esmurrou ou deu pontapé.	0	1	2	3	0	1	2	3
C. Estapeou ou puxou os cabelos.	0	1	2	3	0	1	2	3
D. Ameaçou fazer mal ou machucou.	0	1	2	3	0	1	2	3
E. Ameaçou bater ou atirar objetos.	0	1	2	3	0	1	2	3
F. Empurrou, sacudiu ou engarguelou.	0	1	2	3	0	1	2	3
G. Zombou/ tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (bullying).	0	1	2	3	0	1	2	3
H. Seguiu para saber com quem iria se encontrar.	0	1	2	3	0	1	2	3
ABRAÇOU, ACARICIOU OU APALPOU SEM CONSENTIMENTO								
I. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
J. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
K. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3
TENTOU MANTER UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM CONSENTIMENTO								
L. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
M. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
N. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3
MANTEVE UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO SEM CONSENTIMENTO								
O. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
P. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
Q. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3

**** Se você não vivenciou NENHUMA das situações da questão 19, passe para a questão 22.**

20. No que se refere à situação mais difícil que você viveu com seu namorado

(a), ficante ou parceiro (a):

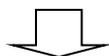
() NAMORADO, FICANTE, PARCEIRO, **ATUAL**.

() NAMORADO, FICANTE, PARCEIRO, **ANTERIOR**.

	Não	Às Vezes	Sim
A. Você tem pesadelos com o que lhe aconteceu.	①	②	③
B. Mesmo sem querer, você continua pensando no que lhe aconteceu.	①	②	③
C. Quando alguma coisa lhe lembra o que te aconteceu, procura pensar em outra coisa.	①	②	③
D1. Você se sente distante das outras pessoas.	①	②	③
D2. Perdeu o interesse pelas as coisas.	①	②	③
E. Sons barulhentos ou inesperados lhe trazem medo e sustos.	①	②	③
F. Você se sente sempre irritado(a) e com os nervos à flor da pele.	①	②	③
G. O que aconteceu lhe abalou muito.	①	②	③
H. A situação lhe trouxe medo.	①	②	③

21. Na sua convivência com seu/sua namorado(a), ficante ou parceiro(a),
nos últimos 12 meses, você chegou a ter...

	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais
A. Um machucado, uma mancha roxa, ou um corte provocado por uma briga entre vocês?	①	②	③	④
B. Um machucado provocado por causa de uma briga entre vocês que necessitou de atendimento médico?	①	②	③	④
C. Dores no corpo até o outro dia, depois de uma briga entre vocês?	①	②	③	④



22. Responda a estas três situações pensando em todas as relações amorosas que você teve desde os 12 anos (sem contar os últimos 12 meses).

VEJA QUE AS SITUAÇÕES DAS COLUNAS (A) E (B) SÃO DIFERENTES

A

Desde que você tinha doze anos, seu namorado(a), ficante ou parceiro(a) fez esses gestos em direção a você

B

Desde que você tinha doze anos, você fez esses gestos para um dos seus namorados(as), ficantes, parceiros (as)

	Sim	Não	Sim	Não
A. Ameaçou, machucou ou feriu.	①	②	①	②
B. Empurrou, sacudiu ou segurou com força.	①	②	①	②
C. Obrigou a ter um contato sexual (apalpou, acariciou, teve relação sexual com ou sem penetração) sem consentimento.	①	②	①	②

23. Entre um casal de adolescentes e jovens podem acontecer conflitos ou desavenças. Para cada uma das afirmações abaixo, MARQUE A RESPOSTA QUE CORRESPONDE AO QUE VOCÊ PENSA, OU SEJA, SUA OPINIÃO sobre cada situação. Por favor, responda a todas as situações.

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO ÀS VEZES	CONCORDO ÀS VEZES	CONCORDO TOTALMENTE
UM CASAL HETEROSSEXUAL (1 RAPAZ E 1 GAROTA)				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas da garota.	①	②	③	④
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas do rapaz.	①	②	③	④
C. É correto o rapaz bater se a garota bate primeiro.	①	②	③	④
D. É correto a garota bater se o rapaz bate primeiro.	①	②	③	④
E. É aceitável que um rapaz dê um tapa na garota para que ela pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	①	②	③	④
F. É aceitável que uma garota dê um tapa no rapaz para que ele pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	①	②	③	④
UM CASAL HOMOSSEXUAL (2 RAPAZES OU 2 GAROTAS)				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas do outro rapaz.	①	②	③	④
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas da outra garota.	①	②	③	④
C. É correto o rapaz bater se o outro rapaz bate primeiro.	①	②	③	④
D. É correto a garota bater se a outra garota bate primeiro.	①	②	③	④
E. É aceitável que um rapaz dê um tapa no outro rapaz para que ele pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	①	②	③	④
F. É aceitável que uma garota dê um tapa em sua garota para que ela pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	①	②	③	④

24. Com qual frequência estas situações abaixo aconteceram com você desde os seus 12 meses? Quem foi a pessoa envolvida (marque a opção antes de responder às situações).

() Amigo/ Amiga () Ficante, namorado(a), parceiro(a)

	NUNCA	ÀS VEZES	QUASE SEMPRE	FREQUENTEMENTE	SEMPRE
A. Você procurava ajuda dessa pessoa quando estava chateado (a).	①	②	③	④	⑤
B. Você pedia ajuda a essa pessoa quando algo lhe acontecia.	①	②	③	④	⑤
C. Essa pessoa te encorajou a fazer coisas que você gostaria de fazer, mas que você sentia medo de tentar.	①	②	③	④	⑤
D. Esta pessoa lhe encorajou a ir em busca de objetivos e planos futuros.	①	②	③	④	⑤
E. Esta pessoa demonstrou que lhe apoia em suas atividades.	①	②	③	④	⑤
F. Esta pessoa buscou sua ajuda quando algo incomodava a ela	①	②	③	④	⑤
G. Esta pessoa buscou sua ajuda quando esteve inquieta por algum motivo.	①	②	③	④	⑤

H. Esta pessoa lhe procurou quando ela esteve em dificuldades.	①	②	③	④	⑤
I. Você encorajou esta pessoa a ir em busca de novas coisas que gostaria de fazer, mas que o deixavam nervoso(a).	①	②	③	④	⑤
J. Você encorajou esta pessoa a ir em busca de seus objetivos e planos futuros.	①	②	③	④	⑤
K. Você demonstrou a esta pessoa que a apoiava em suas atividades.	①	②	③	④	⑤

25. Independente de estar convivendo ou não com alguém, IMAGINE-SE NUMA DAS SEGUINTE SITUAÇÕES.

Até que ponto você...	De forma nenhuma	Pouco provável	É bem provável	Com certeza
A. ...poderia romper com seu namorado (a), ficante ou parceiro(a) caso fosse ofendido (a) constantemente?	①	②	③	④
B. ...poderia fazer qualquer coisa para ajudar alguém que foi agredido pelo namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
C. ...poderia avisar a alguém de sua confiança que o seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a) está sendo agredido (a) por alguém?	①	②	③	④
D. ...poderia pedir ajuda a alguém se seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a) lhe obrigasse a manter relações sexuais?	①	②	③	④
E. ...poderia dizer a alguém em quem confiasse que você foi agredido (a) por namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
F. ...poderia dizer a alguém de sua confiança que você praticou algum ato violento direcionado ao seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
G.poderia incentivar um(a) amigo(a) que sofreu violência a falar sobre isso com um adulto de confiança dele (a)?	①	②	③	④
H. ...poderia avisar a um adulto que um amigo/uma amiga sofreu violências por parte do(a) namorado(a), parceiro (a) ou ficante?	①	②	③	④

26. Escreva em poucas palavras sobre a EXPERIÊNCIA MAIS DIFÍCIL que você viveu em suas relações amorosas. Se você ainda não teve uma relação amorosa, pense nas suas interações com amigos(as).

a) Como foi a situação?

b) Fale sobre a outra pessoa envolvida.

c) Fale sobre o que vocês fizeram.

d) Quais os seus sentimentos no exato momento em que aconteceu?

e) Quais os seus sentimentos depois do acontecido?

27. Agora, escreva três palavras que você associa à mais bela experiência de relações amorosas que você gostaria de viver.

Pode ser desagradável lembrar certos momentos em nossas vidas. Se você acha que precisa de ajuda, nós incentivamos a falar com um adulto de sua confiança ou você pode usar os recursos que você tem. Caso você precise, peça para falar com o assistente de pesquisa, que ele te ajudará a encontrar pessoas que irão lhe ajudar. Não se preocupe!

Seção 3. Difíceis Experiências

28. Para as próximas questões, indique se alguma(s) aconteceu com você. Em caso afirmativo, marque quem eram os envolvidos.

	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais		Estudantes/ Colega da Escola	Ex- Namorado ou namorada	Amigo/ amigas	Treinador/ Instrutor, professor	Pessoa de confiança da comunidade ²	Orientador religioso	Desconhecido
A. ...alguém lhe fez se sentir excluído ou deixado de lado?	0	1	2	3	Quais as pessoas envolvidas?	1	2	3	4	5	6	7
B. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) por via eletrônica (Facebook, Myspace, MSN, WhatsApp, Line, SMS/ celular, e-mails, etc.)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
C. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) na escola ou fora dela (exceto por via eletrônica)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
D. ...você foi tratado (a) de forma injusta por causa de sua orientação sexual?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
E. ...você foi alvo de comentários, piadas, ou gestos de conotação sexual (alguém assobiou, ou fez outros gestos obscenos)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
F. ...uma outra pessoa, lhe apalpou, apertou ou se esfregou em você de maneira sexual sem o seu consentimento?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7

Não se esqueça de preencher as 2 colunas!

² Padeiro, farmacêutico, taxista do bairro, vigilante da rua, moço do mercadinho.

29. Os jovens utilizam diferentes estratégias para enfrentarem os seus problemas e situações estressantes. Indique se você já utilizou uma das seguintes estratégias para lidar com essas situações.

	Nunca	Apenas uma vez	Algumas vezes	Várias vezes
A. Você tenta não pensar no problema.	①	②	③	④
B. Você tenta resolver o problema com ajuda de seus amigos.	①	②	③	④
C. Você pensa no problema e tenta encontrar diferentes soluções.	①	②	③	④
D. Você tenta esquecer o problema com ajuda de bebida ou drogas.	①	②	③	④
E. Você, propositadamente se fere (ex. se corta ou se queima, arranca tufo de seus cabelos, roer unhas, etc.).	①	②	③	④
F. Você chora.	①	②	③	④
G. Você libera sua raiva batendo ou gritando.	①	②	③	④
H. Você deseja que isso jamais tenha acontecido.	①	②	③	④
I. Você deixa prá lá, pois nada pode fazer e nada mudaria.	①	②	③	④
J. Você discute o problema com seus pais ou com outros adultos.	①	②	③	④
K. Você tenta buscar ajuda de outras pessoas que estejam numa mesma situação.	①	②	③	④
L. Você age como se nada tivesse acontecido.	①	②	③	④

30. No curso dos últimos 12 meses ...

	Sim	Não
A. ...você participou de um ou vários encontros de um grupo de pessoas com problema psicológico ou emocional?	①	②
B.você se consultou com médico(a), ou um(a) enfermeiro(a) devido a algum problema emocional?	①	②
C....você levou ao conhecimento de um(a) assessor(a) pedagógico, psicólogo ou assistente social algum problema seu?	①	②
D. ...você pediu medicamentos a um médico para tratar de um problema emocional ou psicológico?	①	②



Se você é um rapaz... Responda esta questão:

31. Você foi tratado de forma injusta porque lhe consideravam pouco masculino?

① Sim. Quando? _____ Como foi?

② Não

③ Não sabe dizer



Se você é uma garota... Responda esta questão:

31. Você foi tratada de forma injusta porque lhe consideravam pouco feminina?

① Sim. Quando? _____ Como foi?

② Não

③ Não sabe dizer

PODE SER DIFÍCIL RESPONDER À QUESTÃO QUE SE SEGUE.

Se você tem necessidade de ajuda, nós lhe aconselhamos a falar sobre isso com um adulto de sua confiança. Peça ajuda ao assistente de pesquisa presente no local, e caso você precise ele lhe encaminhará.

32. Você já pensou **SERIAMENTE** em tentar se suicidar?

① Não---→ Ir à pergunta 35

② Sim --→ Você colocou sim? Passe para a próxima questão.

33. Você já tentou se suicidar?

① Não

② Sim



34. Quantas vezes você tentou se suicidar?

① Uma vez

② Mais de uma vez

35. A lista abaixo são situações que podem ter lhe acontecido no decorrer da vida.

Assinale SIM ou NÃO:

	SIM	NÃO
A. Você já foi envolvido(a) em um sério acidente de carro no qual você ficou ferido(a)?	①	②
B. Você já vivenciou o divórcio, separação ou brigas dos seus progenitores (pais) ou pessoas que tinham este papel?	①	②
C. Você já foi detido ou ficou sob a proteção do Conselho Tutelar ou Delegacia de Polícia?	①	②
D. Você já vivenciou a morte ou doença grave de um(a) parente próximo(a)?	①	②
E. Você já testemunhou violência contra alguém, inclusive contra algum membro da família?	①	②
F. Você já foi agredido fisicamente por um membro da família?	①	②

VOCÊ JÁ FOI TOCADO /ACARICIADO(A) SEXUALMENTE SEM SEU CONSENTIMENTO (OBRIGADO(A) ATRAVÉS DE CHANTAGEM OU UTILIZAÇÃO DA FORÇA FÍSICA) POR

G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(a)

①

②

G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador(a), instrutor(a) etc...)?	①	②
H2... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②
I ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?), amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②

COM EXCEÇÃO DAS CARÍCIAS SEXUAIS CITADAS ACIMA, VOCÊ JÁ FOI CONSTRANGIDO OU OBRIGADO POR CHANTAGEM OU USO DA FORÇA PARA TER UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO (ORAL, VAGINAL, ANAL), COM ...

G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(ã))	①	②
G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador, instrutor etc...)?	①	②
H2 ... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②
I. ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?)- amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②

AS RESPOSTAS SEGUINTESE REFEREM À TABELA ANTERIOR

36. Se você respondeu *SIM* em pelo menos uma das situações da questão 35 (anterior), responda às frases abaixo.

Se você respondeu *NÃO* a todas as situações, *passe para a questão 37*.

Para responder esta questão, pense nas suas reações a respeito do acontecimento mais difícil que você viveu listados na questão anterior.

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	QUASE SEMPRE	SEMPRE
A. Você fica abalado(a), triste ou nervoso(a) quando alguma coisa lhe faz lembrar o que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
B. Você tem pensamentos e imagens perturbadoras do que aconteceu e isto vem à mente mesmo contra sua vontade.	①	②	③	④	⑤
C. Você se sente mal humorado(a) e fica enraivado(a) facilmente	①	②	③	④	⑤
D. Você tenta não falar, não pensar e não sentir nada em relação ao que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
E. Você tem dificuldades em dormir e acorda constantemente durante a noite.	①	②	③	④	⑤
F. Você tem dificuldades em se concentrar e em prestar atenção.	①	②	③	④	⑤

G. Você tenta ficar distante de pessoas, lugares ou coisas que lhe lembram o que aconteceu.

①

②

③

④

⑤

H. Você tem pesadelos, inclusive sonhos que lhe lembram o que aconteceu.

①

②

③

④

⑤

I. Você se sente sozinho(a) e distante das outras pessoas.

①

②

③

④

⑤

Seção 4. Comportamentos Sexuais

37. Marque a frase que descreve melhor a SUA situação NOS ÚLTIMOS 12 MESES:

- ① Você anda somente com amigos(as) de mesmo sexo que você.
- ② Você participa de grupos com garotos e garotas.
- ③ Você tem um(a) garoto (a) que você encontra somente em grupo de garotos e garotas.
- ④ Você tem um(a)garoto (a) que você encontra num grupo de garotos e garotas e também à sós.
- ⑤ Você tem um(a) garoto (a) que você só encontra à sós.

38. Com quantas pessoas você saiu como namorado (a), parceiro(a) ou ficante NOS ÚLTIMOS 12 MESES?

Escreva um número exato (exemplo: 2)

Número de pessoas: _____

39. DURANTE O ÚLTIMO MÊS, como você descreveria seu grau de desejo ou de interesse sexual?

- ① Muito elevado.
- ② Elevado.
- ③ Moderado.
- ④ Fraco.
- ⑤ Muito fraco ou ausente.

40. As pessoas são diferentes em sua forma de se sentirem atraídas pelos outros. Qual destas descrições representa melhor os seus sentimentos? Sexualmente, VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR...

- ① Ninguém.
- ② SOMENTE por pessoas do mesmo sexo que você.
- ③ PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo que você.
- ④ Pelos dois sexos.
- ⑤ PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo.
- ⑥ SOMENTE por pessoas de outro sexo.
- ⑦ Você não sabe, não está bem seguro(a)e/ ou se questiona sobre o assunto.

Se você nunca teve relações sexuais, pule para a questão 46.

41. Até agora, quando você teve CONTATOS SEXUAIS QUE VOCÊ CONSENTIU, carícias sexuais ou penetração oral, vaginal ou anal...

- ① ...foi sempre com garotos.
- ② ...foi sempre com garotas.
- ③ ...foi mais frequentemente com garotos.
- ④ ...foi mais frequentemente com garotas.
- ⑤ ...era tanto com garotos quanto com garotas.

42. Qual idade você tinha quando aconteceu, pela primeira vez, RELAÇÃO SEXUAL COM SEU CONSENTIMENTO COM PENETRAÇÃO, oral, vaginal ou anal?

Você tinha _____ anos.

43. Com quantas pessoas, durante sua vida, você teve RELAÇÕES SEXUAIS COM SEU CONSENTIMENTO COM PENETRAÇÃO (oral, vaginal, anal)

Escreva um número exato (exemplo 2).

Número de parceiro (a)s sexuais: _____

44. Até agora, quantas vezes você utilizou camisinha/ preservativo durante as relações sexuais com seu consentimento com penetração oral, vaginal, anal?

- ① Você jamais teve relação sexual com penetração.
- ① Nenhuma vez.
- ② Às vezes.
- ③ Aproximadamente na metade das vezes.
- ④ Na maioria das vezes.
- ⑤ Todas as vezes.

SE VOCÊ NÃO TEVE CONTATOS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS 12 MESES, passe para a questão 46.

45. Pensando nos últimos 12 meses, responda às questões 44 A e 44 B nas **colunas I, II III e IV** marcando com X a resposta apropriada para cada tipo de pessoa do quadro abaixo com as quais você teve **CONTATOS SEXUAIS COM SEU CONSENTIMENTO**.

Quando você teve contatos sexuais com mais de uma pessoa, responda pensando no **CONTATO SEXUAL MAIS RECENTE**.

45. A OBSERVAÇÃO → NÃO SE ESQUEÇA DE PREENCHER OS BLOCOS 45.A e 45.B	I		II		
	Dentre os diferentes tipos de contatos sexuais, qual ou quais você teve com esta pessoa? (Você pode assinalar mais de uma resposta)		No momento do contato sexual, desde quando você conhecia essa pessoa? (Só é possível um X para cada tipo de parceiro)		
	Carícias sexuais	Penetração oral, vaginal, anal	Acabaram de se encontrar	Menos de 1 mês	Mais de um mês
A. Seu namorado ou sua namorada atual.					
B. Um ex-namorado ou ex-namorada e vocês <u>não estavam mais juntos</u> .					
C. Seu ou sua melhor amigo(a).					
D. Um(a) amigo(a) qualquer.					
E. Alguém encontrado na internet.					
F. Um(a) conhecido(a) seu ou da sua família (frequenta sua casa).					
G. Um(a) profissional da educação (instrutor(a), treinador(a), professor(a), ajudante, etc.).					
H. Alguém que você não conhecia (Desconhecido(a)).					
I. Orientador(a) religioso(a) (padre, pastor(a)...).					
J. Vizinho(a).					
K. Pessoa conhecida da comunidade.					

45. B	III		IV		
	Quantas vezes você teve contatos sexuais com essa pessoa? (Só é possível um X para cada tipo de parceiro)		Qual era a diferença de idade entre você e essa pessoa? (Só é possível um X para cada tipo de parceiro)		
	Somente uma vez	Mais de uma vez	0 a 2 anos	3 a 4 anos	5 anos ou mais

A. Seu namorado ou sua namorada atual.					
B. Um ex-namorado ou ex-namorada e vocês <u>não estavam mais juntos</u> .					
C. Seu ou sua melhor amigo(a).					
D. Um(a) amigo(a) qualquer.					
E. Alguém encontrado na internet.					
F. Um(a) conhecido(a) seu ou da sua família (frequenta sua casa).					
G. Um(a) profissional da educação (instrutor(a), treinador(a), professor(a), ajudante, etc.).					
H. Alguém que você não conhecia (Desconhecido(a)).					
I. Orientador(a) religioso(a) (padre, pastor(a)...).					
J. Vizinho(a).					
K. Pessoa conhecida da comunidade.					

46. Você já engravidou ou já deixou uma garota grávida?

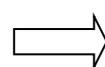
① Sim

② Não

47. No curso de sua vida, você recebeu algum dinheiro, droga, bebida alcoólica, presentes, um lugar para dormir ou outra coisa, em troca de um contato sexual (carícias, penetração oral, vaginal ou anal) com qualquer outra pessoa que não seu/sua namorado(a)?

① Nunca *** Passe à pergunta 50 .

{ ① 1 a 3 vezes
② 4 a 10 vezes
③ 11 vezes e mais }



Responda às questões seguintes

48. Quem estava envolvido?

① Um(a) jovem com até 18 anos.

② Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos).

③ Tanto jovens quanto adultos

49. Este acontecimento foi...

① ...sempre com garotos (homens).

② ...sempre com garotas (mulheres).

③ ...quase sempre com garotos (homens).

④ ...quase sempre com garotas (mulheres).

⑤ ...tanto com garotos (homens) quanto com garotas (mulheres).

Seção 5. Família

Não se esqueça que:

As questões que seguem dizem respeito a seu pai e sua mãe. Por "pai" ou "mãe" quer dizer: pai ou mãe biológico, adotivos, ou qualquer outro que desempenhe esse papel com você (exemplo: madrasta, padrasto, avós, pais da família de adoção).

50. Para cada uma das afirmações, marque ou preencha a coluna que corresponda à resposta que melhor indique a sua situação:

	Não	Às Vezes	Sim
A. Sua mãe/susstituto(a) está disponível quando você precisa?	①	②	③
B. Seu pai/ susbstituto(a) está disponível quando você precisa?	①	②	③
C. Sua mãe/ susbstituto(a) se preocupa com você?	①	②	③
D. Seu pai/ susbstituto(a) se preocupa com você?	①	②	③
E. Você pode contar com sua mãe/susstituto(a) para resolver seus problemas?	①	②	③
F. Você pode contar com seu pai/ susbstituto(a) para resolver seus problemas?	①	②	③
G. Sua mãe/ substituto(a) lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes?	①	②	③
H. Seu pai/ substituto(a) lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes?	①	②	③

	A				B			
	Durante sua vida, viu seu pai/substituto(a) fazer isso com sua mãe				Durante sua vida, viu sua mãe substituto(a) fazer isso com seu pai			
	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +
A. Insultar, xingar, gritar, injuriar	①	②	③	④	①	②	③	④
B. Ameaçar de bater, destruir um objeto do outro	①	②	③	④	①	②	③	④
C. Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir	①	②	③	④	①	②	③	④
D. Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede	①	②	③	④	①	②	③	④

Não esqueça de preencher as 2 colunas!



52. Pensando em sua mãe e/ou em seu pai (ou substitutos(as)) indique como eles agiram com você. Seus pais...

Não tenho contato ou moro com eles há menos de um ano

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Quase sempre	Sempre
A. ...dizem a que horas você deve voltar quando sai	①	②	③	④	⑤
B. ...gostam de saber onde você vai e com quem anda	①	②	③	④	⑤

C. ...pedem para deixar um aviso ou telefonar para lhes informar onde você vai	①	②	③	④	⑤
D. ...dizem como encontrá-los quando não estão em casa	①	②	③	④	⑤

Seção 6 - Comportamentos e hábitos de vida

53. NO CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, em torno de quantas vezes...	Nunca	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 vezes ou mais
A ...você saiu uma noite toda sem permissão?	①	②	③	④
B ...você fugiu do lugar onde mora?	①	②	③	④
C ... você estragou ou destruiu alguma coisa que não lhe pertencia porque você quis?	①	②	③	④
D ...você roubou algo?	①	②	③	④
E ...você brigou com alguém desejando feri-lo seriamente?	①	②	③	④
F ...você levou uma arma como meio de defesa ou para utilizá-la numa briga?	①	②	③	④

54. Você já consumiu bebida alcoólica ou droga?

① Sim. Você respondeu SIM? **Responda às questões 54 e 55.** ② Não. Respondeu Não? **Passa para a questão 56.**

54 a. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas doses (quantos copos) de bebida alcoólica você consumiu **em uma mesma ocasião?** _____ vezes.

54 b. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu **5 ou mais doses (copos)** de bebida alcoólica **em uma mesma ocasião?** _____ vezes.

55. EM ALGUMA OCASIÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu essas substâncias?

	Nunca consumiu	Ocasionalmente	Mais ou menos uma vez por mês,	No fim de semana ou 2 vezes por semana	3 vezes por semana mas não todos os dias	Todos os dias
A. Bebida alcoólica	①	②	③	④	⑤	⑥
B. Maconha, haxixe, etc..	①	②	③	④	⑤	⑥
C. Cocaína	①	②	③	④	⑤	⑥
D. Crack	①	②	③	④	⑤	⑥

E. Outros (ecstasy, anfetaminas, ácido, etc.).

① ② ③ ④ ⑤

Seção 7-Sentimentos e Emoções

56. Nos últimos 12 meses, com qual frequência você se sentiu...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre
A. ...esgotado(a), sem nenhuma razão para isso.	①	②	③	④	⑤
B. ...nervoso(a).	①	②	③	④	⑤
C. ...tão nervoso (a) que nada podia lhe acalmar.	①	②	③	④	⑤
D. ...desesperado(a).	①	②	③	④	⑤
E. ...agitado(a) ou não se aguentando.	①	②	③	④	⑤
F. ...tão agitado(a) que não podia ficar parado.	①	②	③	④	⑤
G. ...triste ou deprimido(a).	①	②	③	④	⑤
H. ...tão deprimido(a) que nada podia lhe fazer sorrir.	①	②	③	④	⑤
I. ...como se tudo fosse uma carga/ peso.	①	②	③	④	⑤
J. ...um zero à esquerda, um trapo.	①	②	③	④	⑤

57. Escolha a resposta que descreve melhor o que você pensa.

	Falso	Quase sempre falso	Às vezes falso/às vezes verdadeiro	Quase sempre verdadeiro	Verdadeiro
A. Você acha difícil encontrar as palavras certas para descrever suas emoções.	①	②	③	④	⑤
B. Quando você está perturbado(a), não sabe se está triste, se tem medo, ou se está com raiva.	①	②	③	④	⑤
C. Você sente emoções que não consegue identificar com clareza.	①	②	③	④	⑤
D. Você está sempre confuso(a) com as emoções que sente.	①	②	③	④	⑤
E. Em geral, você gosta de si mesmo.	①	②	③	④	⑤
F. Em geral, você tem muitas razões para ter orgulho de si mesmo.	①	②	③	④	⑤
G. Você tem muitas qualidades.	①	②	③	④	⑤
H. Quando você faz alguma coisa, faz bem feito.	①	②	③	④	⑤
I. Você gosta de sua aparência física .	①	②	③	④	⑤
J. Você é capaz de se adaptar às mudanças.	①	②	③	④	⑤
K. Você tem o hábito de dar a volta por cima após um acontecimento difícil.	①	②	③	④	⑤

L. Você vê o futuro com esperança e entusiasmo.	①	②	③	④	⑤
M. Quando você pensa no futuro, espera ser mais feliz que agora.	①	②	③	④	⑤
N. O futuro lhe parece vago e incerto.	①	②	③	④	⑤

58. Quantos amigos(as) próximos(as) você poderia de fato confiar ou falar se tivesse um problema sério?

Número de amigos (as): _____ Quem são esses(as) amigos(as)? _____

59. Você acredita que as seguintes pessoas poderiam lhe escutar e lhe encorajar se você tivesse necessidade?	Não tenho ninguém	De forma alguma	Um pouco	Muito
A. Um de seus pais/ substitutos	①	②	③	④
B. Um adulto confiável (exemplo: professor(a), treinador(a), instrutor(a), coordenador(a), etc.).	①	②	③	④
C. Um dos seus irmãos ou irmãs.	①	②	③	④
D. Um (a) de seus amigos(as).	①	②	③	④
E. Seu ou sua namorado(a).	①	②	③	④
F. Uma outra pessoa de sua família.	①	②	③	④

60. Atualmente, você pratica algum esporte ou pertence à algum grupo que lhe motive aos esportes ou outras atividades? Marque as alternativas:

- ① Não participo.
- ② Grupo de jovens de igreja.
- ③ Centros comunitários.
- ④ Organização esportiva (clube, equipe, academia).
- ⑤ Outro. Qual? _____

**O questionário terminou.
Obrigado por sua colaboração!**

Se você tem dificuldades, fale sobre isso a quem você confia (um dos seus pais, um vizinho, um professor, o psicólogo de sua escola, a coordenadora pedagógica) ou ao assistente de pesquisa.

ANEXO 2: LIBERAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO



Educação



FEIRA DE SANTANA

Feira de Santana, 19 de setembro de 2017.

OFÍCIO SEDUC/GAB Nº 281/2017
Srª. Maria Conceição Oliveira Costa
Professora Titular da UEFS
Coordenadora do NNEPA e Responsável pela Pesquisa

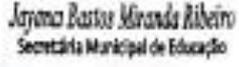
Prezada Senhora,

Em resposta ao Ofício nº 34/2017 do Núcleo de Estudos e Pesquisa na Infância e Adolescência- NNEPA/UEFS do Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva, a Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana/BA apresenta anuência para a sua participação no projeto que será submetido ao Programa Pesquisa para o Sistema Único de Saúde- PPSUS, intitulado "Saúde de Jovens e Violência".

Dessa forma, estamos à disposição para os devidos encaminhamentos.

Atenciosamente,


Profa. Jayana Bastos Miranda Ribeiro
 Secretária Municipal de Educação


 Jayana Bastos Miranda Ribeiro
 Secretária Municipal de Educação

Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana
 Av. Senhor dos Passos, nº 197 - Centro
 Fone: 36035950 Email: seduc.gab@pmfs.ba.gov.br

ANEXO 3: LIBERAÇÃO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO



SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO
NÚCLEO TERRITORIAL - NTE 19

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

Feira de Santana, 18 de setembro de 2017.

Declaração

Venho por meio desta, formalizar a autorização para realização da coleta de dados pela equipe do Núcleo de estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), referente ao projeto SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, nas escolas jurisdicionadas a este Núcleo Territorial de Educação.

Atenciosamente,



Izabela dos Santos Lima
Diretor - NTE 19
Aut. 19/144/15

ANEXO 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência. Este estudo tem como responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa, da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. A equipe de pesquisa é composta por alunos de doutorado, mestrado e cursos de graduação. Essa pesquisa já foi realizada no Canadá e através da sua colaboração, poderá ser realizada aqui no Brasil. Através dela será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade, escolas e vocês, alunos, serão informados sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa, exibindo através de tabelas e gráficos os resultados gerais. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, ou seja, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135.CEP: 44036-900- Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo 6. *Home page*: <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado.

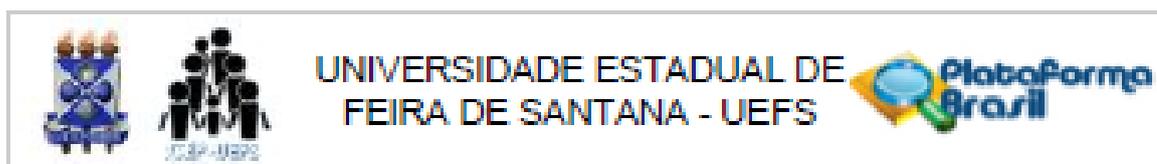
Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas e caso você se sinta prejudicado, você será indenizado. Esta pesquisa inclui o risco de perda dos seus dados. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

Feira de Santana, ____ de _____ de 20__.

Participante: _____

Pesquisador Responsável: _____

ANEXO 5: PARECER CONSUBSTANCIADO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES

Pesquisador: Maria Conceição Oliveira Costa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 89084517.8.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.929.344

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA), cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq desde 1998, constitui um dos núcleos de pesquisa que integra o Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da UEFS. O presente projeto possui dois subprojetos.

SUB PROJETO I - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde Impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS.

SUB PROJETO II - Violência entre casais jovens (dating violence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.

A coordenadora do Projeto é a Profª Drª Maria Conceição Oliveira Costa e os colaboradores: profa Jamilly de Oliveira Musse e o Prof. Jeidson Antônio Morais Marques, ambos da UEFS. As instituições participantes do projeto são: Secretaria de Saúde do Estado – SESAB – Vigilância e Proteção à Saúde - SUVISA e Diretoria de Vigilância Epidemiológica – DIVEP; Secretaria Municipal de Saúde de Feira de

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3181-8124

E-mail: cep@uefs.br